

MILITIA

N.º 73 — ANO XI — JANEIRO / FEVEREIRO — 1958

SUMÁRIO

NOSSA CAPA 86

EDITORIAL 5

DIVERSOS

O Escudo — Hélio A. A. Dutra de Azevedo	5
Algumas Considerações Sobre Imigração — Prof. Paulo Henrique	12
Sinfonia Triste da Cidade Grande — Cap. Plínio D. Monteiro	23
Relações Públicas — Mário Greco	32
O Primeiro Reator Atômico da América Latina — Prof. H. P. Heilmann	35
Ouro Preto — Walter Nogueira da Silva	39
Batista Cepelos — Walter Nogueira da Silva	40

NOTÍCIAS DAS CO-IRMÃS

Alagoas	60
Bahia	60
Distrito Federal	62
Gaiás	64
Minas Gerais	64
Pará	67
Pernambuco	69
Rio Grande do Sul	70
Santa Catarina	72

NOTICIÁRIO

Um Sério Problema da Cruz Azul de S. P. — cel Pedro M. Magalhães	74
Posse da Nova Diretoria da A.O.R.R.F.P. — Major O. O. Pimentel	80

RECREAÇÕES

Palavras Cruzadas — Cap. Plínio D. Monteiro	86
---	----



MILHÕES DE CRUZEIROS EM CONHECIMENTOS...

Só em 1957, mais de cem engenheiros e técnicos brasileiros foram estudar nos Estados Unidos, por conta da General Motors. Muitos outros os estão seguindo, dentro do maior e mais custoso plano de treinamento jamais lançado na indústria automobilística brasileira. Ao voltarem, esses moços trazem con-

sigo um cabedal precioso: experiência técnica acumulada durante muitas gerações. Seus conhecimentos, aplicados à execução dos planos da GMB para produzir os caminhões Chevrolet no Brasil, equivalem a um investimento "invisível" de valor incalculável, em prol do progresso da economia nacional.

GENERAL MOTORS



DO BRASIL S.A.

em Chevrolet do Brasil para o Brasil!



Banco do Estado de S. Paulo S. A.

CAPITAL REALIZADO: Cr\$ 500.000.000,00

DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — CÂMBIO
— COBRANÇAS — TRANSFERÊNCIAS — TÍTULOS —
COFRES DE ALUGUEL — DEPÓSITOS NOTURNOS

73 AGÊNCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO E
7 EM OUTROS ESTADOS

AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES —
RAPIDEZ — EFICIÊNCIA

AGÊNCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO

Adamantina	Gália	Piraçununga
Aeropôrto de Congonhas (Capital)	Guaratinguetá	Pompéia
Andradina	Ibitinga	Presidente Prudente
Amparo	Itapetininga	Presidente Venceslau
Araçatuba	Itapeva	Quatá
Araraquara	Itu	Rancharia
Araras	Ituverava	Registro
Atibaia	Jaboticabal	Ribeirão Preto
Avaré	Jau	Rio Claro
Barretos	Júndiaí	Santa Cruz do Rio Pardo
Batatais	Lençóis Paulista	Santo Anastácio
Bauru	Limeira	Santos
Bebedouro	Lins	S. Bernardo do Campo
Birigüí	Lucélia	São Carlos
Botucatu	Marília	São João da Boa Vista
Bragança Paulista	Mirassol	São Joaquim da Barra
Brás (Capital)	Mogi-Mirim	São José do Rio Pardo
Caçapava	Novo Horizonte	São José do Rio Preto
Campinas	Olímpia	São Simão
Campos do Jordão	Ourinhos	Sorocaba
Casa Branca	Palmital	Taubaté
Catanduva	Penápolis	Tanabi
Dracena	Pinhal	Tietê
Franca	Piracicaba	Tupã
	Pirajúí	

AGÊNCIAS EM OUTROS ESTADOS

Anápolis — Goiás	Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul
Goiânia — Goiás	Rio de Janeiro — Distrito Federal
Campo Grande — Mato Grosso	Uberlândia — Minas Gerais
Natal — Rio Grande do Norte	

M A T R I Z :

PRAÇA ANTÔNIO PRADO N.º 6 — SÃO PAULO

CAIXA POSTAL, 789

Enderço telegráfico: BANESPA

PERMANECEMOS no marco zero. Estamos, praticamente, no mesmo lugar em que nos encontrávamos quando, em 1950 — superando empecilhos de origem governamental inspirados por alguns a que estavam afetos os nossos destinos — realizamos, em Campos do Jordão, o memorável I Congresso das Polícias Militares do Brasil.

Nada conseguimos de expressivo na luta de todos os dias em prol de uma definição, que já tarda, das funções policiais que nos devem caber dentro do organismo policial de São Paulo.

Nada, absolutamente nada nos foi proporcionado no sentido de que pudéssemos acalentar, ao menos, esperanças sérias de uma solução definitiva para o problema que se arrasta pelo tempo, embora conhecido por todos. Nada, é certo, se fez de positivo para que nos fôssem dados elementos de ação capazes de ajudar-nos à consecução de empreendimentos policiais à altura das necessidades inadiáveis da sociedade a que servimos.

Entretanto, não nos afastamos da luta que exige prosseguimento sem tréguas. Se nada nos diz que melhores dias estão por logo chegar, há a impulsionar-nos, porém, a convicção plena de que nada se fará em prol da polícia de São Paulo, no sentido de melhor aparelhá-la ao cumprimento dos seus deveres, sem o concurso leal e valioso da nossa Força Pública. Aliás, interminável é a série de controvérsias vividas pela polícia paulista nas quais, com isenção de ânimo e pura em seus propósitos, a nossa Corporação procurou sempre indicar o melhor equacionamento dos dados em apreciação.

Não há esquecer, para fins de registro, que o Governo houve por bem nomear uma Comissão de que fazem parte elementos da Força Pública, Polícia Civil e Guarda Civil, a fim de estudar o relatório de policiais ingleses contratados para nos apontar a solução salvadora.

Ao aguardar o resultado de tais estudos que, lealmente, desejamos redundem em subsídios para a mais ampla visão do problema, cabe-nos reafirmar o desejo ardente dos elementos da Força Pública em contribuir, honestamente, para que São Paulo sinta resolvido, ou pelo menos substancialmente melhorado, o ineficiente policiamento de sua Capital e dos seus municípios.

O ESCUDO

SUA ORIGEM, CAMPO E PARTIÇÕES

(IV DE UMA SÉRIE SÔBRE HERÁLDICA)

HÉLIO A. A. DUTRA DE AZEVEDO

Cavaleiro da S. O. C. S. P. A. — Sócio
Efetivo do Instituto Genealógico Brasileiro
— Da Fed. dos Institutos Genealógicos
da América Latina.

"Se o humilde é de nascimento comum pode ser nobre, e o nobre pode vir a ser vil..."

("Das Origens da Nobreza Política"...
de Ferreira de Vera.)

"... A glória e o nome dos pais é uma viva luz que, ilustrando a sua posteridade, a esta encaminha e conduz a seguir as pisadas dos primeiros."

(D. Tomás Cactano do Bem.)

"Encomendo-vos que tenhais lembrança daqueles de quem vindes, que para linhagem são vossos avós e para as obras são vossos exemplos..."

(J. Freire de Andrade.)

A Palavra Escudo, comumente dita "Brasão", significa o conjunto de ornamentos interiores e exteriores que constituem as insígnias privativas de um Estado, de uma Corporação, de uma autoridade civil ou eclesiástica ou de uma família nobre. Este termo também é empregação para designar o conjunto de regras da ciência que estuda os Escudos, figuras e ornamentos heráldicos e regula sua disposição. O uso do Escudo, pode-se dizer, é tão antigo como o homem; porém, nos primórdios não existiram armarias propriamente ditas: os símbolos eram tomados livremente como emblemas militares e com o passar dos séculos foi que se converteram em hereditários e seu uso foi regularizado.

Alguns autores antigos, para quem era imprescindível buscar os antecedentes mais remotos, chegaram, cândidamente, a descrever as armárias de Noé, de Abraão e até de Adão, Pai da Humana Linhagem.

Por outro lado, os autces mais modernos encontraram símbolos e figuras parecidas com os atuais emblemas usados na Heráldica dos monumentos assírios, egípcios e de outros povos do próximo e do extremo Oriente, com os quais ilustraram suas obras, com reproduções gráficas adequadas.

As coleções de escritos dos antigos pensadores da Grécia e de Roma, deram motivo a muitas alusões simbólicas para os Escudos, como as de Heródoto, Virgílio, Tácito e outros.

A palavra Escudo vem do latim "Scutum", que designa "a arma ofensiva por exceção", aquela que os guerreiros levavam em um dos braços para resguardarem-se das acometidas dos inimigos. Na antiguidade todos os povos faziam uso do escudo, como atualmente o fazem os seivícolas. Os gregos usaram-no tradicionalmente oval, bastante grande para proteger quase todo o corpo. Os Escudos são feitos com as mais diversas peles, como com metais de fácil lavor, etc.

Os romanos preferiam o Escudo de forma quadrangular e convexo, medindo, via de regra, de 1,20 m por 0,80m. Era construído de madeira, coberto de couro e placas de metal. Usavam também um Escudo chamado "parma", de forma circular, de um metro de diâmetro mais ou menos. Pintavam os Escudos de cores vivas que variavam segundo as Legiões. Como os gregos, assírios e outros povos, decravam-nos com figuras naturais e outros emblemas.

O Escudo usado pelos guerreiros na Idade Média, tomou nova forma a partir do século XI e terminou em ponta, na base. Cobria todo o corpo, e sua construção de madeira, couro e pedaços de ferro diferia muito pouco dos anteriores. Adornavam-nos também com figuras de animais fantásticos e de todas as classes, que com o tempo formaram as armárias.

Quando o Escudo deixou de ser empregado como arma defensiva, na guerra, e já não eram mais celebrados os torneios, onde tinham um grande papel, ficou relegado ao terreno restrito e exclusivo da Heráldica, constituindo a parte mais importante das armárias.

O CAMPO DO ESCUDO

O campo do Escudo é êle próprio — é todo o Escudo, o espaço compreendido entre suas linhas extremas.

Aí, são colocados os atributos de uma família ou entidade, segundo as regras próprias do Brasão.

Para o Escudo não há uma forma exterior rigorosamente determinada. Cada estilo arquitetônico, obedece a múltiplas influências de épocas e localidades.

Ao contemplar um Brasão esculpido, o conhecedor da História da Arte aprecia não só o estilo como a época aproximada a que o mesmo pertence. Com isso não queremos dizer que não há formas que foram de novo postas em voga, o que, por certo, dá lugar a confusões que embaraçam o raciocínio crítico do arqueologo.

Na Espanha, o Escudo gótico foi adaptado a diversas formas, assim como na França e Inglaterra. Na Alemanha foram usados os Escudos mais complicados e vérics.

Os Escudos a que nos vimos referindo são usados, em geral, pelos homens; as mulheres servem-se de formas especiais de Escudo.

As senhoras casadas usaram sempre, com tôda propriedade, o Escudo ovalado, que colocavam ao lado esquerdo do Escudo do marido. Também costumam usar o Escudo varonil misturando-o com suas armas próprias, observando, contudo, as regras que a Heráldica dita para tais casos. Num Escudo assim composto, chamado com mais propriedade de "partido", as armas do marido ocupam a metade direita e as da espôsa a metade esquerda.

As senhoras viúvas usam o mesmo Escudo que as casadas. Podem também volver a usar as mesmas armas que possuíam em soiteira, com o que indicam que têm novamente a liberdade primitiva.

As donzelas usam como Escudo um losângulo, e, em geral os ornamentos exteriores são formados de flôres que falam da juventude ou da primavera da vida.

Outrora, os Estados usaram o Escudo ovalado e as províncias, cidades e povoados o Escudo losangular. Atualmente é mais empregado o Escudo varonil, quadrangular pontegudo.

Deixando de lado os Escudos ovalados ou os losangulares, bem como os das demais formas, falaremos em tórno do Escudo quadrangular pontegudo, também chamado "dos Cavaleiros", por ser o mais comumente usado.

Este Escudo consta, com a maior aproximação possível, de seis dimensões iguais de longitude e de cinco de latitude, por serem as medidas que mais se prestam para a proporcionada divisão do seu campo. Longitude é a distância que vai do alto da parte superior até o mais baixo da parte inferior, ou seja, até a ponta.

PARTIÇÕES DO ESCUDO

O Escudo pode ser simples ou composto. É composto quando no campo se apresentam várias côres e metais.

O Escudo composto pode ser:-

PARTIDO:- quando é dividido em duas partes iguais por uma linha perpendicular que passa pelo seu centro.

CORTADO:- quando é dividido em duas partes iguais por uma linha horizontal que passa pelo seu centro.

TALHADO OU CORTADO:- quando é partido por uma linha diagonal que vai de um ângulo a outro. Esta linha pode partir do canto esquerdo ou do direito. Dizemos então: talhado à direita ou talhado à esquerda.

TERCIADO:- quando duas linhas paralelas partem o Escudo em três porções iguais. O **TERCIADO** pode ser em **HASTE**, em **FAIXA**, em **BANDA** e em **BARRA**.

AQUARTELADO:- quando são traçadas duas linhas, uma perpendicular e outra horizontal. É o clássico aquartelado em cruz, que dá ao Escudo quatro quartéis.

Com a combinação de linhas perpendiculares, horizontais e diagonais, podemos formular as mais variadas divisões.

Aquartejar é compor ordenadamente as armas de uma determinada família nas partições do Escudo. Assim, os quartéis servem para: em primeiro lugar coloca-se o Escudo da Casa principal de que o Cavaleiro descende, ou seja, a de seu pai; em seguida, pela ordem de importância heráldica, as alianças dessa mesma Casa, isto é, as armas das famílias nobres com quem houve entroncamento. Não é sem certa elegância que se chama de "aliança" a esses entroncamentos, pois representam casamentos contraídos pelos ascendentes da Casa principal com pessoas de outras famílias, que por este conceito tornam-se aliadas.

Os quartéis servem também para se collocar armas de patronato, de sucessão e de outras classes, de que falaremos em outro capítulo.

A divisão que mais se presta para aquartelar com toda clareza é o aquartelado em cruz. Quando se utiliza esta partição do Escudo para duas alianças, põe-se nos quartéis 1 e 4 as armas mais importantes, ou seja, do apelido do pai (o Primeiro apelido); e nos quartéis 2 e 3 as armas secundárias, ou seja, do apelido da mãe.

Para três alianças põem-se as armas da Casa principal no primeiro Quartel e no quarto, collocando-se no segundo a aliança mais próxima e, no terceiro, a última.

Para quatro alianças as armas serão distribuídas nos quartéis de acôrdo com sua importância.

Na prática, Cavaleiros h'í que, em atenção à notòriedade de certas alianças de que se envaidecem collocam em seus Escudos aqueias armas em lugar de outras mais próximas. As leis heráldicas permitem tais comutações.

Para cinco alianças pode-se usar o aquartelado em cruz, fazendo uso de um outro pequeno Escudo collocado no centro do aquartelado, e em cujo campo aparecerão as armas mais importantes. A êsse ato d'í-se o nome de "todo sôbre o todo". Êsse "todo sôbre o todo" pode ser um Escudo ou um Coração. Também, sôbre êsse pequeno Escudo ou Coração pode-se pôr as armas de um antigo apelido.

Num Escudo h'í que se considerar o CABO ou CHEFE, a PONTA e o CENTRO.

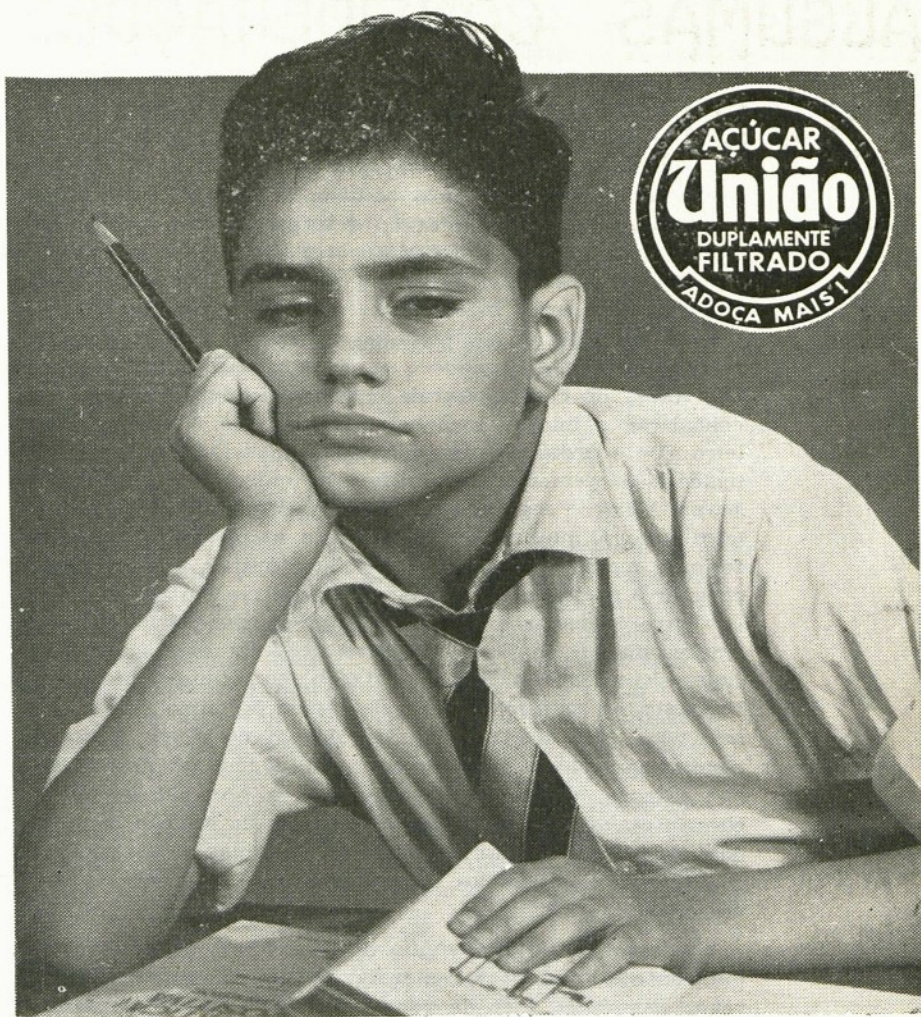
No CABO ou CHEFE temos o canto direito do cabo, o centro do cabo e o canto esquerdo do cabo. A PONTA consta do canto direito da ponta, da ponta e do canto esquerdo da ponta. O CENTRO consta do fianco direito, fianco esquerdo e do coração ou abismo.

Na terminologia blasônica diz-se "destro" e "sinistro" para direito e esquerdo.

Existem outras denominações que não achamos conveniente anotar, mas que faremos contar nos desenhos correspondentes a êste capítulo.

CURSO GRATUITO DE TAQUIGRAFIA

A Escola Modelo de Taquígrafia, dirigida pelo prof. Sérgio Thomaz, abriu matrículas ao novo curso de taquígrafia por correspondência que terá a duração de cinco meses, após o que serão conferidos diplomas aos alunos aprovados em exame final. Para maiores informações escrever à Escola Modelo de Taquígrafia, rua Barão de Itapetininga, 275, 9º andar, sala 91, Caixa Postal, 8600, fone 36-7659. São Paulo



A criança que se mostra desanimada, sem coragem de estudar as lições e com preguiça até de pensar, tem falta de energia.

Muitas vezes a causa dessa apatia consiste apenas em falta de açúcar no orga-

nismo. Conduzido pela circulação, o açúcar se transforma no combustível por excelência do sistema muscular. Claude Bernard, famoso cientista, chamou o açúcar de "carvão dos músculos".

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SÔBRE IMIGRAÇÃO

Prof. Paulo Henrique
CATEDRÁTICO DE HISTÓRIA GERAL E DO BRASIL

I -- MIGRAÇÕES INTERNAS

Antes de cogitarmos de estímulos imigratórios, é bom considerar o imenso manancial humano do Noroeste brasileiro. De acôrdo com recentes estudos da O.N.U., o maior índice de incremento demográfico, no mundo ocidental, situa-se no México, seguindo-se, por exígua diferença, o brasileiro. Ocorre que, no sul do Brasil, a natalidade é muito inferior à mexicana, à portorriquenha e outras, o que permite concluir o quanto elevada é a natalidade no Norte. Com efeito, entre Salvador e Fortaleza situa-se, por assim dizer, a «maternidade» do Brasil. Tivéssemos, em escala generalizada, elementares medidas contra a mortalidade infantil no Nordeste — lactários, postos de vacinação, etc. — e ficaríamos não ligeiramente abaixo do México, no índice de crescimento populacional, mas sensivelmente acima dos nossos amigos aztecos. Outra providência seria a proteção às migrações internas, pois se falharam medidas de fixação de grandes massas sertanejas nordestinas, tangidas pelas sêcas, o que se impõe são meios de orientá-las para grandes vazios nacionais.

É revoltante, com efeito, a disparidade no trato entre imigrante e migrantes nacionais. Tôda a assistência ao ádvena: passagem, fase de adaptação, colocação arrumada, e, não raro, o estrangeiro enjeita nossos oferecimentos, retornando à origem com passagem paga por nós; ou se dirige para a Argentina, atraído pelo clima e outras condições mesológicas mais propícias. Não poucos aqui ficam cuidando de atividades parasitárias, desde a venda do bilhete de loteria a de contrabandos. O nordestino, no entanto, que afastou o holandês no tempo da Colônia; que ganhou as guerras do Prata, no império; que povoou a Amazônia, durante a 1.a República; que vem povoando os vazios de São Paulo

(Nordeste, Alta Paulista, Alta Sorocabana) e do Paraná (Norte e Oeste), a êsse nosso irmão deslocado por causa involuntária — a fatalidade cósmica das sêcas — a indiferença, a humilhação. E quão produtivo é o trabalho do nordestino injustiçado: é êle quem produz o latex na Amazônia; quem derruba, como machadeiro, as matas nas «zonas novas» de S. Paulo e Paraná; quem constrói, como «baianos», os arranha-céus do Rio e S. Paulo; quem trabalha na estiva e na picareta. Suas mulheres e filhas empregam-se como domésticas ou tecelãs, nas grandes cidades do sul. Como bem disse Giovanetti, do Nordeste procede a mão de obra, o braço do Brasil, tão fundamental ao nosso progresso quanto o trabalho mais categorizado dos homens do sul. Assim, ao tecermos considerações sôbre o problema imigratório, iremos, sempre, do próximo para o remoto.

II — LATINO-AMERICANOS

Passemos aos nossos vizinhos.

Para muitos dêles o salário mínimo e as garantias ao trabalhador, dados no Brasil, são um imã. E que isso sirva de lembrete aos derrotistas: apesar do ceticismo dominante, não somos os últimos! Quantos paraguaios, bolivianos e guianeses procuram o Brasil!. Fôsse fácil, e das Antilhas viria gente também. A igualdade de raças, as grandes obras públicas, a docilidade do brasileiro, as garantias trabalhistas, a força mesmo da moeda em relação a outras mais desfavorecidas, algumas escolas e hospitais em certas cidades fronteiriças, tudo isso é um chamariz a outros sul-americanos, ainda mais carentes do que nós. Quantos guianos não estão no Amapá? Quantos bolivianos em Rondônia e Mato Grosso? Quantos paraguaios no Paraná e em S. Paulo? Tivesse o Governo a preocupação de dotar as principais cidades fronteiriças de asilos, grupos escolares, ginásios, escolas profissionais agrícolas e artesanais, água, esgotos, iluminação — e quanto trabalho não seria dado a nacionais e vizinhos: quanto o conceito do Brasil não se elevaria, quanta penetração econômica e cultural; quanta imigração para o Brasil! E imigrante espontâneo, gratuito, aclimatado a meios e modos de vida semelhantes aos nossos.

Se o Governo Federal categorizasse as cidades próximas às fronteiras em grupos, de sorte que, nos mais destacados, houvesse ginásios, colégios, e até escolas superiores (Macapá, Campo Grande, Corumbá, Uruguaiana, já merecem escolas superiores de Agronomia, Veterinária, Odontologia, Fi-

losophia, Ciências e Letras, etc.); de sorte que também houvesse categorias hospitalares, desde o simples pòsto de vacinação até hospitais-colônias, fácil seria prever a imigração maciça de vizinhos. Macapá, Corumbá, Porto Velho, Guarujá-Mirim e Campo Grande, apenas por atividades econômicas, já são provas evidentes. A indústria, é bem verdade, dá a nota decisiva na questão. Quando Corumbá, além da fundição e da sua fábrica de cimento, tiver uma refinaria de petróleo e um grande estaleiro fluvial, então massas bolivianas hão de se deslocar para o Brasil. Quando o potencial hidroelétrico do Amapá, bem como as riquezas minerais dessa região, criarem um núcleo industrial em Macapá, então guianeses, que recebem salários vis, e que são vítimas de discriminação racial, procurarão o Brasil em grandes levas.

Cabe a essa altura a pergunta:— valerá a pena trazer para o Brasil gente de nível sanitário, cultural e de operabilidade ainda inferiores aos nossos? A resposta foi dada, de certa forma ao tratarmos dos no-destinos. O Brasil não necessita apenas de técnicos, de mão de obra altamente categorizada. Para dar cumprimento aos grandes projetos rodoviários, portuários, ferroviários, urbanísticos, sanitários, educacionais e assistenciais, que se impõem à imensa população nacional, precisamos de todos os tipos de trabalho. Precisamos tanto de machadeiros como de tratoristas; de topógrafos como enxadeiros; de pescadores como de campeiros; de enfermeiros como de professores ou auxiliares de pedreiros...

Quanto ao rebaixamento do nível cultural, o que temos de fazer pelos nossos irmãos sertanejos é tanto que, meio milhão a mais ou a menos de fronteiriços não afeta substancialmente a escala do problema. O que o Brasil tem pela frente é tarefa ciclópica. A nós do Sul, do Centro e do Litoral, cabe a parte técnica e econômica, mas a mão de obra tem de vir dos sertões e da fronteira.

A vinda dos fronteiriços é coisa fatal, desde que as condições no Brasil se tornem melhores que as dos vizinhos. Pois então, que estes venham já e nos ajudem na grande tarefa de construir escolas, estradas, hospitais, asilos, universidades, portos, lavouras e fábricas. De mais a mais, a missão do Brasil é continental, e não simplesmente nacional. É de Boa Vista, Manaus, Macapá, Rio Branco, Cuiabá, que devem partir os influxos civilizadores, esperanças também dos guianeses, dos sertanejos de países mediterrâneos, dos amazônidas de pequenas Nações irmãs. Nós dos grandes centros brasileiros, do Rio, de S. Paulo, de Belém, da futura Brasi-

lia, vamos passar por uma grande prova: ou nos alfabetizarmos e aos nossos vizinhos, ou nos curamos e aos nossos vizinhos, ou demonstramos a nós próprios, e a nossos vizinhos, capacidade de industrialização e, dessa forma, firmamos a excelência de uma civilização tropical sem preconceitos, de homens simples, mas capazes, de homens pacíficos, mas ativos, ou falhamos na grande missão que o destino histórico nos confiou — a tarefa de erigirmos uma civilização nova em plena selva, em pleno equador, irmanados a indígenas, pretos, japoneses, malaios, indus, e aos mais refinados europeus. Aqui se processa uma integração que deve ser invencível: a da ciência e técnica dos povos mais adiantados, com a resistência ao trópico e à selva, dos sertanejos. O intelecto do leste e do sul e a fibra heróica do homem do Norte e do Oeste. E se o resultado que daí advier fôr um tipo que concilie as duas virtudes, ou melhor, as virtudes de raças as mais diversas, então seremos, no século vindouro, ou mesmo, no fim deste, uma contribuição auspiciosa para a humanidade. E, nesta prova memorável, tôda a América tropical, tôda a América sem preconceitos filosóficos, religiosos ou raciais, todo o espírito afim ao do grande denominador comum que se passou a chamar «brasileiro», deve participar. Guianos «inglêses», com seu sangue predominante hindustânico; guianos «holandeses», com suas ascendências preponderantemente javanesas; peruanos, bolivianos e paraguaios, marcadamente indígenas, como os nossos amazônidas e nossos guaranis do Mato Grosso; guianos «franceses», dosados de africano como dezenas de milhões de brasileiros — tôda uma maré humana ansiosa de redenção e de progresso!

Assim, na próxima etapa do desenvolvimento nacional, há uma providência a tomar : facilidades burocráticas, trato fraterno, administração amena para centenas de milhares, se não milhões, de hispano-americanos, guianeses e antilhanos que hão de demandar, logo, o novo Eldorado da paz e do respeito.

III — VITIMAS DE COMOÇÕES POLÍTICAS

O Brasil deve conceder facilidades aos que desejarem aqui se estabelecer, desde que elementos ordeiros, trabalhadores e sãos. O imigrante passa a ser um consumidor interno a mais para nossos produtos, e, por sua vez, um elemento de produção; seus descendentes contribuirão para preencher nossos grandes vazios demográficos, para vitalizar economicamente nossos espaços físicos.

As vítimas de comoções políticas, os atemorizados da guerra, são milhões. Para melhor desempenharmos o papel de um dos oásis do mundo, caberia assumirmos política de neutralidade, tão aspirada, aliás, pela esmagadora maioria do nosso povo. Enumeremos algumas regiões do mundo onde os desajustamentos políticos fornecem imigrantes: 1 — **INDONÉSIA** — Inúmeros descendentes de holandeses sentem-se mal nessa nova república, pois eram senhores do arquipélago, agora governado pelos legítimos donos, os malaios. São holandeses e seus descendentes, aclimatados na Indonésia, ótimos plantadores de juta, arroz e cana. Teriam, na Amazônia, quente e úmida, ambiente similar ao da Indonésia, de altas termométricas e barométricas. Trariam experiência e alguns capitais. Não teriam hostilidade, antes a cooperação nacional, desde que respeitassem nossas leis trabalhistas e nossas tradições anti-racistas.

2 — **ÁFRICA DO NORTE** — Francêses e seus descendentes entram, agora, em conflito com berberes e árabes desejosos de independência no Marrocos, na Argélia e na Tunísia. Tais francêses estão aclimatados a regiões semelhantes ao Nordeste brasileiro, quentes e secas, e aí transformariam regiões sáfaras em verdadeiros oásis. Poderiam nos trazer seus recursos humanos e financeiros. Cristãos e católicos, aqui seriam bem recebidos, pois os francêses são estimadíssimos no Brasil. Meia dúzia de imigrantes francêses deram origem a brasileiros do patriotismo e da inteligência dos Mallet, Savaget, Girard, Dumont, Gorceix, Taunay. Os descendentes de francêses demonstram pela terra brasileira estima tal que supera a dos próprios colonizadores primitivos — os portugueses. Por tôdas as razões, os francêses do Norte da África poderiam, desde que dispostos a respeitar nossas leis, ser trazidos para o Brasil, onde serviriam enormemente em irrigação, plantio de oliveira e de arroz, construção de estradas, etc.

— **EGITO** — Muitos europeus, notadamente italianos, francêses e inglêses, se estabeleceram no Egito depois da construção do Canal de Suez.

Por motivos religiosos, culturais e étnicos, não se fundiram, contudo, com a população nativa. Agora, com o nacionalismo egípcio e com as ameaças de guerra, desejam emigrar. Nem todos êses europeus se dão a atividades produtivas; muitos se dedicam a atividades parasitárias. Caber-nos-á, naturalmente, selecionar os armadores, industriais agricultores, técnicos e engenheiros. 4 — **HUNGRIA** — É do

noticiário jornalístico a tragédia húngara. Escoimados os agitadores, os parasitas, que sempre os há em emigrações tão grandes, caberia ao nosso Governo abrigar, não três mil húngaros, apenas, mas uns trinta mil deles.

Há muita terra devoluta no Brasil, que poderia ser loteada e vendida a prestações módicas a imigrantes, como o fêz já, no passado, o Estado do Rio Grande do Sul. Há muito trabalho nas grandes obras públicas. O governo precisa executar essas tarefas fundamentais ao nosso progresso, segurança e felicidade. Empréstimo interno, com títulos compensados contra a inflação, emissão lastreada nas riquezas minerais (que, em grande parte, são do Estado) e, até mesmo, ajuda econômica de certas Nações (que tentam arrastar-nos para suas órbitas, contra o nosso interesse, que seria a neutralidade), nos dariam os meios econômicos para o desenvolvimento nacional e óbvia colocação da mão de obra imigrada.

IV — VÍTIMAS DE SUPERPOPLAÇÃO

Nesta parte precisamos lutar contra a idéia de que o Brasil deve ser um país branco, ou melhor, de que devemos evitar as correntes imigratórias não européias. Hindús, japoneses e javaneses são imigrantes baratos, abundantes, resistentes, dedicados, em geral, à lavoura ou ao trabalho produtivo, e familiarizados com o clima, em geral. Na Amazônia cálida e úmida, hindús e javaneses têm uma réplica de suas próprias pátrias. Os hindús contribuíram poderosamente no desenvolvimento de diversas colônias inglesas da África, e no da Guiana Inglesa. Os javaneses mostraram-se úteis na Guiana e nas Antilhas Holandesas, além de outras partes do mundo tropical. Quanto aos japoneses, não é preciso dizer: — ótimos fruticultores, pescadores, cotonicultores e risicultores. Desde que esses povos asiáticos ou malaios não venham em quantidades tais que possam afetar os costumes e a segurança nacional, não há o que se temer deles. E não diga que podem tornar-se maus brasileiros. Porque bons brasileiros não são aqueles de pele necessariamente clara, mas todos que, indistintamente trabalham, estudam e não se furtam ao serviço militar e aos deveres cívicos. E aqui manda a justiça se diga que os japoneses, em três décadas de Brasil apenas, se tornaram excelentes brasileiros; eles e seus filhos são dos que mais trabalham. Seus filhos são, em geral, bons alunos nas escolas; eles e seus filhos cumprem, como poucos, as leis do País; desconhecemos japoneses que procurem

subtrair seus filhos às fileiras do Exército. Ignoramos japoneses que falem mal do Brasil. Os vereadores e deputados filhos de japoneses, que conhecemos, são dos mais dedicados ao estudo e à defesa dos problemas e causas coletivas.

A brasilidade não está nos olhos, no rosto, na pele ou na estatura, porque não é raça. A brasilidade é avaliada pela conduta que nos serve: não desfazer o Brasil, nem suas tradições; não explorar o seu povo com atividades parasitárias; servir o Brasil, trabalhando para si e para as causas coletivas; não sonegar impostos; preparar-se para defender o Brasil com armas, se preciso; não dividir a Nação com regionalismo ou racismos. Aí a norma do bom brasileiro. E, aí, o japonês, talvez, esteja em primeiro lugar.

Donde se conclui que, tomadas certas medidas de elevar o bom-senso, os asiáticos, sejam hindus, malaio ou mongóis, poderão ser trazidos para o Brasil, pois servirão na grande causa do desenvolvimento econômico, do engrandecimento demográfico, do enriquecimento cultural, pelas contribuições do trabalho, da descendência e de civilizações milenares, altamente espiritualizadas. Civilizações cheias de um conteúdo moral que, não raro, faltam nas raízes ocidentais de que tanto nos vangloriamos...

V — FONTES EUROPEIAS DE IMIGRAÇÃO ABUNDANTE

A **ITALIA**, que com a Irlanda e a Grécia constituem as três maiores fontes europeias de imigração, industrializou-se poderosamente, criando, pois, trabalho para seus filhos. Seus operários contratam serviços pela própria Europa, sobretudo na França, Bélgica e Suíça.

O nível de vida subiu muito, de sorte que o imigrante italiano atual se tornou exigente e não tem mais aquelas qualidades que o tornavam, no passado, a corrente mais procurada pelo Brasil. Dos não muitos que hoje demandam nosso País a maioria prefere a especulação, empregos em firmas de propaganda e outras atividades não muito interessantes ao país. Uns poucos são artífices ou operários altamente qualificados, percebendo, pois, altos salários. Não temos mais imigração italiana na versão antiga, isto é, em grande número e constituída de colonos, trabalhadores agrícolas, operários para os serviços comuns nos quais a demanda é ampla.

Quanto aos irlandeses, jamais nos procuraram, preferindo, sempre, por questões de idioma, os países colonizados pela Inglaterra: Estados Unidos, Canadá, Austrália, e, até mes-

mo, União Sul-Africana . Talvez fôsse interessante fomentar experiências com essa corrente ainda não provada, por quanto, se os resultados fôsem satisfatórios, estaríamos ante boa fonte de imigrantes. Com efeito, na Irlanda a natalidade é alta, as terras são pouco férteis, e não há indústrias que absorvam a mão de obra.

A Grécia, nas mesmas condições da Irlanda — alta natalidade, terras sáfaras e inexistência de indústrias — é a mais completa das três fontes analisadas. Os pequenos contingentes dessa procedência que nos têm chegado comprovam apreciável adaptabilidade. Fruticultura, pesca, navegação, criação de ovinos, plantação de oliveiras, vinicultura, profissões urbanas — vidraceiros, encanadores, entalhadores — são suas maiores atividades.

PORTUGAL — raiz-pião da nacionalidade brasileira, tem muitas colônias, forçando, naturalmente, a diretriz oficial, que os imigrantes se orientem para elas. Todavia, percebe-se que houve cochilos na nossa política imigratória, pois os portugueses têm procurado, em grande número, a Venezuela. A tendência natural do imigrante é procurar país de língua igual à sua. Assim esse contingente que vem rumando para a Venezuela poderia, com habilidade, ser orientado para cá. Também, para com os portugueses, cabem, em parte, considerações já tecidas em torno dos italianos. Nossos parentes lusos não constituem mais aquela maravilhosa caudal de mão de obra, de outros tempos. Vigorosos e trabalhadores ao extremo, homens do machado, da picareta e de estiva; ferroviários, hortelãos, agricultores e pescadores dedicados, eram os portugueses, por tudo, imigrantes ideais. Amalgadores raciais por excelência, sentimentais e dóceis, falando a mesma língua e sentindo quase como nós, esses europeus altamente resistentes ao trópico faziam do Brasil, em poucos anos, a sua Pátria, que amavam com ardor de brasileiro. Ultimamente, porém, a corrente portuguêsã sedia-se nas grandes cidades dedicando-se a atividades muito menos produtivas que as de outrora, e, percebe-se, indentificando-se mais lentamente com a terra brasileira. Sem grandes ilusões quanto ao número de imigrantes lusos, nosso esforço deveria entretanto, convergir no sentido de que, não rumando para as próprias colônias, os portugueses saídos da pátria nos procurassem na quase totalidade.

Quanto à **Espanha**, as possibilidades são melhores. As indústrias existentes no País não absorvem tôda a mão de obra. A Espanha não tem colônias. Naturalmente que os

espanhóis preferem os países da mesma lingua — Argentina, Chile, México, Venezuela — mas, mesmo assim, expressivo contingente pode nos procurar. As semelhanças étnicas, linguística e históricas, que nos aproximam desse povo ibérico, são fatores favoráveis a tal imigração.

Quanto à **HOLANDA**, país de elevada natalidade e notória exiguidade territorial, abriu-se-nos certa oportunidade com a perda da Indonésia pelos batavos. Cumpre observar, no entanto, que os Países Baixos são industrializadíssimos, o que retém a maior parte da mão de obra. Sobram ainda, à Holanda, algumas poucas colônias, nas Antilhas e nas Guianas. Finalmente, cumpre observar que os holandeses — como a maior parte dos europeus — preferem os países de clima frio ou temperado, mormente onde a raça seja branca. Assim, Argentina, Canadá, e Austrália têm preferência sobre nós, e, até mesmo, a União Sul-Africana. Nosso Governo, reconhecendo grandes méritos nos holandeses, não obstante o preconceito de raça de que se acham imbuídos, tem procurado atraí-los, o que conseguimos em escala assaz modesta. Ótimos criadores de gado, praticantes de agricultura em termos altamente racionalizados, com excelente níveis sanitários e culturais, bons navegadores e pescadores, por certo poderão contribuir bastante no desenvolvimento nacional, máxime nos Estados do Sul, cujos climas lhes são mais propícios.

A **ALEMANHA** já deu abundante imigração, de méritos conhecidos. Mas, ou porque a guerra desfalcasse essa nação, ou porque os alemães estejam muito empenhados em obras de reconstrução e fortificação, o fato é que não houve a imigração que todos aguardavam. Por outro lado, a demanda humana, nas grandes indústrias das inúmeras cidades fabris da Alemanha, é enorme. Ainda há a natural preferência de imigração para os países não tropicais e mais brancos: Argentina, Canadá e Austrália.

Acreditamos, todavia, que nosso Governo possa tirar proveito do ambiente tumultuado da Europa para promover o aproveitamento de centenas de milhares de alemães e austríacos desejosos de paz e prosperidade, perspectivas que o Brasil oferece, apesar de certas limitações, como poucos outros países.

Quanto aos **ESLAVOS** — lituanos, letões, estonianos e poloneses — fonte outrora abundante, extinguiu-se com a passagem dessas nações para o regime socialista. Assim apenas dois países estão em condições de nos fornecer, desde já,

grandes contingentes imigratórios: Espanha e Grécia. Seriam interessantes novas gestões com Portugal, Alemanha e Austria, bem como tentativas junto à Irlanda.

IV — FONTES EUROPEIAS DE POUCAS POSSIBILIDADES

Tais fontes, assim classificadas hoje, podem, amanhã, por uma circunstância política ou econômica peculiar, passarem para a categoria anterior. Imaginemos — como, aliás, é a tendência — que a Inglaterra continue perdendo seus domínios. Se isso acontecer, não obstante sua gigantesca indústria, a poderosa ilha passará para as contingências da Alemanha ou da Holanda. Procurariam, no caso, os ingleses, seus velhos rumos emigratórios — suas ex-colônias: Estados Unidos, Canadá, e Austrália. A lingua comum terá muita influência. Não custaria, no entanto, nessa eventualidade, que o Brasil também se apresentasse, embora saibamos que as possibilidades seriam menores que as daqueles países.

Com a FRANÇA, a possibilidade ainda é menor. Contra a emigração, além das vastas colônias, há uma poderosa indústria e o índice de natalidade, notoriamente baixo. Os franceses acostumados nalgumas colônias perdidas ou em vias de se tornarem independentes — Indochina, África do Norte, — é que poderão procurar o Brasil, caso já considerado e ao qual nosso Governo deve dar toda atenção, à vista da experiência e eficiência de tais elementos.

Os BELGAS possuem o Congo, que, por muitas décadas ainda, absorverá os eventuais excedentes de população da Bélgica. Acresce o alto nível industrial belga.

Os ESCANDINAVOS — dinamarqueses, suecos e noruegueses — não são povos de emigração, por motivos de todos conhecidos. De mais a ecologia brasileira não lhes é propícia.

Os SUIÇOS — têm bastante indústrias e não mantêm afinidades mesológicas conosco.

O comentário não exclui, porém, a vinda talvez em número sensível, futuramente, de especialistas desses países de poucas possibilidades emigratórias. Assim, a vinda de engenheiros e operários especializados suecos, ingleses, holandeses, franceses, etc. A ampliação do ensino universitário daria motivo à vinda desses professores franceses que, por todo o mundo, esparzem a ciência e o humanismo da tão prestigiada cultura gaulesa. A expansão metalúrgica daria vez aos engenheiros belgas, franceses, suecos e alemães. A pe-

cuária e a avicultura intensivas, que ora se ensaiam ao redor das grandes metrópoles brasileiras, ensejariam a vinda de holandeses, suíços e dinamarqueses, portadores de tão refinada experiência na assunto. O mesmo quanto à ovinocultura, que está se expandindo no Rio Grande do Sul. A pesca racionalizada, que terá lugar aqui, mais dia menos dia, quer em virtude de nossos ricos cardumes, quer pelo encarecimento da carne bovina, quer ainda, pela excelência alimentícia do pescado, poderá ser fator da vinda de noruegueses. É também o caso do incremento ao turismo, que poderá trazer elementos da indústria hoteleira (de capitalistas a garçons e cozinheiros), franceses ou suíços.

A essas correntes caberão, no futuro, tarefas bem remuneradas e de limitada expressão, no grande quadro obreiro nacional. Serão, contudo, fatores decisivos no nosso desenvolvimento, pela alta qualificação específica de certos tipos de trabalho, nos quais exprimem experiências seculares.

VII — OUTROS AMERICANOS

Tirante os americanos que já foram objeto de consideração anterior, e nos quais vimos palpáveis possibilidades de imigração para o Brasil, só são de ambiência tropical os antilhanos, os habitantes da América Central e os mexicanos. Quanto aos primeiros, as possibilidades de emigração para o Brasil são dignas de estudo desde já, assim como as de alguns centro-americanos. Quanto aos mexicanos, eles não emigrariam para o Brasil tendo, tão próximos, os Estados Unidos, com sua solicitação imensa de trabalho e seus salários tão convidativos. Por outro lado, a despeito de possuir o galardão da mais alta natalidade do mundo ocidental — galardão que como vimos, passará ao Brasil quando a mortalidade infantil cair em pouco no Nordeste, — os mexicanos, em breve, emigrarão muito pouco mesmo para os Estados Unidos, à vista do notável progresso industrial, cultural e assistencial que anima a nobre nação azteca.

Assim, restará considerarmos os ianques, canadenses, argentinos, uruguaios e chilenos. Todos esses americanos longe estão de saturação demográfica e possuem. — à exceção dos platinos da mesopotâmia argentina, que já estão emigrando para o oeste do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, regiões mais animadas de progresso do que Misiones ou Corrientes —, níveis de vida superiores à média dos brasileiros, e residem em zonas temperadas ou frias, não os

encantando, por conseguinte, pelo menos no momento, a idéia de virem para cá, exceto, é óbvio, um ou outro caso marginal.

VIII — CONSIDERAÇÕES GERAIS

1) — A emigração representa um bem para o país que tem excessos populacionais, não apenas por resolver o problema do trabalho. Assim, o emigrante cria, na terra que o recebe, um mercado para os produtos do seu país. Os vinhos, frutas, conservas e óleos portugueses têm, por isso, grande consumo no Brasil, do mesmo modo que idênticos produtos italianos. Por sua vez, o turismo criado pelo emigrante que enriqueceu e vai rever o berço natal — ou o dos seus filhos que desejam conhecer os costumes das terras dos seus pais — é grande fonte de renda. Passagens, hospedagens, «souvenirs», engrandecem as migrações em termos de reciprocidade. Quando um país cede levas de filhos seus, o faz tangível por uma forte causa forte, econômica, política ou cósmica. Há nações, no entanto, que nos querem fazer pensar que cederam seus filhos com o objetivo único de virem engrandecer o Brasil. E procuram, detentores que são de negociadores e diplomatas ardilosos, de nós receber compromissos e garantias onerosíssimos. Não podemos aceitar emigração nesses termos, sobretudo tendo tantos compromissos prevaletentes com o ser aqui nascido. Os tratados de imigração devem ser postos em termos de justiça, de interesses mútuos. Se muitos imigrantes vêm ajudar o nosso engrandecimento, outros só pensam em enriquecer-se de qualquer modo, em «fazer a América» sem escrúpulos, exigindo-nos exaustiva vigilância. Se o imigrante resolve nossa falta de braços, a emigração resolve, lá do outro lado, a plethora de braços. Se, aqui, a imigração adensa nossa rarefação demográfica, a emigração, do outro lado, representa descongestionamento de população e melhores índices de vida. Se nos enriquece a emigração de outras experiências, leva, por outro lado, aos países emigrantistas, remessas de dinheiro; cria mercados consumidores no além-mar; estabelece novas correntes turísticas. Existem certos emigrantes que andam «se vendendo» muito caro ultimamente; a procura de outras fontes de emigrantes, bem menos exigentes — Grécia, Irlanda, Espanha, Antilhas, Java, Japão, Índia, e outras — talvez forçasse essas fontes às normas antigas, quando, então, se tinha em mente que os tratados de emigração são convenções de mútuo interesse.

2) — É preciso levar em conta a capacidade de resistência do emigrante ao nosso clima e sua adaptação às nossas leis e costumes, à nossa ambiência mesológica. O português, aí, leva, evidentemente, a palma. Suporta a Amazônia ou os portos do litoral; vive na Paulicéia ou no interior do Maranhão, sempre dinâmico e manso. Segue-lhe, sem dúvida, o japonês, igual ou maior até, na resistência e labor, mas encontramos dificuldades de ordem social evidentes. Os gregos e os levantinos (sírios, armênios, libaneses) também se aclimataram ôtimamente, seja na Amozônia ou no Centro, no Oeste ou nos litorais. Acreditamos que os hindús, os javaneses, os franceses acostumados à Indo-China e à África do Norte, os holandeses adptados à Indonésia, venham ter igual procedimento.

3) — Na distribuição das correntes imigratórias é necessário certo cuidado, não só para impedir a formação de quistos raciais como para evitar influências demasíadas que acabam atrofiando o sentimento nacional, em benefício de veleidades regionalistas. O ideal não fôra tanto italianos em S. Paulo, nem tantos alemães em Santa Catarina ou tantos poloneses no Paraná, mas, distribuição mais harmônica. Aliás, isso nos serviu de lição e a nova política imigratória prevê a intercalação étnica e, ainda, a localização, junto a essas correntes, de migrantes nacionais. Que tão sábia determinação não fique no papel, porque, então, veríamos repetidos, na Amazônia, os «quistos» de japoneses que nos preocuparam no oeste e no litoral paulistas.

De modo algum pretendemos, aqui, incriminar os japoneses da Noroeste, ou os alemães de Santa Catarina. Nós criamos aquelas circunstâncias para êles. Apenas desejamos realçar que tais erros do passado não poderão ser repetidos. Na hipótese que prefiguramos, da imigração de hindús, é preciso ter bem lembrado que a Índia, será, em breve, a segunda nação da Terra, dado o seu imenso pontencial demográfico. Quanto à sugerida vinda de javaneses, a cautela não poderia ser menor: a Indonésia será outra das grandes nações do futuro. Nem porisso, entretanto, iríamos enjeitar êsses eventuais auxiliares nossos, tão úteis na Amazônia ou no Mato Grosso, como exímios risicultores, plantadores de chá, juta e seringueiras. Impor-se-ia uma distribuição equilibrada de ibéricos, nacionais e asiáticos, o que facilitaria a assimilação dos últimos.

Talvez tenha influenciado alguns observadores menos avisados a expansão dos hindús na Guiana Inglesa e a dos

javanese na Guiana Holandesa. Em repetidas crônicas temos tocado nesses casos para dizer que ambiência guiana, ao influxo do racismo quase oficializado pelos governantes, só poderia ter determinado o que resultou. Aliás, temos sido mais temerários e afirmado que o racismo que ensejou a hegemonia hindú, na Guiana Inglesa, bem como a malaia, no Surinã, é, de certa forma, fomentado pelas metrópoles. Racismo é choque, luta, divisão, fraqueza, sepultamento das aspirações nacionais e do sentimento de independência. «Dividir para governar...»

4) — Já perdemos algumas boas oportunidades imigrantistas. Logo após a última guerra, pouco fizemos para reter parte das levas européias que demandaram, sobretudo, Canadá, Austrália, Estados Unidos, Argentina e Venezuela. O Brasil, em média, tem condições muito superiores à Venezuela para atrair a imigração européia. A começar pelo clima e pela existência de numerosas colônias de imigrantes europeus, sobretudo, de S. Paulo para o Sul. Há pouco, «O Estado de S. Paulo» comentou proposta japonesa de construir uma das mais extensas ligações ferroviárias com Brasília, a trôco da localização de dois milhões de japoneses no Centro-Oeste. Segundo aquêle órgão, o E.M. do Exército foi de parecer que apenas aceitássemos quinhentos mil japoneses distribuídos em levas iguais, durante, vinte anos. A opinião do E.M. do Exército nos pareceu prudente, mas ignoramos medidas para que se concretizasse a sugestão proposta. Vinte e cinco mil japoneses por ano não afetariam nossa segurança, nem nosso equilíbrio sócio-etnográfico, e seriam preciosos auxiliares do desenvolvimento nacional. Oxalá não esteja contribuindo para a demora de uma resposta conciliadora certo ânimo de «embranquecer» o Brasil. Isto vigora em alguns círculos oficiais. Há alguns anos, o Senador Assis Chateaubriand propôs a vinda de portorriquenos para Marajó e o vale Amazônico. Considerando-se que êsse antilhanos lutam com falta de terras e são razoáveis plantadores de cana, era a vez de dar-lhes oportunidade em regiões onde terras estão sobrando. Mal, êles não nos fariam, pois temos absoluta certeza de que, pela língua, religião, etnia e costumes tropicais, os portorriquenos se identificariam muito mais com o Brasil do que com a bandeira norte-americana. Talvez tenha influenciado, já, então, contra a vinda dêsses antilhanos, o europeísmo das esferas a que nos referimos.

As circunstâncias na Hungria, Egito, Indonésia, Indochina e África do Norte permitiriam, a uma diretriz real-

mente imigrantista, tirar grandes proveitos, conforme já comentamos em itens anteriores.

5) — Muitos se atêm, em demasia, à idéia de que só devemos receber imigrantes de níveis culturais superiores aos nossos. Já dissemos que, na grande tarefa de acelerar o desenvolvimento nacional e criar uma nova civilização tropical na América do Sul, há lugar para todos: tanto para o trabalho intenso e menos qualificado do nordestino, do hindú, do japonês, do quichuá, do inca, do guaraní, do antilhano ou do malaio, como para trabalhador categorizado de europeus refinados, como suíços, escandinavos e franceses.

Não é demais, no entanto, lembrar que os desejados níveis de cultura e de saúde pelos quais aspiramos devem ser gerais, de dezenas de milhões, e não de limitada área populacional compreendida por certos imigrantes, seus descendentes, e as populações nacionais mais próximas deles. Elevar cultural e sanitariamente uma Nação como o Brasil, será obra de milhares de professores. Escolas e mais escolas, hospitais, maternidades, centro de puericultura, postos de vacinação, universidades, institutos de pesquisas científicas, museus e bibliotecas, — essa tarefa em grande escala, isso, e só isso, poderá elevar o nosso povo.

É comodismo desastroso esperar que uns milhares de europeus realizem o pesado trabalho que nos toca. E esse comodismo se torna criminoso quando aceitamos, e até incentivamos, a existência de castas distintas de brasileiros: a dos ilustrados e a dos legados ao analfabetismo, a dos sãos e a dos abandonados. O que nos cabe é um trabalho geral e maciço, como o fizeram Frederico II, na Prússia; José II, na Áustria; a Revolução, na França; como está fazendo a nobre nação mexicana; como fez no começo do século, a Argentina; como Nehru está fazendo em sua pátria. Cultura e saúde não admitem soluções empíricas, em doses de contragotas. São assuntos assim como a assistência social, amparo ao trabalho, a luta contra os preconceitos: — trefas de multidões, epopéias coletivas.

6) — Os países de tendências pacíficas, ou situados em pontos do mundo onde a guerra dificilmente chegaria, são os prediletos de legiões humanas amarguradas e empobrecidas pela guerra. Austrália, Argentina e União-Sul Africana, por exemplo. A última, assolada pelo racismo, está em posição secundária.

Assim, se no Brasil o perigo de comoções internas fôr debelado, como esperamos, e se uma posição de neutralidade

fôsse assumida, seríamos dos oásis prediletos de imigrantes. Mais dia, nemos dia, nossos governantes serão tangidos a assumir uma política exterior dentro das linhas do interesse nacional, isto é, neutralista.

Seremos, então, o paraíso imigrantista:— uma ambiência natural favorecidíssima, provada por gente livre e amena, sem prejuízo das raízes originais, expresse a soma de vá- A maior civilização tropical da História, o mais fecundo fruto da fraternidade, o mais persuasivo exemplo do amor cristão. Mercê de tais condições, se optarmos por diretrizes emigrantista amplas, poderemos ostentar, um dia, cultura que, sme prejuízo das raízes originais, expresse a soma de várias outras, vanguardeira da grande harmonia, da grande inteiração futura da Humanidade.

FLÂMULAS

CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA AS POLÍCIAS MILITARES

Flâmulas e bandeirolas para associações esportivas, unidades militares, milícias e outras entidades.

Impressas sôbre seda, rayon, etc., pelo processo silk screen.

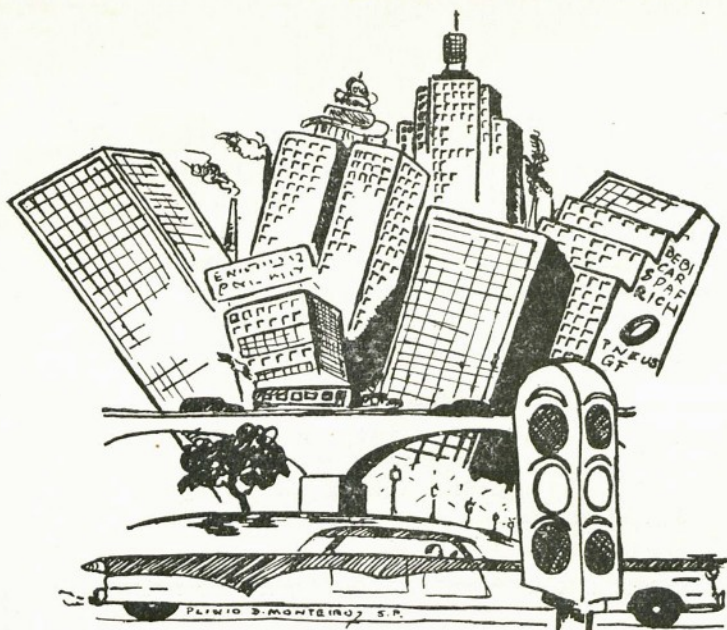
Remessas para todo o Brasil, pelo reembolso postal ou aéreo.

CONSULTEM-NOS, SEM COMPROMISSO

MAJOR

material para propaganda Ltda.

RUA CONS. MOREIRA DE BARROS, 409 (Santana) - S. PAULO, S P - FONE 3-8839



SINFONIA TRISTE DA = CIDADE GRANDE

Cap. Plínio D. Monteiro

(Ilustração do autor)

*Numa cidade grande como a nossa sempre é bom morar perto.
Mas, perto de que?*

* * *

Luzes esparsas na fechada branca dos arranhacéus escrevem frases na lousa negra da noite brumosa. A luz do neon empalidece a brasa dos cigarros de notívagos cansados, que se entocam em porões apertados e somem em portinhas escusas com pomposos nomes franceses, ingleses, ou extremamente nacionais: La mer, Cochicholo, Rabo de Arraiz, Moulin Bleu, Gafieira, Esconderijo, All Right, Roda de Samba, Gold glass, Le petit diable, Baga-

ceira, Cachaça, Borboleta Cega, Chez vous, etc. É uma das causas de "meu ordenado não chega", de muita gente.

* * *

Passam senhores vestidos como rapazes; rapazes com blusas leves, berrantes e floridas como roupa de mulher. Senhoras saem à rua vestidas como se estivessem em casa ou na praia, e mocinhas desfilam com roupas para quarto de dormir.

Porém, pormenorizemos a roupa de alguns rapazes:- Blusa "chemisière" de mangas 3/4; meias azuis ou amarelas sobressaindo sob as barras das calças apertadas e em lindos tons verdes ou ferrugem. Paletó de camursa "bordeau" negligentemente jogado sôbre os ombros, donde se destacam as mangas vasias flutuando ao vento, como o siroco que enche a cabeça dos portadores.

De quando em quando, cruza por nós uma elegância de amigo da onça, a par de um intransigente senhor que envelheceu mesmo, e porisso usa terno, camisa, gravata, sapatos clássicos e, por incrível que pareça, até chapéu.

* * *

Em baixo dos viadutos e pontes, nos desvãos de portas, dormem maltrapinhos. Alguns são infelizes de verdade, outros não querem trabalhar; vão se valendo um pouco de sua esperteza, um pouco da tolice alheia, somadas a algumas pequenas desonestidades nem sempre passíveis de punição.

* * *

Todos os cidadãos conhecem os meios de solucionar os problemas coletivos da cidade. Pena que seja estabelecido só um Prefeito para tantos habitantes. Deveria haver 3.000.000 de prefeitos para o Habitante.

* * *

Das conduções coletivas as melhores são os ônibus e bondes, principalmente estes últimos. Em meio de 100 pessoas podemos ignorar a presença e a conversa de todos. Nos lotações sempre somos obrigados a participar de palestras "interessantes", pois, permanentemente, estão os motoristas e algum passageiro, empolgados por assuntos estranhos ao que queremos pensar. E quando, casualmente, o tema coincide com o de nossa cabeça, tem em mira somente nos contrariar as opiniões. Temas permanentemente atuais:- futebol, russos, americanos, "sputniks" e impostos.

* * *

Existem, também, aquêles moços que não sabemos porque comerciavam, pois apregoam nas esquinas mais movimentadas, belas inutilidades — enghenhocas, perfumes e pomadas — tudo por um décimo do preço. Vendem coisas que servem para tudo; são verdadeiras panacéias; o mesmo produto se aplica, por si só, em curar moléstias do couro cabeludo, engraxar sapatos, limpar olhos e consertar pneus. H', ainda, os perfumes "franceses" e "bijouteries" comprados em leilões da Alfândega. E, mesmo sabendo que êsses extratos são legítimos "made in 25 de Março Street", muitos continuam comprando, e êles continuam vendendo.

* * *

Existem, na Cidade, umas duas ou três lojas que não se encontram em LIQUIDAÇÃO. É verdade, sim!

* * *

Passam ônibus fumarentos, lotações de paralamas caindo, carros desde modêlcs 1928. Deslizam Cadillaccs; rolam motonetas; arrastam-se bicicletas e triciclos. As filas dos ônibus crescem, crescem, crescem... Os pedestres se revezam como se fôsscm escalados por turmas, a fim de ocupar constantemente as ruas, e mostrar atividade aos turistas ou pacatos cidadãos de cidade pequenas.

* * *

Antigamente não havia filas, nem terríveis batalhas para entrar em bondes. Em compensação os baedores de carteiras tinham mai dificuldade em agir nesses lugares; e muito indivíduo não subia no bonde, só porque aquêlc lugar na ponta de cá do 3.º banco estava importunamente ocupado. Dá-nos saudades lembrar os cobradores de ônibus, pendurados na porta traseira do veículo, gritando em todos os pontos de parada (tôdas as esquinas):- "Vai p'ra cidade? Tem lugar" E, havia quem olhasse para o outro lado disfarçando; também, a passagem de ônibus era bem mais cara que a de bonde; esta era 200 réis, e a daqueles 300 réis

* * *

É uma balbúrdia; é horrível perturbador e asfixiante morar numa Capital assim. São problemas sôbre problemas; mas, quem quer viver longe dêles?

Nós todos preferimos vegetar nos meandros do "maior centro industrial da América Latina", a viver plena e repousantemente junto à natureza. Para nós, natureza é mesmo o Parque Ibirapuera; o Hórto é floresta amazônica; jardins são as árvores raquíticas das ruas asfaltadas e, ar puro é bióxido de carbono do escapamento dos automóveis e das chaminés das fábricas.

Disse um inglês: "Quando se chega a São Paulo, o Brasil cresce de repente".



MILICIANOS DA FÔRÇA PÚBLICA!

O PLANO DE "SEGURO DE VIDA EM GRUPO" DA
BOAVISTA - CIA. DE SEGUROS DE VIDA,
além de assegurar proteção aos seus familiares,

- é prático,
- não tem limite de idade,
- dispensa prova de saúde,
- é de custo insignificante,
- e cobre o risco de morte, qualquer que seja a causa, no serviço ou fora d'êle.

BOAVISTA - CIA. DE SEGUROS DE VIDA

SUCURSAL NO ESTADO DE S. PAULO.
Edifício "Boavista de Seguros"

Rua Conselheiro Crispiniano, 120
12.º and. - Fones 36-4893 e 35-9470

— SÃO PAULO —

QUANDO se tem conhecimento de que os interessados procuram obter a cooperação de grupos de interesse e do público em geral, é que surge os serviços de Relações Públicas.

A medida que os objetivos se estendem a novos setores, mais de perto vai afetar os interesses dos grupos. Sendo os interesses de objetivos positivos, os obstáculos devem ser removidos, criando-se inevitavelmente áreas de hostilidades.

Essas são, em síntese, as principais atividades das Relações Públicas.

Encontramos, com frequência, administradores com a idéia de que Relações Públicas é departamento responsável pelo assunto e, portanto, não mais se preocupam porque o encarregado, sendo especialista, deverá operar milagres, pois ocupa técnica própria no sentido da aprovação geral. Essa convicção tem acar-

RELAÇÕES PÚBLICAS

MÁRIO GRECO

A criação de novos servidores promove novos hábitos, acarretando uma competição indesejável. Então, os serviços destinados a manter contacto permanente entre os representantes dos diversos grupos, é imprescindível para expôr e transmitir as aspirações, os desejos e as necessidades do público em geral.

No processo de procurar o apóio e a cooperação do público, não basta conhecer os seus desejos e atendê-los. O problema é mais complexo. Os aspectos mais importantes devem ser levados em consideração. Não se pode perder os contactos entre o público e os elementos para formar uma impressão decisiva e final de eficiência, cortesia e vontade prestativa.

retado desastres e descrenças nas Relações Públicas.

Na verdade, as Relações Públicas, estudando um programa pode fomentar a informação, mas não pode formar uma opinião permanente, pois esta é obtida pelo caráter dos serviços prestados.

A maneira de se obter o apóio não somente é feita através de publicações, comunicados, etc., mas sim com o resultado de tôdas as reações do público proveniente dos serviços em geral. É a forma como um auxiliar cumpre o seu dever, como o balconista atende o freguez, e mesmo, como as reclamações são atendidas. A maneira como são entregues as mercadorias e como são feitos todos os outros serviços, in-

clusivo como se atendem os telefones, são fatores ponderáveis e decisivos.

O modo efetivo de obter o apoio do público não é trabalho isolado, mas de todos da empresa, inclusive da alta administração, sendo que estes estão mais envolvidos, pois as suas ações refletem em toda a organização.

O homem das Relações Públicas ajuda o alto administrador a cumprir e compreender os seus deveres e, por isso, deve estar ligado diretamente a ele.

Por mais hábil que seja em redigir comunicado ou promover meios de propaganda, não poderá sozinho, e mesmo com o auxílio de uma boa equipe de assistentes, cultivar boas relações.

Dessa compreensão se devem orientar as Relações Públicas, pretendendo-se com insistência transformar cada empregado no melhor instrumento para essa política. Os problemas embora envolvam, em especial, muitos aspectos, devem dar aos empregados o ponto de partida. Importantes como meios de comunicação, mantêm eles, entretanto, contatos pessoais muito freqüentes quando em situação de serviço como em círculos de amizade.

A divulgação por meios conhecidos como, imprensa, rádio, televisão, etc., são usados com tanta eficiência como os outros meios.

A aproximação da organização com a comunidade evidencia a importância da integridade, a competência e a imparcialidade dos empregados.

Pouco vale ao público ser informado sobre vários aspectos, se não houver confiança nos meios usados e naqueles que os executam.

Interessante é procurar desenvolver o seu senso de cooperação e responsabilidade para transformar cada um no maior elemento executante de Relações Públicas.

Executa o empregado, muitas vezes, o trabalho de maneira mecânica, sem chegar a compreender porque o faz. A empresa para ele é uma coisa sem nenhum valor, na qual ele não se sente integrado. O trabalho não significa saber como executar a tarefa, mas compreender como seu objetivo contribui para a realização da finalidade da empresa, contribuindo, deste modo, para o problema geral. Periódicamente, um resumo de seus problemas deve ser preparado, mostrando especialmente os objetivos e a justificativa de cada um, devendo participar no preparo desse programa todos os elementos da empresa indistintamente.

A importância das tarefas individuais, afastando a idéia de que estão executando trabalho isolado e rotineiro, deve ser a compreensão de todos.

As vantagens deste programa de orientação são tais, que o tempo e o esforço dispendido se justificam perfeitamente, mesmo que a primeira finalidade seja fazer cada um compreender o seu trabalho individualmente, dando-lhes um estímulo.

Nos processos de formulação de programas, de promoção de reuniões de auxiliares, convertendo os resultados em técnicas permanentes da administração, as reuniões periódicas

cas constituem fator de grande importância nas relações do pessoal e auxiliam o trabalho dos diretores e chefes. Discutem-se, nelas, os processos, as dúvidas de trabalho e o planejamento de novos programas. útil é tal prática, pois se trata de um grande instrumento para melhorar as relações públicas dentro da empresa.

Por Relações Públicas pode ser entendido o esforço deliberado da empresa e de seu pessoal, assim como a empresa e todos os que a ela estão ligados.

A identificação do público é o primeiro passo. Cada empresa tem o seu público e cada um é formado por diversos outros. Também deve ser considerada a existência de público interno e externo. O primeiro formado pelos elementos que constituem a empresa; o outro pelos clientes e acionistas, pelo governo e por outras organizações, mesmo os competidores.

Nos planos de programação devem as atitudes, os desejos e as opiniões, relacionadas com a empresa, serem considerados.

As críticas das normas e a investigação de modo a explicar os porquês dos diversos setores, possibilitam levantamento do comportamento dos diferentes grupos. Por meio de questionários, entrevistas, observações e outros métodos, conhecem-se as condições externas de uma empresa.

Feito o levantamento, são necessários uma revisão e ajustamento final para melhorar as normas vigentes e as próprias relações entre o público e a empresa.

Nesta ocasião o homem das Relações Públicas está em condições de chegar até o administrador para propor novos planos e as modificações necessárias. Os primeiros a serem atingidos são os elementos internos, pois é preciso melhorar a própria casa para, em seguida, poder melhorar o que está fora.

Todas as providências devem ser tomadas na empresa para fins de modificações e planejamentos de processos de informações, estando os serviços de Relações Públicas aptos a se utilizarem de todos os meios a fim de se desincumbirem de sua tarefa, usando em conjunto todos os elementos necessários para esse fim, como rádio, televisão, publicações internas e externas, reatórios e mesmo visitas a outras empresas, estimulando assim, os meios conseguidos através de resenhas diárias, impressos, recortes de jornais, etc. A escolha dos meios a serem usados dependem, entretanto, do público a ser atingido, do tipo da empresa e dos elementos pertencentes à comunidade.

Não se deve esquecer, e isto é importante, de que os recursos financeiros são necessários, porque para um levantamento e planejamentos, as despesas são grandes. E os serviços de Relações Públicas, não podem ser prejudicados.

O PRIMEIRO REATOR ATÔMICO DA AMÉRICA LATINA

Prof. Hans Peter Heilmann

Há dias tive o grato prazer de me dirigir à oficialidade da Força Pública, pronunciando uma palestra subordinada ao título acima. Tão importante e atual é o assunto, que eu gostaria de relembrar os principais pontos, para que todos tenham presente o que a energia atômica pode representar para o Brasil, e qual o papel do Instituto de Energia Atômica para o nosso futuro atômico.

Dissemos que, diante da crescente expansão da indústria e dos veículos motorizados, a Humanidade se via em perigo de esgotar dentro de pouco tempo as suas reservas de combustíveis fósseis, representadas sobretudo por petróleo e carvão. A continuar o presente ritmo de aumento de consumo, as reservas mundiais não dariam para mais 50 anos. Era preciso pois, procurar outra fonte de energia, e esta foi encontrada em boa hora: graças à genial concepção de Einstein, da equivalência entre a massa e a energia, cogitou-se de libertar a fabulosa energia contida no interior do átomo.

Há duas maneiras de conseguir isto: a FISSÃO, que consiste em reunir vários átomos leves para formar um átomo mais pesado. A primeira fissão em grande escala (reação em cadeia) foi conseguida por Fermi e seus colaboradores, em Chicago, em 1942. Nesta experiência, foram empilhados blocos de grafite e urânio, até se conseguir uma reação em cadeia. Desde então, chama-se PILHA ATÔMICA ou REATOR ATÔMICO todo aparelho dentro do qual se realizam fissões em cadeia. A fusão é o processo pelo qual é gerado o calor solar e das estrêlas em geral; já se conseguiu obter na Terra essa reação: é a bomba de Hidrogênio, na qual átomos de Hidrogênio se fundem para formar um átomo de Hélio. Hoje em dia, os cientistas do mundo inteiro procuram conseguir a fusão controlada, que seria um modo ideal de obter energia.

Existem dezenas de tipos de reatores atômicos, mas podemos considerar 2 tipos principais: REATORES DE POTÊNCIA, nos quais desejamos aproveitar a energia libertada nas reações em cadeia, e os REATORES DE PESQUISAS, nos quais desejamos utilizar o intenso feixe de neutrons libertado na reação em cadeia. Incidentalmente, dizemos «reação em cadeia» porque alguns neutrons que se desprendem numa fissão vão bater num outro átomo de urânio, produzindo nova fissão, na qual por sua vez se libertam neutrons capazes de atingir outros átomos de urânio, e assim sucessivamente, formando assim uma cadeia de fissões. O Brasil possui desde 1957 um Reator de Pesquisas, do tipo de piscina, que é até o momento o mais possante do mundo em seu gênero. Já num artigo anterior demos uma ligeira descrição do funcionamento de um Reator Atômico. Hoje, queremos focalizar em particular o nosso reator.

Ao fundar o Instituto de Energia Atômica (IEA) por decreto federal de 31 de agosto de 1956, o Brasil colocou-se entre os países pioneiros no ramo da ciência atômica. O Brasil seria o décimo país do mundo a ter seu reator em funcionamento, e o primeiro ao sul do equador. Da eficiência e capacidade de trabalho do IEA, falarão os números, melhor do que as palavras. Assinado o contrato para construção do prédio com a firma paulista de engenharia Martins Engel, a 23 de setembro de 1956, exatamente 51 semanas depois, a 16 de setembro de 1957, estava o prédio pronto, o reator montado e funcionando! O Reator foi fornecido pela firma americana Babcock & Wilcox, e montado aqui por pessoal brasileiro, orientado por 2 especialistas da firma construtora. Um deles ainda se encontra entre nós e está orientando as primeiras experiências.

Ninguém em sã consciência poderá negar que o Brasil necessita de energia atômica. Poderão perguntar, no entanto: não seria mais fácil imitar simplesmente o que se faz no estrangeiro? Se há tantos reatores no mundo inteiro fazendo pesquisas (só nos EEUU, mais de uma centena) será aconselhável que nós gastemos dinheiro num reator nosso? A resposta é: SIM. Com efeito, há inúmeros institutos de pesquisa atômica no mundo inteiro, mas em cada país a expansão da energia atômica apresenta problemas peculiares, relacionados com as disponibilidades de matérias primas. Nós precisamos de um Instituto que resolva os nossos problemas (por exemplo, o do aproveitamento do Tório, de que possuímos apreciáveis reservas) pois não poderemos esperar que outros países realizem esse trabalho para nós.

Vamos finalmente analisar em rápidas palavras qual a estrutura do IEA, e o que é que dele se espera.

O Instituto de Energia Atômica compreende 4 divisões: Física Nuclear, Física de Reatores, Radioquímica e Radiobiologia. Estas 4 divisões, cada uma dentro de sua especialidade, deverão cumprir as seguintes missões:

- a) Formação de Pessoal Especializado.
- b) Pesquisas puras de Física Nuclear.
- c) Pesquisas Aplicadas em Test de Materiais.
- d) Produção de Isótopos para fins industriais e científicos.
- e) Pesquisas e Estudos em colaboração com outras entidades.

FORMAÇÃO DE PESSOAL ESPECIALIZADO: Esperamos que, nos próximos anos, sejam instalados no país dezenas de reatores de potência, dando energia elétrica necessária à nossa expansão industrial. Todas essas usinas átomos-elétricas necessitam de pessoal especialmente treinado. Nem todos serão exclusivamente cientistas atômicos. Haverá, preponderantemente, engenheiros nucleares, isto é, engenheiros que, além das matérias habitualmente lecionadas numa Escola de Engenharia, cursaram um conjunto de matérias relacionadas com reatores atômicos. É no IEA que se fará esse estágio, sem dúvida, porque obviamente o lugar mais indicado para estudo de reatores é — junto de um reator.

PESQUISAS PURAS DE FÍSICA NUCLEAR: Há decênios o Homem está empenhado em desvendar os mistérios do núcleo atômico. Para isto, serve-se de grandes aparelhos aceleradores de partículas: ciclotron, betatron, gerador de Van der Graaf. Os reatores são mais uma poderosa arma para o estudo de propriedades nucleares. Fornecendo quantidades astronômicas de neutrons, que antes só eram obtidas por meio de custosas fontes de radium associado a polônio ou berílio, os reatores permitem estudar o comportamento dos núcleos atômicos quando atingido por neutrons. Não há termo de comparação entre uma fonte de radium e um reator no que diz respeito à quantidade de neutrons. Sabe-se que toda a quantidade de radium até hoje extraída no mundo é pouco mais de um quilo. Pois o feixe de neutrons do nosso reator equivale ao que se obteria com toneladas de radium!

PESQUISAS APLICADAS E TEST DE MATERIAIS: Uma das mais importantes funções de um reator de pesquisa como o nosso é servir de padrão e test para os outros reatores. Um arranjo que vai ser utilizado num outro reator poderá ser previamente experimentado no nosso, o que muitas vezes evita gastos inúteis. Em particular, um reator como o nosso irá estudar como se comportará um material quando sujeito à intensa radiação de neutrons, isto é, estudará o «dano de radiação», e assim dirá se um determinado material pederá ser ou não ser usado num reator. Na pesquisa apli-

cada contam-se ainda as pesquisas no terreno da radiobiologia, ou seja, efeito de radiação sobre os seres vivos e proteção contra radiações.

PRODUÇÃO DE ISÓTOPOS: Numerosos materiais, quando atingidos por um intenso feixe de neutrons, transformam-se em isótopos radioativos, cuja enorme utilidade já foi por nós apreciada num artigo anterior. Um reator poderá abastecer o país inteiro com isótopos, que serão usados na medicina, em pesquisas industriais, agrícolas ou científicas. Hoje em dia, os Estados Unidos também aplicam esses isótopos na indústria, como controle de quantidade e uniformidade de produtos, o que proporcionam uma economia fabulosa. (Estima-se que este ano os EEUU economizarão 5 000 000 000 dolares devido à aplicação de isótopos!)

Se o Instituto de Energia Atômica realizar todos esses propósitos, será sem dúvida um extraordinário fator de progresso científico e econômico para o Brasil.

SE VOCÊ TEM *INCLINAÇÃO*
E DESEJA ASSEGURAR O SEU FUTURO
APRENDA DESENHO

INSTITUTO TÉCNICO OBERG

(NÚCLEO DE ENSINO PROFISSIONAL LIVRE)

RIO - S. PAULO - NITERÓI - B. HORIZONTE - P. ALEGRE

CURSOS DE DESENHO
ARQUITETÔNICO - DEC. INTERIORES
PROPAGANDA - MÁQUINAS
AQUARELA - CARIAZES - MODAS

NOSSOS MÉTODOS DE ENSINO, CONCENTRANDO-SE NOS PONTOS MAIS IMPORTANTES E ELIMINANDO O SUPÉRFLUO, FARÃO DE VOCÊ EM APENAS 10 MESES, UM PROFISSIONAL COMPETENTE, CAPAZ DE ELEVADOS SALÁRIOS

AULAS DIURNAS E NOTURNAS

— : —

MATRÍCULAS EM QUALQUER ÉPOCA

AV RANGEL PESTANA, 2163
1.º ANDAR - SALAS 12 e 13 — BRÁS

RUA 24 DE MAIO, 104
6.º ANDAR — SÃO PAULO

OURO PRÊTO

A Silvío Romero Filho

*É negra a côr do Tempo... E a Natureza
Tôda de negro se apresenta aqui...
É negra a melancólica beleza
Da majestade do Itacolomy!*

*Nestas casas, nas ruas e ladeiras
Que coleiam no chão, como serpentes,
Há legendas de glórias verdadeiras:
Inda estão vivos os Inconfidentes!*

*Nestas esquinas, pela noite escura,
Nosso olhar vê, na sombra e no mistério,
Passar, curvada e rápida, a figura
Atormentada e esquiva de Silvério....*

*Por traz das grades da cadeia antiga
Sussurram velhas vozes do Passado:
Foi nesta cela escura, minha amiga,
Que Cláudio sucumbiu, desesperado!*

*Nestas varandas — que emoção ao vê-las! —
Nas suas longas noites de vigília,
Sob o olhar encantado das estrêlas,
Dirceu fazia versos à Marília!*

*E por tudo, nas cousas e no espaço,
Pairam do tempo as sombras envolventes....
Parece que se espera, a cada passo,
Encontrar pela rua o Tiradentes....*

.....
*E foi êste Passado perturbante,
Foi a tristeza que encontrei aqui,
E esta sombra que desce, dominante,
Dos cimos negros do Itacolomy,*

*Que me mostraram, vivos e serenos,
Êsses vultos homéricos de outrora,
Para ensinar-me como são pequenos
Os grandes homens do Brasil de agora! ...*

Walter Nogueira da Silva

(Do seu livro de versos "Há Sempre Estrêlas no Céu", S. Paulo, 1955)

BATISTA CEPELOS

Walter Nogueira da Silva

“Álvares, tens razão! Aos copos e à espelunca!
Beber o esquecimento em rios de bebida!
Pobre de quem, na Pátria, é um exilado, e nunca,
E nunca há de pisar na Terra Prometida!

O caminho do sonho e da ilusão se ajunça
De espinhos e calhaus... É penosa a subida!
Uma garrafa cheia? uma lâmina adunca?
Que importa?! O homem que pensa é indiferente à vida!

Se é forçoso chorar, misturaremos o pranto
Ao vinho generoso, e bebamos, enquanto
Nossos dias se vão ao capricho da sorte...

Poeta! que bom morrer em plena mocidade,
Se neste ingrato mundo, em que reina a maldade,
A glória nos sorri pela boca da Morte!

Enganou-se Batista Cepêlos neste soneto a Álvares de Azevedo. Nem sempre “a glória nos sorri pela boca da Morte”. No seu caso, por exemplo, quarenta e um anos depois da sua morte, raríssimas vezes tem sido lembrado, aqui e ali, pela saudade dos amigos que deixou e que, infelizmente, não foram muitos. Na terra que ele cantou com verdadeiro amor e a cujo passado dedicou versos da mais pura inspiração, seu nome é quase totalmente esquecido, quase inexoravelmente ignorado. A geração que vem surgindo não tem oportunidade de o conhecer, porquanto suas obras não foram reeditadas e constituem hoje preciosas raridades bibliográficas.

Sobre ele muito pouco se tem falado e muito menos se tem escrito. Dedicou-lhe um volume de crítica, apenas, o escritor Melo Nóbrega. Falaram sobre ele com saudade, Francisco Lagreca, Mário Vilalva, René Thiollier e Francisco Pati. Isto mesmo, a espaços longos. Nada mais. Além disso, apenas vez por outra, alguém o cita, muito ligeiramente, como o fez Humberto de Campos no primeiro dos seus quatro volumes de críticas. E no entanto, bem merecia o poeta, quando mais não fôsse pelo seu livro “Os Bandeirantes” o culto da gente paulista tão ciosa de seu passado glorioso e do qual, indiscutivelmente, a epopéia das bandeiras é a do mais alto significado heróico. Não se pode compreender, mesmo, pelo panorama de sua obra, que um poeta de tão elevado estro, prefaciado com elogios envidados por Olavo Bilac e Araripe Júnior, admirado pelos seus pares e pela crítica dos seus contemporâneos, um poeta que chegou a alcançar, em seu tempo, invejável popularidade literária, um homem cuja vida foi exemplo de esforço e tenacidade na luta que teve que travar contra a injustiça e a desgraça; não se

compreende, dizíamos nós, que quarenta e um anos depois de sua morte, ele permanença morto. Não se compreende que permanença morto para São Paulo, o poeta que escreveu este "São Paulo Antigo":

"Minha terra famosa como Athenas,
Ninho altíssimo de águias e condores!
Doce pátria das lânguidas morenas,
De Bandeirantes e Conquistadores!

Filha de Anchieta a balbuciar no seio
De soturnas muralhas religiosas,
Foi teu berço uma igreja, erguida em meio
De virentes palmeiras acenosas...

Assim nasceste nesses tempos idos,
Quando, pelo sertão metendo a testa,
Catechistas e Infantes aguerridos
Marinhavam no oceano da floresta.

Daqui, na irradiação de um sol a pino,
Teu gênio se espalhou de sul a norte;
E, ao progresso imortal erguendo um hino,
Fundavas um país imenso e forte!

Extinta geração! — homens d'antanho,
Cuja fama, sem mácula nos chega!
Infelizmente, este servil rebanho
Nem pode compreender vossa alma grega!

Enfim, é sempre doce e confortante
Recostar a cabeça pensativa,
E ver passar, num sonho deslumbrante,
Uma gloriosa imagem rediviva...

Evoquemos, portanto, a Paulicéia
Daquêles dons senhores arrogantes,
Cujos nomes preclaros dão idéia
De um sangue azul em pulso de gigantes!

São Paulo dos violões de rua em rua,
Soluçando uma toada merencória...
E Castro Alves gritando, à luz da lua:
"Oh, Liberdade! oh, Ponte Grande! oh, Glória!"

Cidade parnasiana! Moços poetas,
De basta cabeleira desgrenhada,
Ficam de sob as gelósias quietas,
Cantando o nome da mulher amada!

E Alvares de Azevedo, sorvo a sorvo,
Bebendo o "spleen" de uma tristeza eterna,
Frequenta a cova lóbrega do "Corvo",
Onde imagina as "Noites na Taverna".

Cidade ue estudantes, gravemente
Sobraçando um massão de leis antigas,
De dia — atentos à lição do lente,
De noite — em serenatas e cantigas...

Oh! Cidade de boêmios pitorescos
Envolvidos em capas e mistérios...
Vultos que notambulam, donjuanescos,
Através de jardins e cemitérios...

São Paulo da garôa peneirante:

Um pálido lampeão ao longe brilha;
Range uma portinhola e, ao mesmo instante,
Escorrega uma sombra de mantilha...

Uma canção de amor, num sonho leve,
Enche de languidez a noite fria...
Nisto, se abre uma rótula, de leve,
E um claro rosto de mulher espia...

Então, meiga Cidade da pureza,
Sôbre a colina, como um lírio branco,
Eras um berço de ouro, uma beleza:
Ruas tortas, casinhas no barranco...

Hoje, São Paulo meu, não há terreno
Que te baste, no ardor com que te expandes...
Mas ai! quando tu foste assim pequeno
Como os teus grandes homens eram grandes!

É este, minhas senhoras e meus senhores, o poeta que São Paulo esqueceu.

Urge que nos redimamos dêsse esquecimento ignominioso. São Paulo, consciente, brioso e justo, precisa pagar a dívida que tem com Batista Cepêlos. E é a nós, homens do trabalho intelectual, que cabe a tarefa reparadora. Não cavaleando entre nós mesmo contra a injustiça da humanidade. Mas promovendo a divulgação da sua obra magnífica por todos os meios a nosso alcance. Que estas nossas palavras de hoje sejam o início de uma campanha vigorosa de justiça a Cepêlos, colocando-o no pedestal a que faz jus pela beleza extraordinária de seus versos; mostrando às gerações que surgem que nós sabemos cumprir nosso dever. Porque, sem dúvida nenhuma, cabe a nós, irmãos-poetas, monges e romancistas, músicos e pintores, filósofos e mestres, escultores e juristas, entregar aos que vêm o facho rutilante e simbólico do espírito humano. Este é o nosso dever e nós precisamos cumpri-lo.

Não cabe, numa simples palestra, a biografia de Batista Cepêlos, nem é nosso intuito um estudo profundo do homem. Daremos apenas, em traços rápidos, um esboço de sua vida, tão cheia de altos e baixos, como sói ser, sempre, a vida do poeta. Manoel Batista Cepêlos nasceu na vizinha vila de Cotia, a 10 de dezembro de 1872. Era filho do professor de primeiras letras João Batista Cepêlos e de D.ª Maria Diniz Cepêlos. Seu avô paterno foi o Dr. João Cepêlos Correia, assassinado em Campinas, onde era promotor público.

Aqui cederemos a palavra a Melo Nóbrega, que nos dá, em ligeiros traços, um croquis da infância e da adolescência do poeta: "Cepêlos aprendeu o ABC com o professor João Coelho de Castro, tendo como decurião o próprio pai. Já alfabetizado, passou depois para a classe paterna, na escola rural instalada no bairro de Vargem Grande, em que chegou a exercer as funções de auxiliar do mestre. Quando rapaz, voltou a residir em Cotia. Datam de então as suas atribuições, iniciadas pela inimizade gratuita que lhe votara o delegado de polícia da vila. Essa malquerença e talvez a ambição de tentar a vida em centro maior, levaram Cepêlos a assentar praça no Corpo Municipal Permanente, hoje Força Pública Paulista.

Dessa época se conta um episódio (que aliás me foi referido, ainda na semana passada, pelos sobrinhos do poeta e que aqui me dão a honra e o prazer de sua atenção) um episódio — dizia eu — que bem define a docilidade de caráter de Cepêlos, ou, simplesmente, de Maneco, como o chamavam na intimidade. Indo, numa de suas saídas do quartel, visitar parentes numa casa cheia de moças que o admiravam, o poeta encontrou, na sala, aboletado comodamente numa poltrona, um sargento que, por motivos sem importância, não o tolerava e que, valendo-se do seu posto, perseguia-o a propósito de tudo. Cepêlos cumprimentou respeitosa-

mente o superior hierárquico e, muito sem jeito preparava-se para retirar-se da sala, quando o sargento ordenou que êle lhe fôsse buscar um copo d'água. As moças da casa acudiram, retrucando que, para êsses serviços tinham criados e poupavam ao poeta a humilhação. Tempo depois, em nova visita à mesma casa, encontra-se, outra vez o poeta com o sargento. Só que dessa vez não era mais o soldado Cepêlos que ali estava. Era já o Tenente Cepêlos. Uma das moças, então, aproveitando a ocasião para a represália:

“ — Faça o favor de levantar-se, Senhor Fulano! Quando um oficial entra numa sala, os inferiores devem pôr-se de pé. Não é assim, Maneco! Você não quer um copo d'água? O fulano irá buscar...”

Mas o tenente sorriu, sem responder, e mandou que o sergente estivesse à vontade.”

Só aos 23 anos, em 1895, já então versejando ativamente, Batista Cepêlos iniciou os preparatórios, parceladamente, prestando exames perante as bancas do Curso Anexo à Faculdade de Direito.

Em 1896 publicou o seu primeiro livro, “A Derrubada”. Honestamente confessamos que não lemos êsse livro, por não o termos conseguido; mas a acreditar no que diz Melo Nóbrega, foi um mau livro.

É um poema descritivo; “o tríptico — derrubada, queimada, brota — é tratado com absoluta frieza. Fervilham os consoantes escolhidos a dedo e os intoleráveis adjetivos imprópriamente chamados “poéticos”. Os puristas do idioma têm, nas minguadas páginas do poemeto, assunto para polpudas e solenes considerações gramaticais sobre “o que não se deve dizer”. E acrescenta ainda o crítico Melo Nóbrega: “na idade em que tantos homens já ensaiam audácias na vida pública, Cepêlos era apenas esforçado autodidata, que prestava exames de humanidades. Alie-se aos empecilhos de ordem intelectual, a premente problema pecuniário. Daí a pobreza da apresentação. Era um preparatoriano que se aventurava à publicidade com um livro pequenino... A preocupação da forma, entretanto, que haveria de dominar a obra inteira de Cepêlos, já estremecia nas páginas pobres de “A Derrubada”. Fundamentalmente romântico, o poeta agitou-se, ansioso, à procura da expressão. Essa inquietude explica as incursões rápidas que fez por tôda as escolas literárias do seu tempo, ávido de originalidade.”

De onde se conclui, que a estréia literária de Maneco não foi auspiciosa. Vejamos, como dissemos a princípio, o que pode o esforço, o que pode a tenacidade.

Seis anos depois, em 1902 — mesmo ano em que terminou o curso de Direito, bacharelando-se a 28 de novembro, Cepêlos publicou o seu segundo livro: “O Cisne Encantado”. Abriram-se, então, para êle, de par em par, as portas do sucesso e da popularidade. O livro foi recebido com eloqüentes ditirambos pela crítica. Penas como a de João Luzo, Afonso Celso, Sívio de Almeida, Eurico de Góis e Francisca Júlia da Silva, proclamaram, aos quatro ventos, a excelência do poeta.

O entrecho é simples. Ofir, o herói do poema, sonhou, certa noite, com um cisne branco vagando calmo, num lago azul, “como um pedaço azul do céu”. O cisne, que no sonho, representa o ideal, “súbito, abrindo as asas, fugitivo...” “lá se foi além”; e Ofir sente um desejo incontrolável de seguir o cisne. De repente y flôr d'água, surge uma linda mulher “como um lírio branco numa jarra azul. A mulher representa o amor desejado e êle, “de braços abertos, como louco”, vai lançar-se a seus pés. Mas a visão desaparece pouco a pouco e uma voz lhe diz que êle deve sair pelo mundo em busca do destino”. “E Ofir partiu por êsse mundo afóra, cantarolando uma canção feliz”. Tão feliz que não via a beleza da manhã de sua aldeia. Não via o bosque, não via o rio, não via a névoa, não via a estrada.

**“Um passarinho, num gorgeio rico
Atravessando o céu de azas em cruz,
Parecia levar, prêsa no bico,
Uma orquestra de luz!...”**

Mas Ofir não via nada. "É que somente o preocupava o sonho, pois o mortal que sonha é quase um Deus!"

Contudo, ao chegar ao alto de um monte, Ofir parou e voltou o olhar à aldeia natal que já ficara distante. E as vozes da infância o exortam a ficar:

Não persigas a sombra fementida
De uma núvem, que ao sol tirou a côr;
A vida é sempre esta enganosa vida!
E o amor carnal é um passageiro amor!"

Mas Ofir não escuta as vozes da infância. E parte. Mais tarde adormece à sombra de uma árvore, à margem de um rio, embalado pela "canção das águas", que é, sem dúvida, uma das jóias do poema.

E Ofir vai à Grécia. Acha que chegou tarde. Está mais longe, o seu ideal. Os deuses desertaram e, por toda parte, ele encontra somente ruínas de templos e de estátuas. A Grécia vive apenas em Homéro, Anacreonte e Sófocles.

"O estudo do Passado é um doloroso estudo,
O tempo é destruidor e os homens são perversos!
Mas feliz a nação que apesar disso tudo,
Consegue reviver num punhado de versos."

E Ofir tem saudades da aldeia natal e, mesmo longe, continuam as vozes da infância. É quando lhe surge então uma visão rósea que o incita a deixar "as tristezas tôdas para a idade das folhas secas e da neve" e o convida a conhecer o Egito, subir o Nilo e "mergulhar na poeira do deserto". Mas ali também não estão o Ideal e o Amor. E Ofir recorda os amores passados nas suas peregrinações pelo mundo, sem nunca encontrar a mulher do lago. E ele chora, "prevendo que jamais veria realizado o seu sonho de amor". E sente que lhe foge a mocidade:

"Adeus! A mocidade é uma ilusão que passa,
É um gorgêio no bosque, uma tênue fumaça,
Subindo, mansa e azul, como a prece de um santo,
Que voa para Deus, na aza leve de um canto!
É flôr que uma só vez o cálix desabrocha,
E, no cimo da serra ou na base da rôcha,
O seu perfume é sempre o mais grato que encerra
O seio germinal e fecundo da terra."

Num cemitério, Ofir declama, filosófico, o eterno dilema da Hamleto:

"Sempre o ser ou não ser. A infeliz creatura
Diante do Creador, cambaleia e vacila.
E a razão vai bater às portas da loucura
Enquanto a natureza é obediente e tranqüila!"
"... A febre de saber que a todos acutila,
Sempre foi e há de ser a maior desventura."

E surgem dos túmulos, sombras que falam da inutilidade do seu sonho de um amor ideal.

E Ofir caminha. Do alto de um cimo agreste, lança um olhar retrospectivo ao caminho percorrido e exclama:

"Sonhei, fui sonhador, arrastando a alpercata
De peregrino, errei na idade florescida.
E, hoje, rememorando essa peleja ingrata,
A minh'alma infeliz se debate perdida.
Trespasso com meus ais o coração da mata,
Onde outr'ora eu cantava uma canção querida,
E sinto o chão tremer sob a grosseira pata
Do tédio, em que passeio este resto de vida..."



WALTER NOGUEIRA DA SILVA

**Insensato que fui — seguir uma esperança!
Eu devera entregar-me ao capricho da sorte,
E nunca desejar o que nunca se alcança!**

**Mas, enfim, para que lastimar dêste jeito,
Agravando uma dor mais terrível que a morte,
Se eu não posso arrancar o coração do peito?!"**

O sonhador medita. E uma visão lhe aparece, "suave como um lírio, tendo nos olhos azúis a saudade imortal dos céus azúis." É a fé. E Ofir pede-lhe conselhos, ajoelhado, como em prece. Mas a visão desaparece e o sonhador vai atirar-se ao abismo. Nisto, de repente, aparece-lhe uma visão verde: é a Esperança, que o demove do gesto tresloucado e o exorta a continuar a caminhada. Desta vez é a caminhada de regresso. E ele volta à terra natal e acha em tudo um encanto novo. E conversa com as árvores, com as pedras, com os rios, com os pássaros, dissuadindo-os de um dia tentarem a viagem que ele fez. É também essa uma esplêndida peça encrustada no engaste de ouro do poema.

E quando, numa curva do caminho, êle descortina ao longe a sua Aldeia, exclama, aliviado:

"Volto. Bendito seja o berço meu querido!

— Suspirado remanso

**Onde venho encontrar, modesto e arrependido,
Uma pouca de terra e um pouco de descanso!"**

E curvando a cabeça vê o seu retrato refletido na água do rio:

**"Ai! Por uma ilusão feita de um sonho vago,
Ao mundo me atirei, percorri o mundo todo.
E em vez de um branco cisne a boiar sôbre um lago,
Vejo as faces de um velho espelhadas no lôdo!"**

É isto o poema. A guerra entre a Razão e o Ideal. O homem prêso à matéria, embora possua as brancas e grandes azas do pensamento. Com êsse poema, já completamente liber'lo dos rigores parnasianos, perfeitamente simbolista, Cepêlos conseguiu o seu lugar ao sol.

Não era, entretanto, o ponto máximo da sua escalada. Era apenas mais um degráu. Quatro anos depois, em 1906, tendo já abandonado, como capitão, a carreira militar, êle atinge o ápice da sua popularidade e do respeito dos seus contemporâneos com o livro que foi também, paradoxalmente, a escharpa pela qual se despenharia, de vez, sua tranqüilidade: "Os Bandeirantes".

Olavo Bilac prefaciou êsse livro. E tão atuais me parecem as suas palavras nesse prefácio, que não me furto ao prazer de transcrever aqui alguns trechos: "Quando se diz que a poesia vai morrer, ou está morta, o que se quer dizer é que ela vai ressurgir, alimentada de um novo ideal, cheia de uma nova seiva, exuberante de mocidade e de frescura. Essa frase quer apenas dizer: "a estética, que hoje possuímos, já não satisfaz". A poesia, que está morta ou vai morrer, é essa que a si mesma se repete, há séculos, cantando os mesmos assuntos, celebrando as mesmas emoções. A necessidade de uma nova estética é tão evidente, e de modo tão claro se afirma, que os poetas da Europa (sempre imitados por nós) começaram, nestes últimos anos, a versejar de uma maneira que horripilaria os velhos poetas clássicos, — desconjuntando os versos, criando ritmos novos, quebrando os moldes consagrados, desprezando tôdas as imposições da métrica. Há nisso um equívoco deplorável: o que é preciso renovar e reformar não é a forma: é a essência. Pouco importa que os versos não sejam os mesmos, quando a mesma é a emoção que os anima. Uma velha idéia sempre será velha, — ou traduzida em decassílabos clássicos, ou formulada em linhas de prosa rítmica, sem a tirania das leis da metrificação. A verdade é que os preconizadores do "verso livre" nada inventaram: as suas liberdades nada mais são do que o exagero, das liberdades que já os românticos e os parnasianos tinham inaugurado.

No que diz respeito à concepção, ao assunto, às idéias inspiradores, quase todos êles ficaram fiéis à velha estética; e os que quiseram produzir alguma cousa verdadeiramente nova caíram no culto do estilo sibilino, torturado, rebuscado, incompreensível. Um dos "novos" da França, Camille Mauclair, confessou, há pouco, que a sua geração ainda não descobriu um novo caminho: "Estou persuadido de que há tôda uma beleza nova a descobrir, absolutamente distinta daquela que nos contentava ontem".

Ora, compreende-se facilmente que na Europa, nas velhas nações hiper-civilizadas, cuja história e cuja alma já têm sido em todos os sentidos exploradas e estudadas, não possa um poeta encontrar essa "nova beleza", que Mauclair deseja ver revelada. Para os poetas de lá, à falta de novidade histórica ou etnológica, só pode haver a novidade que êsse mesmo escritor lhes indica: a ciência e o conflito social. Mas o que não se compreende é a estagnação em que

ficou a poesia brasileira. A nossa história, a nossa constituição de povo, o acordar e o crescer da nossa raça, são, ainda hoje, campos virgens, que nenhum poeta resolveu nem fecundou."

Tece, depois, considerações sôbre o aparecimento da poesia nacionalista, com Gonçalves Dias, em 1846, para dizer, por fim, que Batista Cepêlos parece ter adivinhado ou descoberto um caminho novo, com a fase épica da exploração e do povoamento dos sertões. E termina assim o prefácio: "O livro, porém, não é apenas a apologia dos aventureiros conquistadores do sertão. Tôda a alma da terra paulista estremece, vibra e canta nos versos dêste poeta paulista. As paisagens da terra do índio Tybiricá são aqui amorosamente pintadas; as evocações históricas avultam e palpi'am, animadas por um espírito apaixonado e terno.

Este é, em suma, um livro que se não confundirá com o comum dos livros de versos; é o livro de um legítimo, original e excelente poeta, a quem tenho orgulho de saudar em primeira mão".

Claro está que com um prefácio destes, assinado pelo expoente máximo da poesia brasileira em seu tempo, Batista Cepêlos estava consagrado. Os louvores de Bilac foram secundados imediatamente pelos de Araripe Jr., Júlia Lopes de Almeida, Raymundo Correia, João Ribeiro e Alberto de Oliveira. A edição exgotou-se rapidamente e os seus versos calaram de modo profundo na alma paulista. Daí paradoxalmente lhe veio a desgraça. Freqüentando as melhores rodas da sociedade paulistana da época, veio a apaixonar-se e tornar-se noivo de uma moça, filha de um dos mais eminentes políticos da época, homem cujos troncos avengos se perdiam naquelas rudes gerações de desbravadores. Parece que o velho paulista não via com bons olhos o casamento da filha com o poeta, apesar de ter consentido no noivado. Há, em tôrno da tragédia que se seguiu, controvérsias as mais absurdas, opiniões as mais desencontradas. A verdade é que, certo dia, e aqui vão novamente, palavras de Melo Nóbrega, "o chefe de família exemplar, cidadão prestante e homem de princípios rígidos, matou a própria filha, noiva do poeta, suicidando-se em seguida. A sociedade paulista alarmou-se. A bisbilhotice exigia explicações ácidas para o gesto louco. Os boatos fervilharam. Hipóteses irreverentes, cruzaram-se, rabeando pela dignidade alheia".

Imagine-se, então, — minhas senhoras e meus senhores — a angústia do causador involuntário do drama. A noiva perdida para sempre, os comentários cáusticos e malévolos em tôrno do caso, tornaram São Paulo o único lugar do mundo onde êle não poderia mais viver. E Cepêlos fugiu para o Rio, acabrunhado e triste. Custou a recompor-se e só o conseguiu aparentemente, porque na sua alma deve ter ficado para sempre a cicatriz do desencanto.

No seu terceiro livro de versos, "Vaidades," prefaciado por Araripe Jr., e publicado em 1908 — dois anos depois da tragédia, a sua poesia tomou rumo diferente. A dor cristalizada no cérebro, tem sido a geratriz de não poucas obras primas. A dor é irmã do gênio. E êste livro, "Vaidades", mostra claramente o gôsto amargo da dor. Há versos feitos ainda ao embalo daquele amor, ao ritmo encantado da ilusão querida:

"Que amor! não posso mais! que amor! que amor imenso!
Sinto o meu coração derreter-se em ternuras!
E, nest'a ânsia mortal, cada vez me convengo
De que amar dêste modo é morrer de torturas!

Tôda esta alma eu queimei a seus pés, como incenso
Em que a prece cristã vôa para as alturas...
E agora vivo a errar, sem destino, suspenso,
Vendo a minha ilusão nas minhas desventuras.

E nem ousou tocar a sombra de meu dedo
Nas letras de seu nome, escrito com meu sangue
E, com grande mistério, envolvido em segredo...

Mas, quando vir que morro, êsse nome bendito
Há de fortificar meu espírito exangue,
Antes que vá bater às portas do infinito!"

Ou então:

"Silêncio... eu quero ouvir esta promessa louca...
Estrêlas, na amplidão, ocultai-vos depressa...
Namorados, predeí os arrulhos na bôca...
Silêncio... eu quero ouvir esta louca promessa...

Que, pelo amor de Deus, ninguém diga ser falsa
Esta bendita voz que, em ouvindo, me ajoelho;
Se fôr uma ilusão que assim me anima e exalça,
Não troco esta ilusão pelo melhor conselho".

Mais adiante em "Pássaro Azul", êle exclama:

"Ora, a luta melhor, a que mais enobrece
É a do amor pelo amor, sem nenhum interesse.
O amor, bênção do céu, que ilumina a desgraça,
É a suma aspiração desta vida que passa...
O homem, obra do amor, só quando ama é perfeito!
É alheio o coração que lhe pulsa no peito!"

Mas a nota predominante em todo o livro é a amargura, é o tédio, é o desencanto; em "Torre Azul", êle geme:

"E achei nada valer, nesta existência nula,
Capitanear um povo ou cingir a cogula,
Pois tudo se reduz a uma peleja inglória,
Na chata insipidez desta vida ilusória!
A paz de cláustro, a quietação de um vaticano?
Mas como enclausurar o pensamento humano,
Que nos crava no peito a flecha da amargura
E é donde nos provém a maior desventura?!
Sistema, religiões, filosofia louca!
O melhor é abafar as palavras na boca
E caminhar ao léo, porque os vários caminhos
Estão cheios de lama e estão cheios de espinhos!"

E um pouco além, na mesma poesia:

"O homem, que já cansou em meio da jornada
E nada mais espera e nem deseja nada,
Com grande placidez no semblante e no gesto,
Colimando uma luz, que lhe sirva de norte,
Até que, enfim, lhe chegue a liberdade e a morte."

Volta-se para Schopenhauer e exclama:

"A náu das ilusões afunda-se nos dias,
Em que hão de naufragar os séculos também;
E cada coração é como um Jeremias,
Chorando sôbre o pó de uma Jerusalém..."

E mais:

"Existe uma verdade: é a dor, a dor eterna
Esta, não há fugir: é sombra e vai atrás!"

Monstro mais infernal do que o monstro de Lerna,
Nem na terra da morte ela nos deixa em paz!"

Mais adiante afirma:

"A batalha da vida é tão mesquinha,
Que um punhado de poeira é o seu trófeu,
Quando a sombra da morte se avizinha,
E envolve a natureza, como um veu!"

Em "Naquele Tempo", começa assim:

"Tudo é mentira e falsidade;
O tempo vôa, a vida corre,
E a nossa pobre mocidade
Um dia morre.
Para beber o desengano,
Um lábio em flôr é a melhor taça...
De nada vale o esforço humano,
Se tudo passa...
A aza doirada da alegria
Foge num rápido momento;
E o que nos segue dia a dia
É o sofrimento."

"O Tédio" possui quadras como esta:

"Em momentos como êste, o palmeiral do sonho
Em cinzas se desfaz; e o meu peito, é de vê-lo:
Lembra um chato deserto, onde o tédio enfadonho
Arrasta rudemente as patas de camêlo..."

Há momentos mesmo, em que o poeta, pretendendo fazer um poema otimista, é traído pelo próprio eu, revoltado, sofredor e triste. É o caso, por exemplo, do poemeto "O homem que pensa". Reparai, senhoras e senhores, a contradição dos conceitos filosóficos, transmutando a poesia de luz em poesia de trevas:

"Feliz o homem que pensa, e larga as velas,
Como um navio, balouçando os mastros,
E a mente, vencedora das procelas,
Ergue até às nuvens, dominando os astros!

E, de sôbre os espaços mais profundos,
Onde tudo se acaba, e principia,
Vendo o triste espetáculo dos mundos,
Cria os mundos azúis da fantasia!

Surpreende confidências amorosas
Nas cousas mudas, no guaiar dos ventos...
E, na bôca dos lírios e das rosas,
Bebe a seiva de novos pensamentos.

Não lhe faltam consolos na amargura;
Longe dos homens, não está sôsinho;
Conversa a estrêla, que no céu fulgura,
E ouve a queixa que solta o passarinho.

Sabe ver claro as cousas da natura,
Entrando, como um Cristo, ao lar do pobre;
E, desde a criação à criatura,
Que profusão de símbolos descobre!

Mas também, perquirindo a alma de tudo,
As vêzes, que profundo desalento!

Há dores crudelíssimas, contudo
Não há dor mais cruel que o pensamento!

Quem lhe dera sentir como um profano,
E ter o peito arrefecido e bronco,
Para não ver um sofrimento humano,
Numa fôlha que cáí... num velho tronco...

Ah! na tortura de uma dor imensa
Eterno Prometeu acorrentado,
Deante da turba-multa, que não pensa,
O homem que pensa, como é desgraçado!

Encarnando e sentindo a vida alheia,
Ei-lo num mar de lágrimas imerso,
Enquanto rôla, como um grão de areia,
A mesquinha grandeza do universo!"

E lhe vem a certeza do fracasso próprio; a certeza de que sonhou alto demais; e explode em ironias amargas como esta:

"Ah! só devemos ter, nesta vida inclemente
Um passinho correto, seguro e prudente,
E não correr atrás de nenhuma esperança,
Manejando uma pena ou brandindo uma lança!

Não se deve sair dêste lento passinho
Que pisa com firmeza e no melhor caminho,
Para correr atrás da ambição illusória
Do amor ou do poder, do dinheiro ou da glória!"

Mas procura êle mesmo consolar-se da sua desdita, com frases em que, no seu orgulho, certamente não crê. Por exemplo:

"Há desgraçados que são bem felizes"

ou no final de um soneto:

"Mas se eu cair no campo da batalha,
O perdão que me sirva de mortalha,
Perque às vêzes cair também é glória!"

Nada dis'io, Cepêlos não queria cair. Na sua aparência, nos seus gestos, só uma atitude deixava transparecer seu sofrimento interior. Era o gôsto pela bebida, na qual algumas vêzes foi buscar lenitivo à sua mágua. No mais, era afável, erecto e orgulhoso. Êle mesmo dizia:

"... Escondo a minha dor no peito,
Porque, para quem sofre dêste jeito,
A própria compaixão é uma ironia"

Mas o sofrimento aponta novos caminhos. E o nosso poeta encontra consolação no suave perfil do Crucificado, para quem se volta repetidas vêzes e deixa então de ruminar o próprio sofrimento para cantar a vida dos humildes. Ouvimos, assim, a sua voz que diz:

"Senhor! Enquanto houver injustiça na terra
Serás a fortaleza e o pão dos infelizes!"

Ou assim:

"Então volvendo o olhar que o desespero encerra
Acharás, nesse Deus, coroado de espinhos,
A única salvação dos que sofrem na terra!"

Volta-se também para a Virgem Maria:

"Espôsa virginal, tímida espôsa,
Que, num beijo de luz, foi concebida,
Nas suas mãos líricas é que repousa
A melhor esperança desta vida."

E aos humildes, no "Evangelho dos Pobres", fala quase como um irmão, como um igual:

"Bem adivinho, em teu olhar sem brilho,
A expressão quase morta de um desejo;
E, dizendo o que digo, não te humilho,
Nem é motivo por que tenhas pejo.

Esse teu coração de maltrapilho
Ainda não sucumbiu, conforme vejo,
Porque sonhas ser pai e ter um filho,
Um rebento de amor, beijo de um beijo!

Disseste aos passarinhos tais segredos,
Que eles cantaram pelos arvoredos,
Mas não houve mulher que desse ouvido...

Chora, boêmio, o teu sonho malgrado,
Certo de que, se nunca foste amado,
Também nunca serás desiludido!

Concita-os a que não tenham ambição de glória ou de riqueza:

"Abraça a tua cruz, abraça,
Que a ambição é uma origem de desgraça
A quem já vive desgraçado assim."

Ou então:

"Antes, de povos governar, governa
As miseráveis paixões que te consomem."

Foi indiscutivelmente, um precursor dessa poesia social tão em voga, e já aconselhada aos poetas por Camille Mauclair, no início do século.

Fala às amas de leite:

"Triste officio! criar pecado alheio,
Ao preço de trabalhos e amarguras,
E, tendo o peito fartamente cheio,
Tratar ao próprio filho com usuras!"

Fala aos bêbados:

"Então, para esquecer a vida amarga...
Entras a uma taverna, sem receio,
E, lutando com a dor, que te não larga,
Ergues, como um punhal, o copo cheio!

Fazes bem. Si, roubado de carinho,
Não há esperança que à tua alma desça,
Mistura as tuas lágrimas ao vinho,
E enche de vinho essa infeliz cabeça!"

Fala aos analfabetos:

"Nestes tempos de agora, em que o livro semeia
A peste da instrução, que nos torna um precito,
Que poesia no olhar de quem só deletreia
O poema que o Senhor escreveu no infinito..."

Tem palavras de amor e de ternura para vagabundos que “à noite vão sonhar na pedra dos esgotos”, para a costureirinha que passa “batendo os sapatinhos na calçada”. Fala às crianças pobres:

**“De que vos servem êsses risos leves,
Num regaço de mãe carinhosa,
Se os minutos da infância são mais breves
Que a sombra de uma núvem cor de rosa?!”**

Fala aos negros:

**“Negros! — almas dolentes,
Com que santa nobreza,
Sofrem, quase contentes,
A injustiça cruel da natureza!”**

Fala dos cães de rua, do tocador de realejo, dos emigrantes, dos ciganos, dos velhos mendigos, dos filósofos de rua, dos paralíticos, dos soldados, dos leprosos e grita, num fim de poema aos aperrios:

**“Deixa o poeta sonhar, se desdenhas do poeta;
Um dia sabers o teu erro qual foi:
Ter a fôrça do leão e a coragem do atleta,
Unida  estupidez impassível do boi...”**

Batista Cepêlos, repito, foi um precursor, no Brasil, da poesia preocupada com os problemas sociais. Mas os caminhos da dor e da injustiça levam a um prto só: Deus.  ainda na religião e na poesia que se encontram as melhores soluções para os problemas finais do homem. E Cepêlos, pela dor, pela injustiça, encontra o caminho de Deus. No aho de sua morte, 1915, foi levado  cena, no Teatro Trianon, no Rio, o seu drama bíblico, “Maria Madalena”. Infelizmente não foi psto em livro este poema. Publicou-o a Revista do Brasil em os números 59 a 62, correspondentes aos meses de novembro de 1920 a fevereiro de 1921. Para o bom desenvolvimento do drama Cepêlos teve que aperfeiçoar as personagens bíblicas. Não tanto a figura de Cristo, mas bastante a de Madalena, cuja adorao por Jesus, no poema,  quase sacrlega até o deslumbramento místico do final. Cepêlos romantizou a figura de Madalena para poder transformá-la em eixo da peça. Coloca-a na posio de cortez que não podia compreender o amor senão carnal. E para traçar-lhe o perfil, fundiu numa só personagem quatro mulheres da Bíblia: a mulher que ungiu os ps do Senhor e cujo nome não chegou até nós, Maria Betania — irmã de Lázaro — Maria Magdala e a adúltera. De retalhos dessas quatro mulheres fz uma só, tda nervos.

O primeiro quadro da peça mostra o terraço do templo, na festa dos tabernculos. Jesus, a dois discípulos, João e Pedro, que se queixavam de perseguições, repreende:

**“A minha cruz tão cedo esmaga?
Divis bendizer, como eu bendigo,
A dor que desabrocha numa chaga.

Eu vos afirmo que meu fardo  leve.
Quem  do mundo, nada tem comigo,
Minha passagem pelo mundo  breve.

O que  da poeira há de voltar  poeira;
Mas eu vim do meu pai, nêle persisto
E nêle viverei a vida inteira.”**

A um judeu que se aproxima e lhe pergunta qual o maior mandamento da Lei Mosica, responde Jesus:

**“Ami-vos sem cessar, sem paga e sem escolha.
O vosso corao**

Seja leve no amor e humilde como a fôlha
Que no galho se inclina à menor vibração.

E, por isso, eu repito ao pobre como ao rico:
Amai-vos sem cessar! Os profetas e as leis
Se resumem no amor em que nos unifico
Para que vos ameis.

Sim, é preciso amar, amar até a loucura
De ver na ingratidão o melhor prêmio; achar
Que é delícia sofrer e morrer de tortura
Pelo crime de amar”

E como zombassem de suas palavras, voltou a insistir:

“Amar é padecer. O amor é um sofrimento.
Quem não sofre não ama e não tem caridade.
Só passa pelo mundo, estéril como vento,
E não deixa memória e não deixa saudade.

Aproxima-se a multidão barulhenta, tendo, à frente, Barrabaz, bêbedo, cantando e arrastando após si, esfarrapada e quase nua, Maria Madalena. Segue-se então a cena do “não julgueis para não serdes julgados”, que, no poema de Cepêlos, termina assim:

“Aquêlê dentre vós que, sem nenhum disfarce,
Puder erguer a fronte e puder confessar-se
Limpo de coração, consciência imaculada,
Lance nesta mulher a primeira pedrada!”

O segundo ato desenvolve-se em casa de Lázaro, na Betania. Madalena, diante de uma janela aberta, ao crepúsculo, divagueia, com voz suspirosa:

“Sinto um vago desejo, uma ternura vaga...
Um flúido de prazer me circunda e me afaga.
Depois que vi Jesus foi que fiquei assim:
Vivo aérea, a sonhar, como fora de mim.

Cristo entra, rodeado de discípulos e a repreende:

“Se soubesses amar!
Quem ama eu sei, nada pede ou deseja:
Dá tudo que possui e tudo que lhe sobeja.
No próprio coração tem tudo quanto quer!

Madalena unge-lhe os pés, ante o olhar de Judas que calcula em dinheiro o perfume derramado. Entram homens cegos, aleijados, paralíticos, e dali saem curados ao simples aceno da mão de Cristo. Novamente a sós, Madalena tenta despertar os sentidos de Jesus. E êle censura dizendo que o amor que lhe ensina é o puro amor de Deus. Ao que ela retruca:

“Não. Não quero saber. Eu só sei que sou tua:
Não desdenhes a flôr que encontraste na rua.
Eu sou bela, não sou? Minha carne é um marfim
Perfumado de alôes. Olha para mim.

Afasta-te mulher!

Meus braços são macios
E meu sangue muralha à maneira dos rios.

Cala-te!

O meu andar, quando movo os pés nús,
Tem uma languidez igual à dos bambús.

O Mestre, então, comovido ante a incompreensão de Madalena, diz-lhe com doutrina meiguice:

Mas tu deves saber que eu quero ser amado
Não apenas em mim, nesta fraca matéria:
Amar pelo desejo é uma grande miséria.
E por isso eu te digo: Em primeiro lugar,
Darás teu coração a quem te maltratar.
A mão que te estender o mendigo sem teto,
Além de dares pão, darás o teu afeto.
Quando alguém te insultar, quando alguém te bater,
Tu dirás: Assim seja, é preciso sofrer.
Sobre cada aflição verterás o teu pranto,
Sobre cada nudez deitarás o teu manto.
E, em reposta à calúnia infamante e mordaz,
Darás o teu perdão e o teu beijo de paz...
.....
Não terás ambição: O que fôr há de vir...
Desejar é não ter, desdenhar é possuir.
E depois que murchar como lírio dolente,
A tua carne moça, apaixonada e ardente,
E só no coração tua vida pulsar
Como dentro de um búzio a lembrança do mar;
E depois que êsse rosto, onde o sangue borbotava,
Tiver a palidez de uma estrêla remota;
Quando não fores uma sombra sequer
Da antiga pecadora e da antiga mulher,
Então tu serás minha...

O terceiro ato é no cenário trágico do Gólgota. Depois de tôdas as cenas de blasfêmias e repúdios, dos soldados que jogam aos dados sua túnica, começam a desfilar ante o Cristo agonizante os doentes por êle curados, negando os milagres com que foram beneficiados. Madalena invetiva-os e, diante da ignominiosa acusação de que ela está ali apenas defendendo um dos seus amantes, escorraça-os, dizendo:

Ide todos em paz! Eu permaneço aqui.
Nos lábios de Jesus nunca um beijo colhi;
Mas hoje seu que o amor, que eu julgava um delírio,
Pode ter a brancura impecável do lírio:
Por isso eu, que rolei no prazer mundanal,
O meu seio hei de abrir como se abre um pombal,
E semear pelo mundo a esperança que encerra
Aquêl grande amor que êle sonhou na terra.

Fizemos, para vós, minhas senhoras e meus senhores, um pálido resumo da obra poética de Batista Cepêlos. Assim o fizemos porque o nosso objetivo é o da divulgação. Não temos pendores para a crítica e não nos move aqui outro sentimento senão o da admiração pura e simples. Não é análise nem obra de erudição o que pretendemos fazer. Poderíamos, se o quiséssemos, citar as influências francesas e portuguesas na obra de Cepêlos, como é moda fazer-se na de qualquer poeta brasileiro. Poderíamos, até, com maior propriedade, apontar a influência de Bilac, notadamente no livro "Vaidade". Mas nada disso faremos. Satisfeitos ficaremos se ao fim de nossa palestra, tivermos conseguido insuflar no vosso coração um pouco de amor por êsse grande poeta que em verdade não merece o esquecimento e o abandono a que é relegado.

Mas voltemos a dar uma última vista de olhos à obra de Cepêlos.

Vista assim, panoramicamente, uma particularidade impressionante nos salta aos olhos. Esta, sim, é uma influência notável na sua poesia: o azul. A palavra "azul" aparece na obra de Cepêlos, do princípio ao fim, algumas centenas de vezes. Que seria esse "azul" que tanto o impressionara? O céu? Os olhos da mulher amada? O olhar de Cristo? Não sabemos. Sabemos apenas que o azul o encantou, que o azul descansou os seus olhos, que o azul o perseguiu, que o azul era a sua obsessão. E sabemos mais, que, no seu último soneto, rabiscado num envelope e encontrado em seu bolso após a morte, ainda o azul estava presente: cremos que, em Cepêlos, o azul era a própria poesia.

Não estaria completo o nosso trabalho desta noite, sem o retrato físico de Manoel Batista Cepêlos. Por isso vamos transcrever aqui, alguns trechos de uma conferência de Francisco Lagreca, para dar aos que nos ouvem, uma idéia mais nítida do poeta:

"Conheci Batista Cepêlos por ocasião da morte de Almeida Júnior. Foi em Piracicaba, há não sei bem quantos anos. Uns vagos rumores de popularidade já o acompanhavam no ambiente artístico da época, e eu, de olhos muitos curiosos e admirados, longamente fitei aquela extranha figura de poeta, de tez muito branca, olhos azuis, e uma esplêndida fisionomia de saúde e de inteligência. Desde então nos nos desconhecemos mais. Ele se tornara um companheiro de todos os dias, um mestre infatigável, um amigo bom e dedicado, um desses orientadores que sabem aparar as arestas crispantes da primitiva inexperiência dos neófitos literários. Um dos traços característicos de Cepêlos era o seu desmedido orgulho de homem que vivia intensamente a vida vibrátil do espírito.

Não suportava o contacto com as mediocridades que lhe não conheciam o gênio, e por isso, não raras vezes, as descompunha em presença de outras pessoas, xingando os versos chulos que tinham a audácia de recitar na sua presença.

Cepêlos não tinha hora para escrever. Quantas vezes o encontrei a trabalhar pela manhã, à tarde, e em horas avançadas da noite. Residia comumente, em casa de pensão. Os móveis do seu quarto não eram mais do que duas cadeiras, uma cama de solteiro, uma pequena mesa de escrever, três ou quatro volumes das obras de Eça de Queiroz ou Fialho.

Tinha a tortura da perfeição. Enquanto não prendesse bem a idéia na galola de ouro da forma requintadamente burilada, ninguém sabia o que o poeta estava a compôr. Não gostava de exibicionismo. Quando publicou o "Evangelho dos pobres" recebeu elogios de Bilac, Raymundo Correia, Alberto de Oliveira, Luís Murat e Vicente de Carvalho. Guardava, com discreto orgulho, as cartas e as referências dignificantes. Seus poucos amigos já se haviam acostumado às suas esquisitices quotidianas. Admiravam-lhe o talento, e isso era o suficiente para suportar toda espécie de neurastenia que caracterizasse o valoroso artista, que, nem todos, infelizmente, souberam compreender.

Quando tinha ogeriza por um desses palhaços da rima, Cepêlos fazia o seguinte: trocava-lhe os nomes... Por exemplo: Wencesláu de Oliveira, êle chamaria Wencesleira de Olivau... Essa espécie de pilheria, com que, às vezes, chasqueava da inferioridade alheia, é que, talvez, o afastou do convívio do povo, dos fúteis aplausos da arraia miúda, dos cortiços literários, que há em todos os tempos e em todas as nações.

Alimentava-se muito pouco. As refeições de Cepêlos não matariam, por certo, a fome de um garoto de seis anos. Preferia petiscar pelas confeitarias e casa anônimas onde faziam empadas e pastéis, regadas a cerveja, que era a sua bebida predileta.

Muito econômico, só gastava certa e determinada quantia a fim de não ficar sem dinheiro para o restante do mês. Tinha horror ao mato. Num simples passeio pelos arrabaldes paulistanos, quando se distanciava um pouco da cidade e da civilização, êle ficava inquieto e regressava às pressas, exclamando:

— "Não sou bugre. Não gosto de caipirismo!"

Muito calado, não sabia pedir favores. Tinha uma noção enérgica de independência individual. Preferia sofrer a depender de alguém.

Era lamentavelmente míope. Em lhe caindo o pince-nez, tateava e nada via. Atribuo a êsse fato a morte de Cepêlos nas pedreiras de Santa Tereza, no Rio. Dava, constantemente aos seus amigos mais afeiçoados, os melhores conselhos: assuntos sérios, de preferência sôbre a história e encantos naturais de S. Paulo. Era interessante, original, de uma beleza física impressionante. Falava com extrema correção, e não deixava nunca de usar uma bengala, para afugentar os imbecis, dizia êle".

Ao ler essa conferência de Francisco Lagreca, fomos forçados a concordar com o povo, deliciosamente irônico, que diz: "Rima... mas é verdade..." Se os grandes poetas se têm caracterizado pela força de sentimento e de sinceridade que transborda dos seus versos, êsses mesmos poetas, levados pela imaginação, pintam em outros poemas, figuras ambientes que só existem nesse país às vêzes maravilhosas e outras vêzes tremendamente macabro, criado pela fantasia.

Se êsse poetas não fossem conhecidos senão através de sua obra, nunca teria surgido, dos lábios irreverentes do povo, aquela deliciosa expressão. O que acontece, é que, com os versos — se os mesmos são belos — costuma aparecer uma senhora, às vêzes incômoda e quase sempre indiscreta, que se chama popularidade.

E quando o povo vem a saber que o poeta que em seus versos fala em reposteiros veludo e tapetes de macias felpas, reside (o verbo será mesmo residir) num quarto pobre e escuro, de assoalho esburacado e mal cheiroso, — quando o povo vem saber disso, dizíamos, tem ou não tem razão para criar aquêle ditado?

Quando êsse povo que, através do que lê claramente nos poemas imagina um vate de olhar dominador e braços fortes, vê, amanhã, numa esquina ou num café, o poeta em carne e osso, de olhar apagado, sem luz, tem ou não tem razão para aquêle inofensivo dito?

A mulher amada, principalmente, é sempre bela, está sempre acima de tôdas as críticas. Se não tem grandes olhos "profundamente negros", possui, com certeza, um claro olhar azul que lembra um pedaço do céu. Se não tem longos cabelos negros como a noite, é "loura como as espigas, como os raios de sol e as moedas antigas". Quase nunca se encontra o meio termo, e nunca, isso nunca, a mulher amada é feia e desgraciosa.

Bernadino Lopes, o incorrigível boêmio e notável poeta que passou à posteridade como B. Lopes, tôdas as vêzes que punha uma figura feminina em seus versos — e isso sempre acontecia, inevitavelmente, não se contentava em exagerar a beleza e graça de uma mulher de sua classe social; não! As mulheres de B. Lopes eram fidalgas! Além de belas, divinamente belas, eram sempre duquezas, marquesas e condessas! No entanto, na vida real, quem era B. Lopes? Era aquêle natuto, que mesmo se esforçando por trajar à moda não conseguia esconder a sua verdadeira personalidade de roceiro do homem nascido, criado e feito homem no interior do Brasil. Era aquêle B. Lopes que Emílio de Menezes caricaturou assim:

**"Empertigado malandrim pachola,
De polainas, monóculo e bombachas,
Mandou pôr nas botinas meia sola
E abandonou, de vez, Porto de Caixas".**

Outras vêzes é na própria poesia que os poetas se desmentem. Fagundes Varela, o louro vate do "Evangelho nas Selvas", que em quase tôda a sua obra tem frases de sincero ressentimento contra a vida e a humanidade; o revoltado que chegou a exclaimar:

**"Ah! Que eu não possa me esquivar dos homens...
... Que busco, pasmo, nos salões doirados?
Verme do lodo me desprezam todos."**

Fagundes Varela, que se embrenhava no recesso das matas para fugir ao mundo dos homens; Varela que desejava apagar da lembrança o nome da mulher amada queixando-se:

**"Por que teu nome vem ferir-me o ouvido
Lembar-me o tempo que passei no mundo?"**

Varela, dizíamos, que teve palavras tão amargas contra a humanidade, é o mesmo que vem a excluir, depois, em "Velha Canção":

**"Não sou desses gênios duros
Inimigos do prazer
Que julgam que a humanidade
Só nasceu para gemer."**

É o mesmo que confessa, mais tarde:

**"Eu não detesto nem maldigo a vida
Nem do despeito me remorde a chaga."**

Desmentiu-se... Muitas vezes... Suas palavras de incontido ressentimento teriam sido, talvez, produto de efêmero abatimento de espírito.

Outro exemplo notável é o nosso imenso Bilac. Esse príncipe dos amorosos, esse incomparável poeta que levou uma vida inteira a falar de amor. Bilac, o autor de Via-Látea e de Tercetos; Bilac, o grande e sincero amoroso escreveu, num dos seus últimos sonetos, num daqueles magistrais sonetos de "Tarde", estes versos:

**"Falei tanto de amor, de galanteio,
Vaidade e brinco, passatempo e graça,
Ou desejo fugaz que brilha e passa
No relâmpago breve com que veio.
O verdadeiro amor, honra ou desgraça,
Gôzo ou suplício, no íntimo fechei-o.
Nunca o entreguei ao público recreio,
Nunca o expuz, indiscreto, ao sol da praça."**

E assim têm sido os poetas em todos os tempos e em todas as literaturas.

Agora, lendo a conferência de Francisco Lagreca, lembramos tudo isso, porque há ali um trecho que vamos repetir: "Tinha horror ao mato. Num simples passeio pelos arrabaldes paulistanos, quando se distanciavam um pouco da vida e da civilização, ele ficava inquieto e regressava às pressas, exclamando: "Não sou huere! Não gosto de caipirismo!" E este homem, senhoras e senhores, era o mesmo que cantava e descrevia as florestas, os rios e as montanhas da pátria, exclamando como exclamou:

**"Apraz-me a solidão e o silêncio fecundo
Da mata, aonde não chega a voz torpe do mundo"
"Quero, por onde passe, a carícia dos ramos,
A pureza da fonte e a voz dos gaturanos;
Quero beber a côr na viçosa frescura
Do verde que sorri no meio da verdura."**

Ah! os poetas, os poetas! Quanto bem, que enorme bem têm feito à alma humana a sua imaginação prodigiosa, o seu poder criador.

Minhas senhoras e meus senhores, passai adiante o que ouvistes hoje aqui. São Paulo não pode continuar ignorando o seu poeta. Sim, dissermos o seu poeta. Batista Cepêlos é o poeta de São Paulo, título que ninguém lhe pode negar. Poe-

ta cujo sentimento constante era de admiração pelo passado, preocupação pelo presente, e esperança no futuro de São Paulo. Ajudai-nos, portanto, a propagar o nome daquele que fecha o seu livro "Os Bandeirantes" com este soneto magistral:

"Ah! terra maternal das florestas viçosas!
Bem mereces o amor daqueles que alimentas,
Tu, que os braços abrindo, enfeitada de rosas
Exibes o vigor das pomas opulentas!

Aos afagos do sol, em teu seio apresentas
Tesouros minerais e frutas deleitosas!
Aqui em baixo, retumba um som de águas violentas,
Lá em baixo, um cafezal mostra as filas airosas...

Terra moça e louçã, morena dos palmares,
Embalada ao langor de uma rêde macia
E ostentando à cabeça um tope de cocares!

Amar-te como pátria é uma prova ainda pouca,
Porque é como mulher que eu te desejaria
Aptar junto ao peito e beijar bem na tua bôca!

(Conferência de WALTER NOGUEIRA DA SILVA
no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo,
em 10 de dezembro de 1957, por ocasião da abertura da
"Semana de Batista Cepêlos").



Walter Nogueira da Silva nasceu na linda Cabo Frio aos 25 de abril de 1915; linda e poética pelas ondas tricolores, que seu mar sempre agitado faz rebentar sob a luz radiosa de sol tropical; pelas suas praias de areia fina e alva, que se amontoa em contornos caprichosos de suas dunas admiráveis ao sopro dos alíseos; pelas suas gaivotas graciosas, que, em seus vôos suaves, descrevem curvas elegantes num céu sempre anil, que fazem o enlévo da visão.

Tão lindo e poético teatro, que a mão do Criador chantou naquele recanto bem brasileiro, haveria, por evidente, de influir na formação espiritual desse ilustre filho do Estado do Rio de Janeiro, fazendo-o poeta.

Walter é mais conhecido entre o público carioca pela atuação que teve nos microfones do Rio de Janeiro entre 1935 e 1943, quando interpretava versos seus e versos de inúmeros poetas outros através da Mayrink Veiga, sob a bandeira do "Clube da Meia Noite" primeiro e, ao depois, do "Clube de Letras Guanabara", mas sempre com grande repercussão e êxito.

Já tem publicado "Há Sempre Estrelas no Céu" (Saraiva S. A., São Paulo, 1955) e conclui "Memórias de Um Homem Comum", ao qual já se referiu Araujo Jorge em crônica para a revista "Carioca", datada de 1938, pois de há muito Walter já o iniciara.

Paralizado até agora, porque o poeta não o é unicamente, mas também é

ESTIMULE O APETITE

Si seu filho está sem apetite, prepare-lhe pratos com "MAIZENA". Ele apreciará as extraordinárias sopas e cremes de legumes, bem como as deliciosas sobremesas preparadas com o, insubstituível

AMIDO DE MILHO

MAIZENA

MARCA REGISTRADA



TRIANGULO

*operário, que trabalha duro no ganha-
ção de cada dia, com que tem vivido
familiarmente entre seus entes mais
queridos, em breve estará no prelo e
nas livrarias, para deleite dos namora-
dos do verso.*

*Poeta e civil, Walter Nogueira da
Silva veio fazer ressurgir a figura do
poeta e soldado Capitão Manoel Batista*

*Cepelos, paulista prematuramente leva-
do do nosso convívio, cujos feitos na
paz e nas campanhas mais realçaram
a trajetória gloriosa da Fôrça Pública
de São Paulo, para a qual, todavia, êle
é quase desconhecido!*

*Bem pcrisso, Walter Nogueira da
Silva bem merece a nossa estima, a
nossa gratidão, o nosso aplauso, a nos-
sa continência!*

JOSÉ HIPÓLITO TRIGUEIRINHO

Coronel da Reserva da Fôrça Pública de São Paulo

CONSUMIR PRODUTOS NACIONAIS

É UM DEVER DE PATRIOTISMO

É AJUDAR A LIBERTAÇÃO
ECONÔMICA DO BRASIL

É CONTRIBUIR PARA O
DESENVOLVIMENTO DA
NOSSA PRODUÇÃO

O governador Antônio Balbino, entusiasmado com o Colégio, tomou a si a responsabilidade de construir o edifício do novel estabelecimento, na mesma Vila Militar, cujas obras já estão bastante adeantadas, tendo-se como certa a sua conclusão para antes do início do próximo ano letivo.

REORGANIZADA A ESCOLA DE FORMAÇÃO DE OFICIAIS

De acôrdo com o trabalho elaborado pelo Gabinete do Comando Geral, ora sob a chefia do major Edson Franklin de Queiroz, e orientado pelo cel. Graça Lessa, Comandante Geral, a Escola de Formação de Oficiais passou a ter a seguinte organização pedagógica:

I — Ciclo Prévio-Preparatório:

Curso Prévio, com a duração de 2 anos, objetivando completar a instrução ginasial de candidatos ao Curso de Formação, civis e praças, que possuam pelo menos a 2.ª série ginasial, exceto os sargentos de fileiras que poderão ser matriculados se apenas habilitados no exame de admissão exigido para todos os candidatos.

II — Ciclo Básico

Curso de Formação de Oficiais — Básico, com a duração de 2 anos, no qual os concluintes do Curso Prévio ou candidatos com o curso ginasial ou equivalente, aprovados em exames de admissão, completam a instrução secundária e necessária e obtêm a instrução policial-militar fundamental.

III — Ciclo Especializado

— Curso de Formação de Oficiais Combatentes, com a duração de 2 anos, onde os candidatos a oficial combatente, das armas ou, que desejam apropriadamente os milicianos de São Paulo, de Segurança, recebem instrução policial-militar e jurídica compatível com as funções que terão de exercer.

— Curso de Formação de Oficiais Intendentes, com a duração de 2 anos, para a preparação intelectual e profissional dos futuros oficiais intendentes ou de administração.

Assim, a formação do oficial será feita em 4 anos no máximo, compreendendo os cursos dos ciclos básico e especializado.

Também, os futuros oficiais estarão habilitados a matricular-se em Escolas Universitárias, de acôrdo com a Lei Federal últimamente sancionada.

BATALHÕES DE POLÍCIA

Entre as inovações propostas pelo Comando Geral para a Lei de Fiação de Fôrça de 1958, foram sugeridas as denominações de BATALHÕES DE POLÍCIA para os atuais BATALHÕES DE CAÇADORES existentes na Polícia Militar, unidades no interior do Estado, isto é: o 1.º estas que estão tôdas aquarteladas Batalhão, em Feira de Santana, o 2.º em Iheus, o 3.º em Juazeiro e o 4.º em Alagoinhas.

Também, foi proposta a criação do Departamento de Instrução que abrangerá as seguintes organizações escolares:

- Escola de Formação de Oficiais
- Colégio da Polícia Militar
- Escola de Formação de Sargentos e Graduados
- Escola de Recrutas
- Grupamento de Instrução das Organizações de Tropa e Serviços.

DISTRITO FEDERAL

ALTERAÇÃO NOS ALTOS POSTOS DA PM

O sr. Eurico Sales, ministro da Justiça, assinou portaria, no dia dezesseis de janeiro último, fazendo cessar a classificação, a pedido, do tenente-coronel Lauro Correia, no cargo de chefe do Estado Maior; no cargo de Ajudante-geral, do tenente-coronel Barnabé Rodrigues de Barros; no cargo de comandante do Batalhão de Infantaria, do tenente-coronel Hélio Miranda Quaresma; e cargo de comandante do 6.º Batalhão de Infantaria, do tenente-coronel Anis Saião Caldeira Bastos.

Pelo mesmo ato do ministro da Justiça, foram classificados: no cargo de chefe do Estado Maior, o tenente-coronel Barnabé Rodrigues de Barros; no cargo de Ajudante-Geral, o tenente-coronel Anísio Saião Caldeira Bastos; no cargo de comandante do 1.º Batalhão de Infantaria, o tenente coronel Lauro Correia; no cargo de comandante do 6.º Batalhão de Infantaria o tenente-coronel Hélio Miranda Quaresma, e no cargo de Diretor da Secretaria das Comissões de Promoções, o major Mário da Silva Santos.

LEI DE INATIVIDADE

O Poder Executivo, em mensagem de fevereiro de 1956, submeteu à consideração do Congresso Nacional, projeto de lei dispondo sobre a reforma dos militares da PM e do CB do Distrito Federal.

O Projeto manda aplicar aos componentes daquelas corporações vários dispositivos da lei que regula a inatividade dos Exército, Marinha e Aeronáutica, no que se relaciona principalmente com os limites de idade para a reforma e as condições de incapacidade para o serviço.

A Comissão de Segurança Nacional da Câmara dos Deputados, apreciando a proposição do govêrno, aprovou o substitutivo ali apresentado pelo relator, dep. Cunha Machado.

Esse trabalho mereceu também a acolhida da Comissão de Finanças, que o encaminhou, em seguida, ao exame do plenário.

O CB REQUER MAIS 1500 HOMENS

Em declarações a um matutino carioca, afirmou o cel. Rafael de Souza Aguiar, comandante do Corpo de Bombeiros, que a corporação dispõe de ótimo material, mas que a sua deficiência reside no pessoal. «Estamos com um efetivo de 1500 homens, quando precisamos, no mínimo de 3.000» disse êle. «A comissão interministerial que apreciou a situação da corporação, logo depois do incêndio do Vogue, concluiu que as necessidades de pessoal para atender aos chamados eram de 6.100 homens. Mas eu me satisfaria com apenas 1.500.» Esclareceu ainda que o material com o que seu pessoal traba-

lha pode ser considerado como dos melhores e a escada que possui para combate de incêndios em altura é uma das maiores do mundo: 46 metros, atingindo 15 andares. A época do incêndio do Vogue ainda não possuímos essa escada.

Sugestões à Prefeitura

Informou ainda o comandante Souza Aguiar que fez várias sugestões à Prefeitura para aplicação na reforma do Código 6.000. Ele teve a satisfação de ver que foram todas aceitas. Uma das mais importantes se refere à obrigatoriedade de serem colocados nos edifícios alças retangulares de 40 cms. por 10 cms. Essas seriam colocadas no lado externo dos prédios, á altura do 3.º andar, de forma que, em caso de incêndio, nelas pudessem ser colocadas escadas de 2 ganchos (que o Corpo de Bombeiros possui). Por ali desceriam todas as pessoas válidas. As escadas são do tipo comum, iguais às que se usam em casa. A diferença seriam os dois ganchos que se ajustariam às alças.

« Os bombeiros só iriam ter trabalho com as crianças, os velhos e os doentes. Qualquer pessoa sã poderia descer por elas sem maior esforço » — afirmou o comandante.

Outra sugestão importante apresentada foi a padronização dos locais das lixeiras nos prédios, permitindo que nelas sejam ajustados os exaustores de fumaça.

«Um de nossos grandes problemas é a fumaça, que precisa se expelida. Atualmente, temos de arrombar várias portas até poder instalar nossos exaustores de forma que a fu-

maça seja posta fora do prédio. Se pudéssemos adaptar os bocais dos exaustores aos bocais das lixeiras, esse problema seria facilitado. A fumaça seria jogada ali dentro e sairia pela chaminé. Isto evitaria que depredássemos o imóvel para atingir o lado de fora.

Instalações elétricas

Também as instalações elétricas, tanto nas residências como as de rua merecem especial atenção do Corpo de Bombeiros para facilitar o trabalho dos soldados. Nas residências, a colocação da chave elétrica perto da porta de entrada e em local visível e desimpedido. (A primeira providência é desligar a instalação elétrica). Na rua, o problema é ainda mais sério. Quando há necessidade de usar escadas (o que acontece com muita frequência), tem-se de esperar que a Light desligue o circuito da região, pois trabalha com cargas de alta tensão. As chaves ficam localizadas nas centrais elétricas. É necessário avisar ao funcionário encarregado e esperar a resposta de que já houve o desligamento para poder subir as escadas com segurança, isto é, sem perigo de encostar num fio, eletrocutando os operadores. A sugestão apresentada pelo coronel Souza Aguiar é a colocação de chaves em determinado pontos da cidade, no alto dos postes. Dessa forma, os próprios bombeiros podem desligar o circuito sem perda de tempo, que é o grande inimigo dos soldados do fogo.

Saiam da frente!

A respeito da perda de tempo, o coronel comandante pediu que fizéssemos um apêlo ao povo: «Saiam

da frente quando ouvirem as sirenas dos bombeiros!». Quando estão com as sirenas abertas é porque vão atender a algum chamado, e precisam chegar depressa. E é preciso também chamar logo os bombeiros quando virem um início de incêndio. Isso pode evitar catástrofes.

Estatística

No ano passado, houve mais 229 saídas com prestação de serviço pelo Corpo de bombeiros que em 1956. Dizemos com prestação de serviço porque, por incrível que pareça, ainda há quem se divirta dando alarmes falsos, chamando os bombeiros à toa. Em 1957 houve 2.642 socorros, contra 2.413 no ano anterior. O maior incêndio foi o da Camisaria Progresso, no dia 31 de dezembro. Esse, aliás, foi um dos dias mais trabalhosos para os soldados do fogo: 28 incêndios, sendo dois grandes. O mês que maior número de chamados apresentou foi agosto, com 318. Em 1956, o mês mais movimentado foi fevereiro, com 326. O último mês do ano passado apresentou um total de 268 chamados. O Corpo de Bombeiros possui, em toda a cidade 14 postos. Em Santa Teresa há um que não está funcionando por falta de pessoal.

GOIÁS

SERÁ INSTALADO O CB EM GOIANIA

A capital goiana deverá dispôr, brevemente, do seu Corpo de Bombeiros, cuja instalação está em vias de exucação. Com o equipamento inicial de apenas um veículo, o cita-

do melhoramento entrará em funcionamento logo que a capital disponha de água em abundância, o que se dará após a esperada inauguração da adutora «João Leite».

MINAS GERAIS

ATO DO GOVERNO DECLARADO INCONSTITUCIONAL

Os coronéis voltarão ao Tribunal de Justiça Militar.

A questão da aposentadoria de dois juizes do Tribunal de Justiça Militar do Estado foi objeto, novamente, no dia 5 de fevereiro, de julgamento pelo Tribunal de Justiça do Estado.

Trata-se de uma questão que remonta aos últimos dias do governo do sr. Clóvis Salgado. Nessa ocasião, o então governador assinou decreto transferindo para a reserva da Polícia Militar os coronéis Edson Neves e Américo de Magalhães Gois. Para ocupar o lugar de ambos no Tribunal de Justiça Militar, que integravam desde a gestão do governador Milton Campos, o sr. Clóvis Salgado designou os tenentes coronéis Lauro Pires e José Marques Filho. Promovidos a coronel, passaram eles a integrar a Côrte de julgamento da Polícia Militar.

Não se conformando com a sua transferência para a reserva, os coronéis Edson Neves e Magalhães Gois impetraram mandado de segurança ao Tribunal de Justiça. O recurso foi apreciado pelas Câmaras Cíveis Reunidas que, dando provimento ao pedido, julgaram inconstitucional a reforma dos militares.

Dessa decisão, o Estado de Minas Gerais, através de seu advogado geral, interpôs recurso para o Supremo Tribunal Federal. Estudando a espécie, a suprema Corte decidiu prover o recurso, entendendo que a questão, por encerrar discussão relativa à constitucionalidade, deveria ser examinada pelo Tribunal Pleno, e não pelas Câmaras Reunidas.

Confirmada a Decisão

Voltando os autos a Belo Horizonte, o processo foi outra vez examinado no Tribunal de Justiça. Na quarta-feira da semana passada foi iniciado o julgamento, ocasião em que o relator do mandado de segurança, desemb. Forjaz de Lacerda, proferiu seu voto, no sentido de declarar inconstitucional o ato que transferiu os impetrantes para a reserva. A pedido do desemb. João Martins de Oliveira, o julgamento foi adiado.

Na sessão plena do Tribunal, teve prosseguimento a votação. Por unanimidade, o Tribunal declarou inconstitucional o ato do ex-governador Clóvis Salgado, determinando a remessa dos autos às Câmaras Cíveis para o julgamento de todo o articulado dos impetrantes.

Nova Situação

Com a decisão do Tribunal de Justiça, os coronéis Edson Neves e Américo Gois deverão retornar ao Tribunal Militar. Em consequência, os coronéis Lauro Pires e José Marques Filho deverão ser afastados daquela Corte, e ficarão em disponibilidade.

HOMENAGEADO O COMANDANTE DA PM

Ao ensejo de seu aniversário natalício, no dia 21 de fevereiro p.p., o Coronel Manuel de Assunção e Souza, comandante geral da Polícia Militar, recebeu homenagem do comando e oficialidade da Base Aérea de Belo Horizonte.

Durante o almoço que lhe foi oferecido, na Pampulha, o Coronel Manuel Assunção e Souza foi saudado pelo Major Sindímio Teixeira, que pôs em relêvo, a amizade existente entre a Aeronáutica e a Polícia Militar, e ofertou ao aniversariante um presente.

Ao agradecer, o comandante da Polícia fêz questão de ressaltar, por sua vez, a harmonia que reina entre a sua corporação e os componentes da Base Aérea de Belo Horizonte.

UM DECENIO DE ATIVIDADES DA URPM

A União dos reformados da Polícia Militar comemorou, no dia 12 de dezembro último, o décimo aniversário de sua fundação, com um variado programa de solenidades em cujo transcurso foi pôsto em relêvo o acêrvo de bons serviços prestados pela entidade aos seus numerosos associados.

Iniciaram as celebrações com a inauguração do gabinete dentário da instituição, em sua sede à rua Tenente Anastácio de Moura, 635, cerimônia realizada às 13 horas

Visita ao Comandante Geral

As 14,30 horas, os oficiais, inferiores e praças concentraram-se no

saguão da Secretaria do Interior, dali dirigindo-se, incorporados, ao gabinete do comandante geral da Polícia Militar, em visita oficial ao coronel Manoel de Assumpção e Souza.

Sessão solene comemorativa

A sessão magna comemorativa, ponto alto do programa de festividades, verificou-se às 20 horas, na sede da União dos Reformados, achando-se presentes o representante do governador Bias Fortes, secretário Paulo Pinheiro Chagas; o prefeito Celso Azevedo; o representante do general comandante da ID-4 cel. Olavo Amaro da Silveira; o comandante do 5.º B.P.O. ten. cel. Geraldo Acácio de Araujo; o coronel vereador Affonso Elias Praes, representante do presidente da Câmara Municipal; o cap. Milton Campos, assistente militar do secretário do Interior e representante do sr. Ribeiro Pena; o major José Valentim de Moura, sub-comandante do Corpo de Bombeiros, além de outras autoridades civis e militares, associados da instituição e membros de suas famílias.

Sócios Beneméritos

Durante a solenidade, que foi presidida pelo representante do governador Bias Fortes, discursou, inicialmente o presidente da União dos Reformados, cel. Otávio Batista Diniz. O orador fez um completo histórico da vida da entidade, anunciando, em seguida, a resolução da diretoria, que concedeu o diploma de sócio benemérito ao prefeito Celso Azevedo e ao dr. Aureliano de Campos Brandão.

Falando, a seguir, o prefeito da capital agradeceu aquela distinção e

comunicou à Câmara Municipal, fazendo doação à URPM do terreno em que foi construída sua sede.

Palavras de encerramento

As palavras de encerramento da sessão solene foram proferidas pelo secretário Paulo Pinheiro Chagas, depois de haver discursado o cel. José Gabriel Marques, declarando inaugurada, em nome da diretoria, a Biblioteca «cel. Tagino de Meireles», numa homenagem ao antigo sócio e primeiro secretário da instituição.

Em brilhante improviso o representante do governador Bias Fortes destacou o papel desempenhado pela entidade, congregando os reformados da Polícia Militar e prestando-lhes assistência, e finalizou, homenageando a figura de Tiradentes, patrono das Polícias Militares.

DOTADA A PM DE MAGNÍFICO SANATÓRIO

Associando-se às comemorações do segundo aniversário do governo Bias Fortes, a Polícia Militar fez realizar no dia 1.º de fevereiro último, pela manhã, a inauguração de diversas e importantes obras, na localidade de Taquaril e no Quartel do Departamento, de Instrução, executadas pelo próprio pessoal e com recursos da corporação, através do Corpo de Serviço Auxiliar.

As solenidades, que se revestiram a prestigiá-las a presença do governador do Estado e sra. Bias Fortes, secretários de Estado e auxiliares da administração mineira, dr. Lourival Ribeiro da Silva, diretor do Serviço Nacional de Tuberculose, figuras destacadas dos círcu-

los militares, além do ex-comandante geral cel. Vargas da Silva e sua exma. sra., d. Eugênia Vargas «patronesse» de uma das obras inauguradas.

Sanatório «Eugênia Vargas»

As 8,30 horas, após cordial recepção por parte do cel. Manoel de Assunção e Souza, outras personalidades e oficialidade da Polícia Militar, o chefe do govêrno mineiro presidiu, na localidade de Taquaril, à solenidade de inauguração do Sanatório «Eugênia Vargas». Trata-se de um dos mais modernos do Brasil, dispondo de dois pavilhões, um para doentes do sexo masculino e outro para o feminino, separados no centro pelo prédio da administração. Possui apartamentos para acolher 120 doentes, sala de cirurgia, aparelhagem de raio X e pneumotórax, gabinete dentário, refeitório, clausura, capela e jardim e sua provisão de água se faz por meio de um poço artesiano.

A cerimônia foi iniciada com a bênção do edifício, pelo arcebispo-coadjutor de Belo Horizonte, d. João de Rezende Costa, que também celebrou a primeira missa na capela local, que tem como padroeira Santa Terezinha, em belíssima imagem ali entronizada na ocasião.

«Lunch» e discursos

Terminado o ofício religioso, foi oferecido ao governador do Estado e sra. Bias Fontes e demais autoridades, um «lunch». Discursaram, na ocasião, o coronel professor Bolívar Drumont, o dr. Lourival Ribeiro da Silva e o cel. Manoel de Assunção e Souza, em saudação ao governador Bias Fortes e dizendo do sig-

nificado do empreendimento, que se inaugurava. Falando, por último, o governador Bias Fortes congratulou-se com a Polícia Militar e com os presentes pelos melhoramentos inaugurados, enaltecendo, ainda, a grande conquista para os elementos da corporação, que iriam, agora, dispôr de completo hospital, dotado de todos os requisitos de instalação e aparelhamentos dos mais modernos do Brasil.

Antes de retirar-se, o governador Bias Fortes percorreu, demoradamente, as instalações e dependências do Sanatório «Eugênia Vargas».

No Departamento de Instrução

As 10 horas, o governador Bias Fortes e demais autoridades se dirigiram para o quartel do Departamento de Instrução. Ali, foi o chefe do govêrno recebido pelo seu comandante, cel. Eurico Pascoal, e tôda a oficialidade do educandário.

PARÁ

DEMONSTRAÇÃO COM EXTINTORES DE INCÊNDIO

Teve lugar, na manhã de 8 de janeiro último, na capital paraense, interessante demonstração de combate ao fogo, com o emprêgo de modernos aparelhos e produtos qualificados para êsse fim. No interior de um tonel, considerável quantidade de líquido inflamável foi depositada e, em seguida, incendiada, procando a imediata formação de vigorosas chamas. Os extintores utilizados nessa demonstração, coroada de inteiro sucesso, são de carga de gás carbônico (CO₂), podendo igualmente ser

utilizada carga de espuma. Pôde, assim, a assistência, comprovar a eficiência dos aparelhos e composições químicas, de vez que as chamas foram prontamente vencidas.

Características dos extintores

Nas referidas demonstrações, viu-se dar ao conhecimento público os mais modernos métodos de combate ao perigo que o fogo representa, foram usados extintores da marca «Total», tipo pó seco (dry-chemical). O pó em questão se compõe de bicarbonato de sódio e passou por diversos testes de laboratório, sendo finalmente entregue ao comércio, após ficar comprovado que essa qualidade de pó se mantém permanentemente seco, sem correr ao risco de absorver humidade.

Os extintores «Total» são fabricados em quatro modelos, com capacidades distintas, sendo de 2½, 6, 12 e 100 quilos, cargas essas que poderão ser usadas conforme a extensão das áreas, desde simples residências particulares aos mais desenvolvidos estabelecimentos comerciais e industriais.

Após as exibições realizadas com o emprêgo de pó seco, os especialistas da Importadora promoveram idênticas demonstrações com cargas de espuma e gás carbônico, as quais alcançaram também boa repercussão.

Comprovada a eficiência do pó seco

Não apenas as pessoas conhecedoras da especialidade, mas simples observadores tiveram facilidade em verificar que as experiências realizadas com o pó seco apresentaram

resultados os mais satisfatórios. Ao entrar em contacto com as chamas, forma o pó seco densa camada de gás carbônico, destruindo rapidamente o fogo, pelo processo de abafamento. Os extintores carregados com pó seco poderão ser usados com o mesmo sucesso no caso de combate a incêndios em líquidos inflamáveis, assim como contra outra espécie de chama, sendo conveniente ressaltar, nesta oportunidade, que o pó seco vem sendo utilizado com real aproveitamento nos casos de incêndio em equipamentos elétricos. Com o uso de pó seco é perfeitamente possível debelar fogo em aparelhos elétricos, sem expor o operador de ser eletrocutado, isto porque o pó seco não é condutor de electricidade. De outro lado, não é tóxico nem corrosivo, ficando assim livre de ataque não só o operador mas também o maquinário a eventualmente for aplicado.

Motivos das demonstrações

A prevenção contra incêndio é desde os lares até as mais variadas indústrias e estabelecimentos outros, prevenção essa que se resume no uso de extintores. Os extintores «Total» são recomendáveis por dois motivos principais. Em primeiro lugar, para assegurar a defesa e a proteção ao patrimônio. Em segundo lugar, visa o barateamento do custo de seguro. É oportuno mencionar, desta feita que o Departamento Nacional de Seguros Privados baixou a portaria 21, documento êsse que concede desconto sobre as taxas de seguros aos estabelecimentos industriais e comerciais que disponham de meios preventivos. Os meios considerados preventivos, neste caso, são representados por extintores, hidrantes e chu-

veiros — automáticos (sprinklers). Os descontos concedidos pela portaria são substanciais, alcançando em alguns casos a expressiva percentagem de 70%. As organizações que se utilizarem apenas de extintores a percentagem é de 5%, percentagem essa que poderá ser até 30% no caso de ser observado o uso de extintores e hidrantes. Quando os três sistemas estiverem conugados e percentagem poderá ser até 70%.

Colaboração

As demonstrações realizadas pela Importadora Ico e que obtiveram o êxito previsto foram em grande parte facilitadas pela colaboração valiosa prestada pela firma Lisymaco Costa, que forneceu a caçamba e o material inflamável, sem qualquer despesa para a Importadora Ico Commercial S. A., o que se constituiu numa simpática cooperação no sentido de tomar mais conhecidos os modernos métodos de combate ao fogo, não só pela eficiência do aparelho usados nas demonstrações, mas especialmente pela utilização dos preparados químicos, merecendo destaque os bons resultados conseguidos com o pó seco.

Autoridades presentes

Assistiram às demonstrações o eng. Robert P. Lacroix, da Bucka, Spiero — Comércio Industria e Importação; senhor José Donati, gerente geral da Johnson & Higgins — Delect do Paraná e Santa Catarina; representante do comandante da 4.ª Zona Aérea; representante do Corpo de Bombeiros; altos funcionários da Transparaná Ltda., de Nelson Walter S. A., de Lisymaco da Costa,

afora clientes e amigos da organização.

PERNAMBUCO

SARGENTO EXPULSO DA PM

«Sabendo-se que ser preventiva é a função primordial da Polícia, porque ela vive a exercê-la onde quer que se encontre um seu agente, um seu representante, subentende-se que basta e presença de um destes, em qualquer lugar e em qualquer tempo, para ficarmos certos de que, aí, alguém vigia, alguém observa, alguém perscruta, — pois a Polícia se dis preventiva quando exerce atividade de precaução, de vigilância, de pesquisa e de zelo, com o fim precipuo de evitar a prática de desordens, delitos e contravenções e de manter inalteradas a ordem pública e a ordem social garantindo, assim, a segurança do indivíduo, a segurança coletiva, o PATRIMÔNIO ALHEIO!

Preliminarmente, tudo isto e muita coisa mais são ensinados dentro de determinado ramo de instrução, aos integrante de qualquer curso de formação de GRADUADOS da Polícia Militar de Pernambuco, dentro de um programa sabiamente organizado e dirigido pe seu Departamento de Ensino.

Particularmente, queremos dizer que é na **consciente maneabilidade** do bom policial, onde reside todo o seu valor intrínseco, toda a sua capacidade de ação no sentido de fiel e destemidamente cumprir aquela tão importante missão. Aqui, êle é todo polidez; acolá, até parece um moço de fino trato; mais adiante se apresenta como um verdadeiro

gentleman; porém, quando necessário, conforme as circunstâncias, aí teremos o desassombrado, o altivo, o enérgico, o brutamontes. Mas convenhamos, pautado sempre pelo comedimento!

Cada personalidade para cada caso, cada personalidade para determinado ambiente...

No entanto — são raras as honrosas exceções — eis a realidade atravessando este Brasil afora: uma só máscara, uma só atitude, um só comportamento; enfim uma só personalidade como elemento solucionador de qualquer ambiente!...

Mas, nada disto vem ao assunto sobre que devemos nos cingir neste nosso modesto comentário, pois queremos falar a respeito do expurgo, das fileiras da Polícia pernambucana, de um sargento que não soube honrar as insígnias conquistadas a custa de tanto esforço, durante tantos meses de estudos, num daqueles cursos de formação a que nos referimos.

Exercia ele o cargo de comissário de polícia, na princesa do agreste e, certa noite, sob o influxo talvez de algum demoníaco pensamento, sem o devido auto-domínio, irrefletidamente portanto, arrebatada a bolsa de uma senhorita que procedia de uma diversão pública e regressava ao lar, acompanhada da irmãzinha.

Lamentamos a triste e dolorosa ocorrência, que veio delustrar e ferir menos à sociedade, menos à própria pessoa do seu agente do que os bríos da invicta corporação, — cujo conceito, às vészes, até tem sido menosprezado pelos que desconhecem o intenso labor da caserna!

Houve por parte de alguns jornais da capital críticas porque o sargento andou perambulando pelas ruas do Recife, «sem ter, até então, sofrido um padre-nosso de penitência...»

A propósito é que, de público, estamos — data vênua, — dando conhecimento, a quem interessar possa, que o autor do desonroso ato, José Batista do Nascimento, em boletim geral do Comando da Polícia Militar, «ex-vi» do § 1.º, artigo 54, do Regulamento de Disciplina, acaba de ser expulso, porque o fato «foi provado, com tóda evidência, no inquérito policial-militar mandado proceder e que foi remetido a justiça.»

Finalizando o seu boletim (n.º 15, datado de 20-I-1958), disse o sr. Comandante Geral que, «a nossa Corporação não pode ter seu nome empenhado por quem não soube honrá-lo, pois a Polícia Militar de Pernambuco, intuição secular, só pode ter em seu seio elementos que a honrem e enalteçam». (Major Agenor Calvacanti — Transcrito do «Jornal do Comércio», do Recife, Pe.).

RIO GRANDE DO SUL

QUASE CONCLUÍDO O QUARTEL DO C.B.

Acompanhado do secretário de Obras Públicas, do comandante da Brigada Militar, do comandante do Corpo de Bombeiros e de outras autoridades civis e militares, o governador em exercício, sr. Hélio Carlomagno, esteve, no dia 28 de janeiro último, em visita ao local onde, pela SOP, está sendo construído o Quartel do Corpo de Bombeiros. O

sr. Hélio Carlomagno e comitiva visitaram, demoradamente, tôdas as obras, no bairro do Bonfim, apreciando o andamento dos serviços que deverão ficar inteiramente concluídos dentro de dois meses, quando, então, o Corpo de Bombeiros, atualmente instalado em precárias condições, poderá transferir-se para suas novas dependências.

Já foram concluídos diversos pavilhões de material e outros dois estão em vias de conclusão. Dois pavilhões que deverão receber duas Companhias completas do Corpo de Bombeiros, possuem amplo dormitórios, instalações sanitárias, alojamentos para oficiais e comandantes das subunidades referidas. Também estão prontos o refeitório, dois almoçarifados, lavanderia e a chamada formação sanitária, que em realidade é um pequeno hospital, com serviços médico, dentário e uma enfermaria.

Nos pavilhões destinados às Companhias serão guardadas também as viaturas pertencentes às mesmas, na parte térrea, enquanto os dormitórios estão localizados no pavimento superior. Estão em fase final de construção outros dois pavilhões, onde serão instaladas as oficinas do Corpo de Bombeiros. A lavanderia tem capacidade para mil quilos de roupa por dia e ficou acertado, diante da enorme capacidade da maquinaria, que ela atenderá o serviço de lavagem de roupas de tôdas as unidades da Brigada Militar sediadas na Capital. O único problema, por enquanto, é a pavimentação do terreno para cuja efetivação há pouco, foi aberta concorrência pública, não tendo se interessado nenhuma firma.

Ao que parece, será aberta, brevemente, nova concorrência.

O terreno em que está sendo contruído o quartel tem quase 4 hectares, com saída para duas ruas e foi adquirido pelo então comandante geral da Brigada Militar, cel. Walter Perachi Barcelos. Consta igualmente do projeto do quartel do C.B. a construção de um amplo e bem aparelhado estádio.

Após a visita, o sr. Hélio Carlomagno prestou à imprensa as seguintes declarações: «O objetivo desta visita é o de examinar a possibilidade de uma imediata transferência do Corpo de Bombeiros para o novo quartel. Tanto a Secretaria das Obras Públicas como o comando geral da Brigada Militar são unânimes em afirmar que a primeira etapa, já concluída, permite que o Corpo de Bombeiros se instale no novo quartel. Espero que dentro de 60 dias esteja pronta a pavimentação, único detalhe que falta para que se efetive a citada transferência. Como secretário do Interior e Justiça e ora respondendo pela chefia do Executivo Estadual, regozijo-me porque há 60 anos o Corpo de Bombeiros está no barracão da Praça Rui Barbosa e agora passará para uma das mais modernas instalações da América do Sul».

A BM NO POLICIAMENTO DE TRANSITO

Pelotas, Rio Grande e Santa Maria, as cidades que serão beneficiadas.

Em conferência realizada no Palácio Piratini, no dia 28 de janeiro último, entre o governador in-

terino sr. Hélio Carlomagno, o cel. I'defonso Albuquerque, comandante da Brigada Militar e outras autoridades policiais, ficou deliberado que o policiamento do trânsito de Pelotas, Rio Grande e Santa Maria será entregue à 2.a Cia. de «Pedro e Paulo», a ser criada logo mais.

Há vários meses o dr. Augusto Muniz Reis, diretor da Divisão de Trânsito, vem solicitando ao cel. I'defonso a cooperação da BM para os serviços de trânsito daquelas cidades, uma vez que é sua intenção retirar os guardas que lá se encontram, colocando-os ao serviço da capital, tão somente.

SANTA CATARINA

MELHORAMENTOS PARA A PM

A Polícia Militar de Santa Catarina, sentinela avançada da ordem e segurança pública, passou por radicais transformações no biênio administrativo do governo Jorge Lacerda, provando que s. excia. não se mostrou indiferente às necessidades e às aspirações da tradicional Corporação.

Entre os benefícios recebidos em dois anos de governo, destacam-se a criação de vários serviços, entre eles o Estado Maior, com suas Secções; os Serviços de Intendência e Fundos; o aumento do efetivo do Corpo de Bombeiros que de 52 passou para 110 homens; o aumento do Quadro de Rádio-telegrafistas; o aumento da Banda de Música, que neste ano terá novo instrumental; o novo equipamento da Companhia de Guardas; a aquisição de metralhadoras portáteis na Indústria Nacional

de Armas, além de outros utensílios de que careciam os serviços policiais-militares.

Afora isto, o Quartel do Batalhão de Infantaria foi todo reparado. O Estádio da Corporação teve seus campos de basquete e volei cimentados. As obras do Quartel do Pelotão de Cavalaria, na Trindade, estão prestes a serem concluídas. A Companhia de Comando e Serviços teve o seu efetivo aumentado de 191 para 260 homens. O quadro de Sub-Tenentes e Sargentos passou de 279 para 346, permitindo assim, o maior número de promoções que já se verificou num período governamental.

Pelo Decreto n.º 11, de 5 de maio de 1956, foram concedidos os favores da Lei da Praia, que veio beneficiar velhos e abnegados servidores da Corporação num total de 85 oficiais e 378 praças.

As dependências do Estado Maior foram tôdas reformadas.

O Corpo de Bombeiros cujo comando era de segundo tenente, presentemente é exercido por major, com 6 oficiais integrando o seu efetivo.

O COMANDANTE DA PM DIRIGE-SE AO SINDICATO JORNALISTAS PROFISSIONASI

O jornalista Jairo Vallado, presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Santa Catarina, recebeu, do cel. Mávio Fernandes Guedes, comandante da Polícia Militar do Estado, no dia 27 de janeiro último, o seguinte officio:

1. — Acabo de receber, neste instante, das mãos do Tenente Co-

ronel Chefe do Estado Maior, o officio dessa illustre Presidência, datado de 24 do corrente, referente a uma solicitação, que foi feita ao Diretor do Jornal «O Estado», pelo Capitão Edmundo José Bastos Jr., encarregado de um Inquérito Policial Militar, a fim de saber se os artigos publicados naquella órgão de imprensa, sob o pseudônimo «Cosme sem Damião», são de autoria de militar pertencente a esta Corporação.

2. — Estou afastado desta Capital, desde 23 do corrente, e, hoje, com supresa me inteirei dos acontecimentos em apreço.

3. — Devo escarecer a V. S. que o officio do qual é signatário o Capitão Edmundo, foi feito à minha revelia, embora com atribuição para fazê-lo, independente de consulta a este Comando.

4. — Entretanto, posso afirmar a V. S., que o Oficial em apreço agiu bem intencionado, com delicadeza, sem de leve tentar ferir a liberdade da lei da Imprensa.

5. — O Inquérito mandado instaurar por este Comando, e que sabemos vamos ter que ir ao Judiciário, prende-se a militares desta Corporação, que vêm fornecendo dados da nossa vida interna e as vezes reservados, para serem divulgados na Imprensa.

6. — São, como se vê, elementos que deslustram esta Fôrça, atacando com ódio e despeito o Governo do Estado, este Comando e os seus camaradas, maculando, enfim, o mais bello e sublime dos nossos ali-cercer: a disciplina.

7. — Foi com esse desejo de apurar responsabilidades, que determinei no âmbito do que me faculta a Lei, a abertura de um Inquérito, que será arquivado, tão somente por determinação legal.

8. — Posso afiançar a V.S. que a Imprensa será respeitada em toda plenitude, como em toda plenitude preciso manter as tradições desta Corporação.

9. — Na minha carreira, que já vai por quase 30 anos, jamais fiz uso da violência e do desrespeito aos preceitos constitucionais. Mantenho contudo a minha decisão, até que a Justiça se manifeste em contrário, sabendo que muitas críticas gratuitas advirão de minhas atitudes. Permita-me acrescentar, que não há neste Quartel inquérito contra a Imprensa ou direção de jornal, e sim visando terminar, tão somente no seio da Polícia Militar, informações que não deviam transpor os umbrais deste Quartel e algumas até capciosas e não verdadeiras.

10. — Sempre admiramos a Imprensa da nossa terra, havemos de tê-la como nossa amiga e defensora, como gostaríamos, também que ela compreendesse, como sempre como sempre compreendeu, a nossa finalidade dentro dos Quartéis da centenária Polícia Militar de Santa Catarina.

11. — Aproveito a oportunidade para reiteirar a V.S. os meus protestos de elevada estima e inconfundível apreço.

Mário Fernandes Guedes, Coronel Comandante Geral.

UM SÉRIO PROBLEMA DA

CRUZ AZUL DE SÃO PAULO

Por se tratar de matéria que deve merecer a melhor atenção dos sócios da Cruz Azul, transcrevemos, abaixo, a brilhante exposição feita pelo presidente cel. Pedro Marques Magalhães, aos órgãos diretores daquela entidade, acêrca do aproveitamento de seus imóveis. E-i-la:

«Como se desejava, aqui estão reunidos os dirigentes, os responsáveis diretos pelos destinos da Cruz Azul de São Paulo.

Esta reunião se impunha, como outras se imporão no futuro, para debates dos negócios da Instituição.

Nesta tratarei, como prometi no meu discurso de posse, da situação dos próprios disponíveis da Sociedade, objetivando transformá-los de simples patrimônio imobilizado em fonte ativa de renda.

Sabemos que o problema fundamental da Entidade é o relacionado a meios. Precisa a Instituição apelar para os recursos do seu patrimônio imobiliário a fim de fazer face ao acréscimo de despesas resultantes de várias causas, inerentes ao desequilíbrio econômico-financeiro por que o País atravessa, refletindo-se em tôdas as atividades humanas, quer na agricultura, quer no comércio ou na indústria, e mórmente nas instituições assistenciais, sem outra fonte de renda permanente que não as contribuições de seus asso-

ciados que, ainda pela mesma razão de instabilidade, permanece sempre aquém do custo de operação e prestação de socorros a que são obrigadas a prestar, por força de seus estatutos, com continuidade e eficiência compatíveis com as necessidades de seus contribuintes.

A Cruz Azul poderá obter renda ponderável dos imóveis que possui, alienando parte dêles e, com o dinheiro apurado, edificar os remanescentes, ou seja, transformar não somente é exequível, mas necessária: enquanto se obtém propriedades valorizadas, libera-se a Sociedade de imóveis que, não fôra o crescimento surpreendente de São Paulo e a desvalorização progressiva de nossa moeda, estariam fora da possibilidade de serem ecômicamente utilizados.

Esse o caminho trilhado por muitas outras instituições assistenciais e escolares em todo o mundo civilizado e cujo bom êxito seria enfadonho enumerar; entretanto, um exemplo bem próximo e de público

conhecimento, que convém seja lembrado, é o da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

Vistoriando os nossos imóveis e estudando as possibilidades de cada um, temos:

I — CHÁCARA DA ÁGUA FUNDA:— Tem a área de 23.670m² e está circundada de terrenos já urbanizados, em condições, portanto, de receber construções residenciais, uma vez que já está servida pela rede elétrica da Light e de transportes coletivos para o centro da cidade. A continuação de seu rendimento como gleba agrícola, como está atualmente, não poderá proporcionar, em renda, mais que 0,75% de seu valor real, o que nos parece irrisório, dada a sua localização, dentro do perímetro urbano.

Esta propriedade poderá ser loteada, na forma esquematizada na planta anexa, possibilitando a divisão de 70 a 80 lotes residenciais, vendáveis a vista ou a prazos não muito longos. Seria conveniente, como é uso corrente em tais processos de venda, reservar-se uma ou mais quadras para venda posterior.

A alienação por fases, creio, seria a forma aconselhável de transação, pois permitiria maior volume de dinheiro disponível para a aplicação em outros projetos.

II — IMÓVEL DA AVENIDA NOVA CANTAREIRA:— Engloba a área de 1.557m² e contém uma casa de moradia, alugada a preço infimo.

O ponto em que está localizado, em frente à junção da Avenida Nova Cantareira com a Estrada da Água Fria, começou, há alguns anos,

transformar-se em centro comercial, possuindo já oito armazens (secos e molhados, bar, quitanda, tinturaria e restaurante), estabelecidos e em atividade. Com o acréscimo da população local, principalmente devido a construções de residências pelo IPESP e o loteamento do Jardim França, nas vizinhanças, o imóvel em aprêço terá, em futuro próximo, seu valor acrescido do fator «ponto comercial», que não raro atinge a ordem de 200%.

Nesta conformidade sou de parecer seja êle reservado como fonte de renda, contruindo-se ali um dos três tipos de edificação, compatíveis com o local, a saber:

a) casa de diversões (cinema por exemplo), arrendando-a ou explorando-a diretamente;

b) pôsto de gasolina, com seção de reparos, lavagens, lubrificação e pintura de veículos, também para arrendamento ou exploração direta, e

c) armazens ou lojas, para fins comerciais, com residências no pavimento superior para aluguel, podendo a Cruz Azul reservar acomodações para um pôsto médico e farmácia, que nos parecem seriam de grande valia para seus inúmeros contribuintes residentes nas imediações — Barro Branco, Água Fria, Tucuruví e Tremembé.

A alternativa exposta na letra «c» é, a meu ver, a que maior renda produzirá à Cruz Azul, e seu custo de construção pouco excederá ao dos demais tipos compatíveis com o local.

Construindo-se ali 4 ou 5 armazens e outras tantas residências, em sobrado, há margem de obter-se uma renda mensal superior a 10% do valor do imóvel.

III — HOSPITAL E TERRENOS CIRCUNDANTES:—

Perfaz o imóvel a área 16.800m², aproximadamente, estando apenas construídos 2.840m², do que resultam extensas áreas altamente valorizadas, que oneram, porém, os cofres sociais, com o custo de sua conservação. É notória a desproporcionalidade existente entre a população do Estado e o efetivo da Força Pública; este está muito aquém das necessidades do policiamento e do dever de cumprir as decisões do Poder Judiciário, pelo que, com grandes probabilidades, o Governo do Estado ver-se-á na contingência de dobrar ou triplicar, talvez, o efetivo de sua Milícia, a fim de poder contar com o número de policiais-militares suficiente para a preservação da Lei, do cumprimento das decisões judiciais, da segurança do patrimônio público e privado, do bem estar e tranquilidade do povo.

Dêste aumento de efetivo, quase compulsório, face aos problemas naturais criados pelo crescimento da população, resultará o correspondente aumento do Quadro Social da Cruz Azul, que trará, como consequência, a necessidade de ampliação ou construção de novos pavilhões para o Hospital e Ambulatório.

Assim sendo, e como a concentração de diversos tipos de instalações hospitalares facilita a Administração e todos os trabalhos médicos, sou de parecer que se reserve toda a área de terreno circundante ao atual Hospital para a construção de novos pavilhões, seções especializadas, laboratórios e instalações complementares. Todavia, se essa reser-

vação continuar onerando a Sociedade, poder-se-á lembrar a hipótese de construir-se, no alinhamento da Avenida Lacerda Franco (fundos do Hospital), dois grupos de prédios de apartamentos, com 3 pavimentos, a fim de evitar-se o custo, não compensador para o local, da instalação de elevadores.

Nesta hipótese os pavimentos térreos poderão ser construídos de armazéns para uso comercial ou manufatureiro, uma vez que o ponto é favorável a essas atividades.

Resolvido este assunto, teremos também solucionada a questão relativa à localização da lavanderia do Hospital, cuja necessidade de reforma ou reconstrução deve merecer providências urgentes, sob pena de colapso total das atuais instalações, que estão funcionando em precaríssimas condições.

IV — AMBULATÓRIO:—

O terreno onde está construído o Ambulatório, com área de 3.480m², ainda oferece capacidade para receber novas edificações. Entretanto, verifica-se pelo título de propriedade que este imóvel está agravado com destinação especial, ou seja, o de receber exclusivamente construção para a sede da Sociedade, ou de escola por ela mantida.

Nestas circunstâncias, poder-se-á, na área de terreno que faz frente para a Rua Jorge Miranda, construir um prédio cujo pavimento térreo se destinará à Administração da Entidade — que desocupando o prédio do Ambulatório permitirá a sua ampliação — e os pavimentos superiores (seis ou sete, pois o local suporta grandes estruturas) destinados a

escolas primária, secundária ou profissional.

Cumpre lembrar, aqui, que a atividade educacional, quando visa obter renda, como é o objetivo deste trabalho, é francamente desaconselhável, pois as observações, conhecimentos e experiências de que se tem notícia nos indicam tratar-se de atividades que, para ser boa, é excessivamente onerosa.

Opino pela construção, ali, de um prédio para a Administração da Cruz Azul.

RESUMO DAS POSSÍVEIS TRANSAÇÕES

1 — loteamento e venda total, da chácara da Água Funda;

2 — com o produto dessa venda, contruir:

a) um grupo de armazéns e residências no imóvel da Estrada Nova Cantareira;

b) dois blocos de apartamentos na Av. Lacerda Franco;

c) um prédio para a Administração da Entidade, na Rua Jorge Miranda, e

d) reconstrução da lavanderia do Hospital.

APRECIÇÃO FINANCEIRA DA OPERAÇÃO

Com a venda da Chácara Água Funda, na forma indicada, poder-se-ão obter as seguintes rendas:

para venda a vista, após loteada	Cr\$ 9.520.000,00
para venda a prazo em cinco anos	Cr\$ 13.780.000,00
para venda a prazo, em dez anos	Cr\$ 21.180.000,00

A venda em prazo maior de dez anos é desaconselhável, em virtude das necessidades da Associação.

A reconstrução da lavanderia do Hospital, indicada para o local onde está hoje o necrotério, trazendo este para o alinhamento da via pública (do que resulta, também, a sua reconstrução) determinará:

construção dos prédios	Cr\$ 1.250.000,00
equipamento da lavanderia	Cr\$ 680.000,00
construção do grupo de sobrados no terreno da Estrada Nova Cantareira com 1.000m ² de área	Cr\$ 3.700.000,00
construção de dois blocos de apartamentos com pavimentos, sendo oito lojas e trinta e seis apartamentos, num total de 3.200m ² de área	Cr\$ 11.600.000,00
construção de novo prédio para Administração com 400m ² de área	Cr\$ 1.780.000,00
SOMA	Cr\$ 19.010.000,00



Depois dos folgedos, alimentos sadios!

Sopas, cremes, carnes, vegetais e deliciosas sobremesas resultam um maior valor nutritivo quando preparados com "MAIZENA", o alimento preferido pelo seu sabor e digestibilidade.

AMIDO DE MILHO **MAIZENA** MARCA REGISTRADA



TRIANGULO

ESTIMATIVA DA RENDA FUTURA

1 — GRUPO DE SOBRADOS DA AVENIDA NOVA CANTAREIRA

a) — Valor	}	do terreno	Cr\$ 1.800.000,00
		da construção	Cr\$ 3.700.000,00
		SOMA	Cr\$ 5.500.000,00
b) — renda mensal à base de 10% do valor			Cr\$ 550.000,00

2 — BLOCOS DE APARTAMENTOS DA AV. LACERDA FRANCO

a) — Valor	}	do terreno	Cr\$ 3.700.000,00
		da construção	Cr\$ 11.600.000,00
		SOMA	Cr\$ 15.300.000,00
b) — renda mensal à base de 10% do valor			Cr\$ 153.000,00

RESUMO

SOMA DOS VALORES	Cr\$ 20.800.000,00
SOMA DAS RENDAS PROVAVEIS	Cr\$ 208.000,00

O capital imediato para o início das obras seria obtido mediante empréstimo bancário, amortizável mensalmente pelas prestações dos compradores da gleba da Água Funda, num total mensal apreciado em Cr\$ 176.500,00.

Terminadas as construções e produzidas as rendas mensais delas previstas, num montante de Cr\$ 208.000,00, a amortização bancária poderia elevar-se a Cr\$ 384.500,00 por mês, enquanto pudéssemos con-

tar com as prestações do terreno da Água Funda.

Estas as possibilidades de que dispomos para uma operação que a Presidência da Cruz Azul julga do seu dever aconselhar, prevenindo grave crise financeira que ameaça a Entidade num futuro inquietadoramente próximo, caso não se tomem medidas drásticas e desassombradas.

São Paulo, 28 de maio de 1957
Coronel Pedro Marques Magalhães
Presidente da Cruz Azul».

Charadista!

Cruzadista!

Acaba de sair o "ÍNDICE MONOSSILÁBICO ENCICLOPÉDICO", de autoria de Ed. Lirial Jor. (Manoel Hildegardo Pereira Franco).

Obra de grande valor para Charadistas e Cruzadistas, com um Suplemento contendo Alfabetos, Música, Noções sôbre Cabala e Sinais diversos empregados pelos apreciadores da Arte Enigmística.

O "ÍNDICE MONOSSILÁBICO ENCICLOPÉDICO" é a condensação de tódas as definições e sinônimos dos términos monossilábicos encontrados na totalidade dos Dicionários adotados nas Seções de Palavras Cruzadas e de Charadas das Publicações do Brasil e de Portugal. Sendo obra completa no gênero, é o maior auxiliar para compor e decifrar Charadas, Enígmás Desenhados e Palavras Cruzadas.



Adquira o seu exemplar, à venda em tódas as Livrarias ou pedindo pelo reembólso a Manoel Hildegardo Pereira Franco, Av. São João, 1113 apt.º 16 — 3.º and. SÃO PAULO — BRASIL.

POSSE DA NOVA DIRETORIA DA

A. O. R. R. F. P.

Reportagem do

Major Olímpio de O. Pimentel

Vinte e cinco de janeiro. Dia abafado, caliginoso, adustivo, entrecortado de chuvas, que nos fez cismar não serem amistosas as relações entre os taumaturgos São Pedro e São Paulo. Enquanto Este comemorava o magno dia de sua conversão, Aquêlê abria as torneiras siderais empapando a terra e introvertendo o espirito de quantos se albergam nesta plaga atomizada.

Haverá, por ventura, no convívio dos santos ciuemeira como sói acontecer aos míseros mortais? Em tal não acredito. Eles são imunes de tôdas as mazelas que porfiam relêvo na litosfera. Intencionalmente São Pedro não faria chover para prejudicar as comemorações da grata efeméride que assinala a conversão do grande Apóstolo e quando se comemora o quadringentésimo quarto aniversário de nossa imponente metrópole.

Contudo a cidade teve uma jornada esplendorosa desde às seis horas quando foi despertada por estrondante salva de vinte e um tiros, até meia-noite, no momento em que os paulistas compenetrados, oufóricos e felizes, sentiram a satisfação

do dever cumprido para com o solo bendito de Piratininga.

Por ditosa coincidência, a Associação dos Oficiais Reformados e da Reserva da Fôrça Pública, nesse dia magnificente, comemorou a data de sua fundação e realizou a posse da diretoria eleita para gerir os seus destinos no biênio 1958 — 1959.

A despeito da disseminação de festas por todo o perímetro urbano e não obstante a violência das bategas, às 20,30 horas, o auditório «Major Antão» apresentava polpuda assistência, sófrega e irrequieta, para comemorar o 23.º aniversário da Entidade que congrega cêrca de 600 veteranos da centenária Milícia Paulista. Ao descerrar o pano de boca que tapava o palco caprichosamente ornamentado e resplendente de luzes, desenvolveu-se a Mesa composta das autoridades que deram início às solenidades. Ao centro o cel. Homero da Silveira, ladeado à direita pelo cel. Geraldo Rangel de França representante do comando geral da Fôrça Pública e, à esquerda, o dr. Mércio Prudente Corrêa, presidente da Sociedade «Veteranos de 1932 — M. M. D. C.», declarou aberta a Sessão So-

lene e congratulou-se pelo auspicioso acontecimento.

Logo a seguir, o dr. Mércio Prudente Corrêa, convidado, assumiu a presidência da Mesa, proferindo palavras repassadas de fé patriótica, não dissimulando seu euforismo ao receber tal distinção. Declarou orgulhar-se em dirigir os trabalhos por ser profundo admirador da entidade que reúne os inativos da gloriosa Força Pública, para cultivar a data de sua fundação, num cometimento cívico de relevância invulgar.

Concedida a palavra ao major Ari Gomes, apresentou êle a professora Chiquinha Rodrigues, especialmente convidada para pronunciar o discurso alusivo à data. Foram estas as suas palavras: «Exma. Professora D. Chiquinha Rodrigues, digníssima presidente da Bandeira Paulista de Alfabetização. O nosso comum amigo major dr. Olímpio de Oliveira Pimentel, escalou-me para fazer a apresentação da ilustre oradora, que vai hipnotizar a seleta assistência com o seu verbo fácil, repleto das mais belas figuras da retórica, próprias do seu aprimorado cultivo intelectual.

Como professora, ainda muito jovem, iniciou a sua campanha de alfabetizar os nossos pequeninos patrióticos por S. Paulo inteiro, sofrendo os rigores, as torturas, os dissabores inerentes ao início de tão árdua carreira. Depois de longa experiência, com o seu alto descortino viu a necessidade de irradiar a luz do saber por todo o nosso querido Brasil, fundando a Bandeira Paulista de Alfabetização, assumindo o comando supremo dessa Bandeira para atender pedidos do Brasil inteiro,

dos meios necessários a levar avante tão nobre ideal.

Livros, livros e mais livros, para formar a grande montanha do saber, e, toda esta montanha se personifica na pessoa augusta de Chiquinha Rodrigues. Não é só esta campanha da insigne professora; pois, vindo a nossa cidade de Tatuí com um governo que nada fazia pelo povo, elegeu-se PREFEITA daquela cidade para suavizar o povo aflito. Governadora de tão grande cidade paulista, sempre atuou com o coração, dando ao povo carinho, bem-estar e compreensão, de que necessitava, tendo o seu nome gravado nos corações daquele povo que sabe render-lhe eterna gratidão.

Ainda não é só. A campanha da ilustre patricia encarando os problemas que dificultavam, cada vez mais, a Família Paulista, mormente os desfavorecidos da fortuna, elegeu-se deputada, para na Casa Legislativa do Estado, socorrer com leis brotadas do coração, este povo que trabalha para a grandeza da Pátria. Contar a história cheia de sacrifícios da professora Chiquinha Rodrigues, levaria uma noite inteira; fazer sua biografia, levaria um ano, enchendo livros e mais livros, para com justiça render-lhe a merecida homenagem. Tenho certeza, ilustre professora d. Chiquinha Rodrigues, que além da Bandeira Paulista de Alfabetização de que sois a fundadora e presidente, um dia o seu nome será gravado com letras de ouro nas cores da Bandeira Nacional».

Serenadas às palmas conquistadas pelo simpático major Ari Gomes, seguiu-se com a palavra a eminente educadora dona Chiquinha Rodrigues,

que num eloqüente improviso prendeu a seleta assistência, cêrca de uma hora, transformando o ambiente num sonho quimérico onde a exaltação à Piratininga, culminou em ritmo poético, cadenciado, suave e caricioso como um ósculo de Venus; onde a glorificação à Paulicéia ascendeu na espiral do entusiasmo, da inspiração e da pirogênese como a lembrar o templo de Vesta. As referências feitas pela notável professora, sôbre o aniversário da Associação, pontilharam paisagens encantadoras no campo das realizações da entidade em festa. Chiquinha Rodrigues, no término de seu discurso, foi vivamente cumprimentada pelos componentes da Mesa, enquanto recebia da assistência calorosa ovação.

POSSE DA NOVA DIRETORIA — COMPROMISSO

A seguir deu-se a posse da Diretoria eleita para o biênio 1958-1959, composta dos seguintes titulares: cel. José Antônio Machado de Oliveira, presidente; major Olímpio de Oliveira Pimentel, 1.º vice-presidente; major Ari Gomes, 2.º vice-presidente; ten. cel. Juvenal de Lima Franco, secretário geral; 1.º ten. Sebastião Donato, 1.º secretário; cap. Ulisses Soares de Campos, 2.º secretário; major Brás Nogueira da Cruz, 1.º tesoureiro; 1.º ten. Washington Neves da Silva, 2.º tesoureiro; major Frederico Moreira, diretor sindicante; 1.º ten. Jacó Vilasboas, diretor bibliotecário; 1.º ten. Luciano Sábio, diretor do museu; CONSELHO DIRETOR: cel. Luís Pereira Leite, presidente; major Rodopiano de Barros e 1.º ten. Silviano Moreira, membros; CONSELHO FISCAL: cel. Homero

da Silveira, presidente; major Balbino Augusto Xavier e 1.º ten. Osvaldo Pereira da Costa, membros. O ato de posse foi entremeado de aplausos ao ensejo da citação do nome de cada titular. A cerimônia obedeceu tôdas as exigências do ritual, assinando cada empossado o o respectivo termo.

O cap. Ulisses Soares de Campos, pela ordem, fêz a leitura do relatório anual quando prestou informação sôbre as atividades da tesouraria. A seguir o major Ari Gomes, secretário geral, prestou significativa homenagem à memória dos consócios falecidos no decorrer de 1957. Procedeu à chamada simbólica de cartoze extintos companheiros, ouvindo-se de cada vez, o respectivo «presente». Depois solicitou um minuto de silêncio. Neste comenos, o planger dolente de uma corneta ecoou languidamente, consternando todos os presentes, que se conservavam contritos, durante o interminável minuto.

Aí findou a sessão solene. Ao encerrá-la o dr. Mércio Corrêa renovou seus agradecimentos pela oportunidade que lhe fôra concedida.

Depois de curto intervalo foi começada a «Hora de Arte», orientada pelo major Olímpio de Oliveira Pimentel, que em nome da Diretoria recém-empossada agradeceu: ao comando geral da Fôrça Pública as franquias que concedeu para o bom êxito das comemorações; à professora Chiquinha Rodrigues, pela gentileza com que se houve acedendo ao convite para fazer o discurso sôbre o faustoso acontecimento; à professora Carmen Fernandes, do Conservatório Dramático e Musical de

São Paulo,; ao sr. Luís Bianco, diretor superintendente de «Móveis Paschoal Bianco» e ao major Hugo de Almeida Portela, comandante do Batalhão de Guardas, que demonstraram espírito de solidariedade, discernimento e compreensão para com a Entidade que congrega os veteranos da Força Pública, à qual souberam amar, enobrecer e glorificar.

Antes de ser começada a «Hora de Arte» foi feita esta observação:

Se o pano não despencar
Como já aconteceu
Se nenhum artista mancar
Faltando ao que prometeu
Teremos uma hora d'arte
À altura da tradição,
E o esforço de nossa parte
A justa compensação.

Como primeiro número ouvimos Rondó Caprichoso, de Mendelssohn, executado pela pianista Laís Carvalho Monteiro; a seguir, Rosita dançou «Macarena», bailado de José Granados e Joaquim Grent; «Ah! je veuse vivre» da ópera Romeu e Julieta, de Gounod e «Vilanelle», de Dell'Aqua, interpretados por Maria Tereza Alvarez, talentosa soprano,

que foi muito aplaudida; «Fandangos da Noite», de José del Montero, dançado pela bailarina espanhola Rosita Rodrigues; «Impromptu», valsa de Liszt e «Rapsódia», de Brahms, interpretados pela pianista Marilene Zacarias; «Canção para o rio Tietê», de Geraldo Vidigal, «O Suave Milagre», de José Alves de Camargo e «São Paulo Antigo», de Batista Cepellos, interpretados pela graciosa declamadora Laís Carvalho Monteiro. Encerrou o magnífico programa o Conjunto Musical Sinfônico da Força Pública, sob a regência do 2.º tenente maestro Alcides J. Degobi, que executou: «A dança das Horas», da ópera La Gioconda, de A. Ponchielli e «La Gazza Ladra» — sinfonia de G. Rossini.

No decorrer desse saboroso banquete espiritual foram oferecidos ramos de flores naturais às jovens que o executaram, e uma linda corbelha de orquídeas à dona Candinha Silveira, esposa do cel. Homero da Silveira, que acabara de transmitir a presidência da Associação, cumulado de admiração e simpatia.

CURSO GRATUITO DE TAQUIGRAFIA

A Escola Modelo de Taquigrafia, dirigida pelo prof. Sérgio Thomaz, abriu matrículas ao novo curso de taquigrafia por correspondência que terá a duração de cinco meses, após o que serão conferidos diplomas aos alunos aprovados em exame final. Para maiores informações escrever à Escola Modelo de Taquigrafia, rua Barão de Itapetininga, 275, 9.º andar, sala 91, Caixa Postal, 8600, fone 36-7659 São Paulo

NOSSOS REPRESENTANTES

Representam MILITIA no Exterior, nos Estados e Territórios

BOLÍVIA (Cuerpo de Carabineros)

— Dirección General de Policía (La Paz) — Cap. Saul Herbas Casanovas

CHILE (Cuerpo de Carabineros)

— Prefeitura General (Valparaiso) — Capitán Franklin Troncoso Bacle.
— IV Zona de Carabineros (Concepcion) — Capitán Moysés Suty Castro
— Av. Portales, 940 — Depto. 35 (San Bernardo) — Cap. Efraim de la Fuente Gonzalez.

ACRE (Guarda Territorial)

— Q.G. (Rio Branco) — Ten. Carlos Martinho Rodrigues Albuquerque

ALAGOAS (Policia Militar)

— Q.G. (Maceió) — Cap. Sebastião Ribeiro de Carvalho.
— Desacamento Policial (São Brás) — Sgt. José Pereira da Silva

AMAPÁ (Guarda Territorial)

— Sede (Macapá) — Ten. Uadih Charone

AMAZONAS (Policia Militar e Corpo de Bombeiros)

— Cap. José Silva

BAHIA (Policia Militar)

— Palácio da Aclamação (Salvador) — Major Edson Franklin de Queiroz
— 2.º B.C. (Ilhéus) — Cap. Horton Pereira de Olinda
— 3.º B.C. (Juazeiro) — Cap. Salatiel Pereira de Queiroz
— Corpo Municipal de Bombeiros (Salvador) — Praça Veteranos — Cap. Alvaro Albano de Oliveira.

CEARA (Policia Militar)

— B.I. (Fortaleza) — Major José Delídio Pereira

DISTRITO FEDERAL (Policia Militar)

— Q.G. (Rio de Janeiro, D.F.) — Ten. Luís Alberto de Sousa
— R.C. (Rio de Janeiro, D.F.) — Ten. Hernani Alves de Brito Melo
— EFO (Rio de Janeiro, DF) — Cadete Enio Nascimento dos Reis
— Corpo de Bombeiros (Rio de Janeiro, D.F.) — Ten. Fernando Carlos Machado.

ESPIRITO SANTO (Policia Militar)

— Q.G. (Vitória) — Ten. João Tavares da Silva

GOIAS (Policia Militar)

— Q.G. (Goiânia) — Cap. Antônio Bomfim dos Santos
— 2.º B.C. (Goiás) — Ten. Rui Barbosa de Moura

MARANHAO (Fôrça Policial)

— Q.G. (São Luis) — Cap. Eurípedes Bernardino Bezerra

MATO GROSSO (Policia Militar)

— Comando Geral e 1.º B.C. (Cuiabá) — Asp. Pernufio da Costa Leite Filho
— 2.º B.C. — (Campo Grande) — Cel. Bevilaqua de Souza Soares
— 2.a Cia. do 2.º B.C. — (Ponta Porã) Sgt. Francisco Romeiro

MINAS GERAIS (Policia Militar)

— Q.G. (Belo Horizonte) Ten. Carlos Augusto da Costa
— 3.º B.I. (Diamantina) — Ten. Geraldo Francisco Marques
— 7.º B.I. (Bom Despacho) — Cap. José Guilherme Ferreira
— 8.º B.I. (Lavras) — Ten. Felisberto Cassimiro Ribeiro
— 9.º B.I. (Barbacena) — Ten. Manoel Tavares Corrêa.

PARÁ (Policia Militar)

— Q.G. (Belém) Major Dr. Walter da Silva

PARAIBA (Polícia Militar)

— Q.G. (João Pessoa) — Ten. Luis Ferreira Barros

PARANÁ (Polícia Militar)

— Q.G. — (Curitiba) — Ten. Eosny de Sena Maria Sobrinho

PIAUI (Polícia Militar)

— Q.G. (Teresina) — Cap. Oswaldo Duarte Carvalho

RIO DE JANEIRO (Polícia Militar)

— Q.G. — Cap. Ademar Guilherme

RIO GRANDE DO NORTE (Polícia Militar)

— Q.G. (Natal) — Major Antônio Moraes Neto

RIO GRANDE DO SUL (Brigada Militar)

— Q.G. (Porto Alegre) — Ten. Julio Soveral da Rosa

— 4.º B.C. (Pelotas) — Cap. Renato Moro Ramos

— 2.º R.C. (Livramento) — Ten. Carlos Cravo Rodrigues

SANTA CATARINA (Polícia Militar)

— Q.G. (Florianópolis) — Ten. Vilmar Teodoro

— 3.a Cia. Isolada (Canoinhas) — Ten. Edgard Campos Pereira

SÃO PAULO (Força Pública)

— Q.G. (Capital) — Major Nelson Agostinho Ferreira

— C.F.A. — (Capital) — C.A.O. — Ten. Valdomiro de Abreu

— C.C.S. — Cap. Salvador de Cico

— F.M.I. — Sgt. Osvaldo Varela

— B.G. (Capital) —

— Btl. "Tobias de Aguiar" (Capital) — Cap. Ari José Mercadante

— R.C. (Capital) — Asp. Jair Benedito Conte

— C.B. (Capital) — Ten. Luiz Augusto Savioli

— B.P. (Capital) Cap. Lourenço Roberto Valentim de Nucci

— 2.º B.C. (Capital) — Ten. Benedito Augusto de Oliveira

— 3.º B.C. — (Ribeirão Preto) — Ten. Nelson Homem de Melo

— 4.º B.C. (Bauru) — Ten. Aparecido do Amaral Gurgel

— 5.º B.C. (Taubaté) — Ten. Mário Ferreira

— 6.º B.C. (Santos) — Ten. Gilberto Tuiuti Vilanova

— 7.º B.C. — (Sorocaba) — Ten. Antônio Carlos Martins Fernandes

— 8.º B.C. (Campinas) — Ten. Francisco de Oliveira Andrade

— 9.º B.C. (Capital) — Ten. Francisco Rodrigues

— S.E. (Capital) — Ten. Antonio da Silva

— S.I. (Capital) — Ten. Alvaro Júlio Pielusch Altmann

— S.F. (Capital) Ten. Salvador Scaflogio

— S.Subs. (Capital) — Ten. Antonio Meneghetti

— E.E.F. (Capital) — Ten. Diomar de Melo Torquato

— S.T.M. (Capital) — Ten. Domingos de Melo

— S.S. - H.M. (Capital) Ten. José Augusto Rezende

— C.M. (Capital) — Sgt. José Romeu

— 1.ª Cia. Ind. (Mogi das Cruzes) — Cap. Alfredo de Paula das Neves

— 2.a Cia. Ind. — (São José do Rio Preto) — Ten. Rui da Silva Freitas

— 3.a Cia. Ind. — (Presidente Prudente) — Cap. Sebastião Lopes

— 4.ª Cia. Ind. (Araraquara) — Ten. Adalberto José Gouvêa

— 1.ª C.I.B. (Santos) — Cap. Paulo Marques Pereira

— Rádio Patrulha (Capital) — Sr. Epaminondas Caldas Camargo

— Cia. de Policiamento Rodoviário (Capital) — Ten. Flávio Capeletti

— Polícia Florestal (Capital) — Cap. Teodoro Nicolau Salgado.

SERGIPE (Polícia Militar)

— Q.G. (Aracaju) — Cap. Renato de Freitas Brandão

Além dos supra mencionados, mantemos agentes em todas as cidades do interior do Estado de São Paulo e ainda em numerosas outras cidades do Brasil.

PALAVRAS CRUZADAS

Cap. Plínio D. Monteiro

HORIZONTAIS:

1 — Indiferença, 2 — Igreja Episcopal, 3 — Representação em teatro lírico, 4 — Escravos do Estado, em Esparta, 5 — Parte em que se amuram as velas do navio, 6 — Origem ou ponto de inserção dos órgãos de uma planta.

VERTICAIS:

1 — Punhal ma'áio 2 — Artigo, 3 — (fig.) Exemplo, 5 — Chedeiro (pl.), 5 — Basta, 6 — (fig.) Degradação moral.

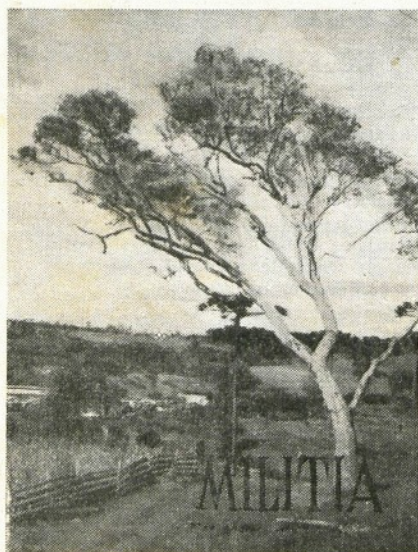
SOLUÇÃO DO N.º ANTERIOR

Horizontais:— Aba — Creme — A.C. — As — Tardo — Radar — Atalá — Ao — El — Er — Ga — Sílvio — Armeus — Ad — Es — Ia — Do — Oírar — Ósmio — Da-

	1	2	3	4	5	6
1	■					■
2		■			■	
3						
4						
5		■			■	
6	■					■

mam — Om — Só — Ramis — S.O.S.

Verticais:— Arcar — Bé — Amada — Catalisador — Esoterismo — Roido — Dever — Armam — Agudo — Asa — Aso — Ramas — Oasis — Mó.



NOSSA CAPA

Aspecto de uma Fazenda em Nova Friburgo.

(Estado do Rio de Janeiro)

MILITIA

Revista de assuntos técnicos policiais
militares e culturais em geral

ÓRGÃO DO CLUBE DOS OFICIAIS DA FORÇA
PÚBLICA DE SÃO PAULO

Redação e Administração:

RUA ALFREDO MAIA N.º 106

Fones { externo 34-6488
 { interno 138

SÃO PAULO, S. P. _____ Brasil

ANO XI

Janeiro/Fevereiro de 1958

N.º 73

DIRETOR GERAL:—

cel. José Anchieta Torres

DIRETOR RESPONSÁVEL E TESOUREIRO:—

Cap. Hildebrando Chagas (E.J.C.L.)

SECRETÁRIO:—

major Francisco Vieira da Fonseca

GERENTE:—

Cap. Miguel M. Sendin

REDATORES :

— ten. cel. cap. P. A. Cavalheiro Freire
— major Olímpio de O. Pimentel
— cap. Plínio D. Monteiro

— cap. Jorge Mesquita de Oliveira
— cap. Felix de Barros Morgado
— cap. Francisco Antonio Bianco Jr
— 1.º ten. Antonio Silva

ILUSTRAÇÃO :

— cap. Felix de Barros Morgado
— Nelson Coletti

FOTOGRAFIA :

— Gab. Fot. da F.P.

ASSINATURAS

Por 6 números Cr\$ 70,00

Número avulso Cr\$ 15,00

AOS COLABORADORES E LEITORES

A colaboração nesta revista é franca a todos; porém, não será possível a publicação de trabalhos político-partidários ou religioso-sectários os quais não se enquadram em seu programa.

Tôda a matéria deve ser datilografada com espaço duplo, num só lado do papel, não devendo ultrapassar seis páginas de papel almasso. Os desenhos e esquemas ilustrativos referentes aos trabalhos deverão ser feitos a nanquim, sobre cartolina ou papel branco forte.

* Os originais não serão devolvidos, mesmo quando não publicados, nem mantemos correspondência sobre a sua publicação.

* A Revista não assume responsabilidade por conceitos formulados pelos autores em trabalhos assinados.

* Desejamos estabelecer permuta

* Deseamos establecer el cambio

* Desideriamo stabilire cambio

* On désire établir échange

* We wish to establish exchange

* Austausch erwünscht



A criança que se mostra desanimada, sem coragem de estudar as lições e com preguiça até de pensar, tem falta de energia.

Muitas vezes a causa dessa apatia consiste apenas em falta de açúcar no orga-

nismo. Conduzido pela circulação, o açúcar se transforma no combustível por excelência do sistema muscular. Claude Bernard, famoso cientista, chamou o açúcar de "carvão dos músculos".